
Quem matou Pacifico?

Roteiro técnico
de
Puncto Pauto Severino

Rio, 1974

DO ROMANCE HOMÔNIMO DE
MARIA ALICE BARROSO:

Quem matou Pacifico?

Argumento de
MÁRIO LÚCIO BRANDÃO
e
RENATO SANTOS PEREIRA

Roteiro de
RENATO SANTOS PEREIRA

• Rio, 1974 •

SEQUÊNCIA DE ABERTURA

(Pró-créditos)

1 - EXT. - CEMITÉRIO - NOITE E MANHÃZINHA - LOCAÇÃO

G.P.G. e P.P. por ZOOM - A primeira imagem do filme revelará, em G.P.G., a totalidade de um cemitério de cidade do interior: pobre, maltratado, solitário no alto de um morro. Um túmulo, excepcionalmente limpo e bem cuidado, em Primeiro Plano; ao fundo um portão de ferro, largo, com duas peças trabalhadas, sobressaindo em ambas as cruzes. É noite, e uma chüvinha miúda cai, impertinente.

SOM - Ruído de carro se aproximando e parando, off.

Instantes depois um homem alto, forte, vestindo uma capa de gabar-dino, chapéu de boiadeiro, pára junto ao portão. ZOOM fecha rapidamente nele. O homem abre o portão e entra, caminhando lentamente (câ-mera o acompanha em PAN.). É Pacífico de Moura Alves, fazendeiro, cer-ca de 60 anos. Súbito ouve-se um disparo, forte, de garrucha antiga.

SOM - Tiro de garrucha, forte.

Ele sente o impacto, cambaleia, arqueando o corpo, no susto.

CORTA PARA

2 - P.A. e P.P. por ZOOM ou TRAV. AV. - "Raccord" de movimento: Pa-cífico tenta continuar a caminhada, assustado, trôpego. Logo ouve-se o segundo tiro.

SOM - Novo tiro de garrucha.

O corpo do fazendeiro sente com um estremeção o segundo tiro. Esforça-se para apressar o passo e livrar-se do atirador escondido, na tocaia assassina. Mas ele se dobra totalmente para trás. Tenta equilibrar-se, apoiando-se contra um túmulo, mas tomba definitiva-mente, entre ostremecimentos, para logo imobilizar-se no chão enchar-cado. Câmera vai sobre o seu rosto, até focá-lo em Pp.P., sob a chu-vinha insistente. A água que corre pela terra em pequeninos canais vem bater contra o seu rosto desfigurado pelo pavor da morte, a boca totalmente aberta, por onde penetram filetes de água, de mistura com sangue e lama. CORTA PARA

3 - G.P.G. - Estamos ainda no comitório, enquadrado de outro ângulo, do corpo de Pacífico para o fundo, no qual se destaca uma casa humilde, pintada de branco. Está amanhecendo e um homem de feições rudes aparece à porta, carregando uma enxada.

4 - P.A.C. e TRAV. ATRÁS - O homem, que é o coveiro Joãozão, é enquadrado agora em Plano Americano Cerrado. É corpulento, com cara de poucos amigos e olhos de beorrão. Vem caminhando despreocupado pela ala principal do comitório (câmera o acompanha em movimento de recuo). De repente o coveiro pára, a surpresa aterrorizante estampada no semblante, o olhar dirigido para um dos lados. Sai do quadro.

5 - P.M. e PAN. - O mesmo Joãozão é enquadrado agora de costas, ainda parado. Ao fundo o corpo do fazendeiro estirado no chão enlameado, perto de um túmulo. O coveiro caminha apressadamente até ele. Estaca ao pé do corpo, indeciso, bestificado.

6 - P.A. e PAN. - O coveiro agora se decide e abaixa-se para examinar o corpo, obrigando a câmera a corrigir o enquadramento.

CORTA PARA

7 - P.P. - "Raccord" do movimento: Joãozão repete o movimento de abaixar-se, permitindo que seu rosto entre no quadro. Examina detidamente o corpo inerte, já lívido. Filotes de água deslizam pela cara do fazendeiro, sempre de boca aberta.

8 - Pp.P. - O rosto do coveiro ocupa todo o quadro. Seu semblante é o de um homem aterrorizado, embora sua profissão seja a de lidar com mortos.

9 - Pp.P. - Detalhe do rosto lívido de Pacífico, molhado de chuva, um filote de sangue coagulado saindo da boca escancarada.

10 - P.A. - Câmera baixa, em "contro-plongée", focaliza o coveiro no instante em que murmura, benzendo-se:

JOÃOZÃO - Nossa Senhora, Mãe de Deus! Quem matou o

coronel Pacífico?!

11 - P.P. o DETALHE por ZOOM - CORTA PARA o rosto de Pacífico. Câmera aproxima-se lentamente de sua boca para mostrar um dente de ouro, bem à mostra, brilhando sob a chavinha garoenta, até detalhá-lo de forma a encher toda a tela, atingindo a desfocalização total. SOBREPOTOS AO AMARELO MOLHADO DO DENTE DE OURO, DESFOCADO, DESFILARÃO EM SEGUIDA OS CRÉDITOS DO FILME, COM MÚSICA FORTE, ÀS VEZES BREJEIRA, GOZADORA.

SEQUÊNCIA 2

12 - EXT. E INT. DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PARADA DE DEUS- NOITE

P.P. - Um sino de locomotiva "maria fumaça" (a vapor) tocando alegremente. CORTA PARA

13 - P.P. - Na tela agora o apito da máquina com escapamento de vapor.

SOM - Apitos estridentes.

14 - P.G. em TRAV.ATRÁS - Instalada num carro-de-linha, a câmera enquadrará agora a "maria fumaça" entrando na estação da cidade de Parada de Deus, bufando, apitando, alegre, escandalosa. A locomotiva pára de voz, e mesmo sucedendo com o carro-de-linha de onde a tomada é feita. Uma correção de câmera deverá permitir a visão de parte da plataforma, com o seu movimento habitual de chegada de trem.
SOM - Trem chegando.

15 - P.G. - Outro ângulo da estação. Os primeiros passageiros deixam os carros de primeira e segunda. Empregados da estação aproximam-se do carro-bagageiro com seus carrinhos. O chefe da estação a postos. Movimentação. VAMOS AGORA PARA

16 - P.A. de um dos carros de primeira da Leopoldina. Um homem bastante jovem desce as escadinhas, a mala na mão. É Roberto Santos, envorgando o seu blusão de couro, que logo se saberá inseparável. Um negrinho se aproxima e indaga-

CARREGADOR - O senhor quer hotel, moço?

ROBERTO - Vou pro Hotel Madre Joana. Toma a mala.

O molecoto toma a mala do viajante, que o segue de perto. Os dois saem do quadro.

17 - P.A.L. e TRAV.ATRÁS e PAN. - "Raccord": Roberto é o carregador caminhando pela pequena estação. Andando, como se procurasse alguém, o recém-chegado quase se choca com um homem alto, corpulento, vestindo uma capa de boiadeiro, chapelão à cabeça. Roberto se desculpa e continua a andar, no oncalço do molecoto, mais à frente.

18 - P.P. do homem de capa e chapelão boidadeiros, que pára e acompanha com o olhar curioso o recém-chegado. Ao fundo gente passando pela porta de saída da plataforma.

19 - P.M. e PAN. - Enquadra-se Roberto e o carregador mais à frente. Dois homens se aproximam, param à frente do recém-chegado. Um deles estende a mão, que Roberto logo aperta, enquanto diz:

PRIMEIRO HOMEM (MOACIR DE CASTRO) - O senhor é que é o novo instrutor do aero-clube?

ROBERTO - Sou eu mesmo.

20 - P.A.L. do grupo. Roberto aperta a mão do segundo homem.

MOACIR DE CASTRO - Desculpe o nosso atraso. Eu sou Moacir de Castro, presidente do nosso aero-clube. Este é o doutor Custódio Simões, vice-presidente.

ROBERTO - Muito prazer. Não precisavam se incomodar.

21 - P.P. - Ponto-de-vista (pv) de Roberto: Os dirigentes do aero-clube. Doutor Custódio diz:

CUSTÓDIO SIMÕES - Fez boa viagem?

ROBERTO (off) - Um pouco cansativa. E o trem atrasou um pouco.

MOACIR - Vai pro Hotel Madre Joana?

22 - P.M. - Enquadra-se agora o grupo. Roberto confirma com a cabeça e logo os três começam a caminhar, seguidos pelo carregador. Dr. Moacir está com a palavra:

MOACIR - Tivemos boas referências do senhor. Já temos uma turma de seis inscritos e se for possível gostaria que começasse já amanhã. Acha que dá?

23 - P.P. por TRAV. LAT. - Roberto em P.P. no quadro e os outros dois à sua esquerda. Câmera em movimento de "travelling" lateral para enquadrá-los. Roberto responde:

ROBERTO - Pra mim não tem problema. Claro que tenho

que ver primeiro o aparelho e as condições do campo.

MOACIR - O senhor vai gostar. O "Cossma" está tinindo de novo.

CUSTÓDIO - Vai gostar sim. E acho que também vai se dar bem na cidade. É pequena porém decente...

24 - P.P. por TRAV. ATRÁS - Roberto é focado em primeiro plano. Ele está voltado para os dois. E diz:

ROBERTO - Espero que sim. Eu me adapto facilmente com os lugares onde tenho que trabalhar. Também sou fluminense, do interior, mas moro no Rio há muitos anos.

Câmera estaca o seu movimento. Roberto e os demais saem do quadro. Câmera corrige para mostrar através das grades da estação ferroviária a locomotiva a vapor começando a movimentar-se.

SOM - Ruídos de máquina começando a movimentar-se.

ESCURECIMENTO

SEQUÊNCIA 3

25- EXT. CAMPO DE AVIAÇÃO (AERO-CLUBE) E CIDADE - DIA

G.P.G. e PAN. - Enquadra-se em Grande Plano Geral, em manhã de um dia luminoso, lavado pela chuva da véspera, a pista de pouso do aéro-clube de Parada de Deus. Um avião monomotor está com a hélice ligada. O "Cessna" começa a correr pela pista de terra batida, levanta vôo. Câmera panoramiza para acompanhar a decolagem perfeita do aparelho.

SOM - Avião levantando vôo.

CORTA PARA

26 - P.P. - Enquadra-se o piloto, Roberto Santos, de óculos escuros, no controle do aparelho reluzindo de novo. Sua satisfação por estar de novo pilotando um avião é evidente.

SOM - Avião monomotor em vôo.

O piloto logo volta-se para a sua esquerda e olha para baixo, para a paisagem.

27 - P.G. (em movimento) - Tomadas dos campos vizinhos de Parada de Deus e da cidade surgindo no quadro.

28 - P.G. - De baixo enquadra-se o "Cessna" voando sobre a cidade. O pequeno aparelho começa a descer sobre o casario.

SOM - Ruídos do avião.

29 - P.P. de Roberto pilotando o aparelho. Aciona o manche para fazer o avião picar.

SOM - Ruídos fortes do avião.

30 - P.G. (movimento) - De dentro do pequeno avião (pv. do piloto) pode ser visto o casario da cidade, cada vez mais próximo.

31 - P.M. - Instalada no telhado de um sobrado câmara enquadrará o céu no instante em que o "Cessna" surge, quase raspando o casario.

32 - G.P.G. - Enquadramos agora a praça principal da cidadezinha.

Gente chega de todos os lados, apontando para o alto, comentando as proezas do novo piloto.

SOM - Murmúrios; gritos; ruídos off do avião.

33 - P.M. e PAN. - No quadro um grupo de curiosos voltados para o céu. Surge o avião em vôo rasante sobre a praça.

34 - P.G. (movimento) - Ponto-de-vista do piloto: a praça com os curiosos aproximando-se velozmente no quadro.

SOM - Ruído forte de avião.

35 - P.G. - Colocada numa das torres da matriz a câmara focalizará a mesma praça no momento em que o "Cessna" alça vôo sobre os telhados, subindo veloz, pilotado por mãos mostras.

SOM - Idem.

36 - P.P. de piloto, feliz, um leve sorriso nos lábios, no comando.

37 - P.G. - Arredores de Parada de Deus: o aparelho surge no quadro, volta e se dirige novamente para o centro da cidade.

SOM - Ruído do avião.

38 - P.G. - Enquadra-se outra vez a praça da matriz, com os grupos de curiosos comentando as "loucuras" do piloto.

39 - P.P. de um habitante, que se volta para o lado e para o alto e grita para os companheiros:

POPULAR - O cara é maluco! Tá parecendo que vai querer passar por entre as torres da igreja!

40 - P.G. - A matriz, o céu. O aviãozinho aparece veloz e passa por entre as torres do templo.

SOM - Ruídos do avião; comentários dos populares, off.

41 - P.P. - Câmera no interior do aparelho para focalizar o piloto,

feliz. Ele olha para baixo.

42 - G.P.G. (movimento) - Pv de Roberto: a praça da matriz com os curiosos, a igreja. O casario da cidade. Afastamento.

CORTA PARA

43 - P.G. e PAN. - O hangar do aero-clubo, em primeiro plano, e o campo de pouso. O "Cessna" surge no céu e toma a rota para a aterrissagem. Câmera faz PAN. para mostrar o perfeito pouso. Um grupo de pessoas entra no quadro final e se dirige até o aparelho, que taxia o pára. O piloto salta da cabine e caminha até o grupo.

44 - P.M. - "Raccord": Roberto chega até o grupo de alunos e dirigentes do aero-clubo.

ROBERTO - Então, gostaram da demonstração?

MOACIR - Gostei muito. O povo é que se assustou. Não está acostumado.

45 - P.P. de Roberto, que comenta:

ROBERTO - Será que nunca viram um piloto de verdade?

MOACIR (off) - Adoidado assim acho que não.

46 - P.M. (como 44) - Todos riem no grupo. Roberto se dirige agora para os candidatos a piloto.

ROBERTO - Quem quer ser o primeiro a subir comigo?

Ninguém se apresenta. Roberto volta a dizer:

ROBERTO - Como é que é? Não querem ser pilotos?

Um deles se apresenta, meio resabiado.

47 - P.P. de Roberto e do aluno.

ROBERTO - Muito bom. Um herói. Vamos mostrar pra essa gente o que é pilotar um avião.

48 - P.G. e PAN. - Roberto e o aluno se dirigem para o "Cessna", em meio da cagaçada de todos, que também vão até o aparelho.

UM ALUNO - Ih, ele vai desmaiar! Tá branco!...

Dr. CUSTÓDIO - É, mas você não teve coragem de ir...

OUTRO ALUNO - Como é que você quer o epitáfio?

SOM - Gargalhadas.

CORTA PARA

EXT. - FAZENDA DE SANTANA - DIA

49 - P.G. o PAN. - Uma fazenda; o curral; as pastagens. No céu surge o "Cossna", em vôo baixo. Panorâmica para acompanhar o vôo do aparelho. Ao final do "take" entra no quadro a varanda da sede da fazenda. Uma mulher negra, com vestido caseiro, cabelo em coque, vem até a varanda no momento em que o fazendeiro (que não é outro senão Pacífico Moura Alves) está subindo a escadinha. A mulher, olhando para o alto, indaga:

MULHER DE PACÍFICO (IDALINA) - Quem é esse maluco?

50 - P.A. dos dois ("raccord). O fazendeiro responde, ríspido:

PACÍFICO - Sei lá. Não aborrece, mulher.

51 - P.P. - Enquadra-se o piloto, no comando do avião. Câmera corre para mostrar o aluno, bastante assustado.

52 - EXT. FAZENDA DE SANTANA - DIA

P.G. o PAN. - Um pasto, com muitos bois (uma rês em P.P.). No céu surge o aviãozinho, que pica sobre o pasto, assustando os animais. CORTA PARA

53 - P.A. - Enquadramos agora o piloto e o aluno, este muito assustado. Roberto volta-se para o aluno:

ROBERTO - Por hoje basta. Vamos sobrevoar a cidade e depois pousamos. Quer pilotar um pouco?

ALUNO (pressuroso) - Não, obrigado. Vê lá se eu posso...

54 - P.G. (movimento) - "Flashes" da cidade, vista do alto. Ainda é possível verem-se grupos de curiosos na praça, comontando, os olhares voltados para cima.

ESCURECIMENTO

SEQUÊNCIA 4INT. - BAR DO NÉCO - NOITE (INT. REAL)

55 - P.P. e P.A., P.M. e P.G. por TRAV. ATRÁS (ou ZOOM) - Quando a cena clareia vemos inicialmente a mão de um garçom colocando uma Brahma sobre uma mesa de bar. Rôcúo rápido de câmara, através de TRAV.At. ou por Zoom abrindo para permitir se vejam os ocupantes de uma das mesas de bar movimentado, noturno. São o piloto, Roberto, o Prof. Biliú, velho boêmio de Parada de Deus, de todos conhecido, e o vice-presidente do aero-clubo, Custódio Simões. No movimento da câmara Roberto estará dizendo:

ROBERTO (para o professor) - É um prazer estar na sua companhia, professor, e na sua também, doutor Custódio. Doutor Custódio faz um gesto como se dissesse "por quem sois...", ao passo que o Prof. Biliú redargue:

PROF. BILIÚ - O prazer é meu, meu rapaz. Você é bom piloto mesmo, e como todo bom piloto meio adêidado. Quero brindar as suas demonstrações do outro dia.

Os dois tocam os copos de cerveja.

SOM - Copos se tocando.

56 - P.P. (DETALHE) dos copos se tocando no brinde ("Raccord").

SOM - Idem.

57 - P.A. - ("Raccord de movimento) - O prof. Biliú acaba de beber o seu grande gole para logo dizer:

BILIÚ - Você não conhece ainda Parada de Deus. Uma semana é muito pouco. Um ano não é muito. É verdade... Só vivendo aqui. Parece que o tempo não passa, que nada acontece, que é essa pasmaceira que você deve ter observado. Mas acontece muita coisa para um bom observador. Coisas do arco da velha. E os tipos que vivem aqui?

58 - P.M. - O canto do bar, contrada a massa de Roberto. Um garçon está passando. Biliú faz-lhe um sinal.

BILIÚ - Mário, traga outra Brahma. (Para Roberto) - Veja algumas das pessoas que frequentam todas as noites o Bar do Néco: aquele ali ó o Honorino Santivos, o melhor barbeiro da cidade, conhece a vida de todo o mundo: fofoca ó com ele...

59 - P.P. do barbeiro (voz off de Biliú).

60 - P.M. e Pp.P por ZOOM ou TRAV. AV. - Aquole que está com ele ó o doutor Pierre Lavaquerry, um engenheiro francês contratado...

61 - P.P. do francês, ao lado do barbeiro. Biliú está dizendo:

BILIÚ (off) - para trabalhar na mina de malacacheta. Está vendo aquele mulato...

62 - P.P. do mulato (Póla-égua), solitário numa mesinha do canto.

O professor está continuando o seu relato:

BILIÚ (off) - de cabelo liso, sentado ali sozinho? É o Póla-égua, filho da Maria Rezaheira, a mais famosa benzedeira da região.

63 - P.M. e Pp.P. (final do plano nº 60) - Estamos novamente com o pfof. Biliú, Roberto e o doutor Custódio. Câmera estará fechada sobre o que está com a palavra:

BILIÚ (continuando) - Cá pra nós, que ninguém nos ouça: dizem que ele é filho ilegítimo do coronel Pacífico Moura Alves, irmão do nosso prefeito, o dr. Oceano Moura Alves, a família mais tradicional daqui, dona da cidade.

SOM - Em toda a seqüência se estará ouvindo musica irradiada por um velho rádio da prateleira do balcão.

64 - P.A.C. - O destaque agora ó para o vice-presidente do aro-clubo, que toma da palavra:

DR. CUSTÓDIO - Você já ouviu falar por certo do nosso delegado, o Tonico Arzão, não é?

ROBERTO (no quadro) - Já sim, mas ainda não conheci.

CUSTÓDIO - Você vai conhecer. É perneta, confia mais na argúcia do que na violência. Nunca anda armado. Pôs ordem nisto aqui. É o único homem que os Moura Alves respeitam.

Há uma pausa para novos goles. Depois Roberto pergunta, curioso:

ROBERTO - Mas quem são esses Moura Alves, professor?

65 - P.P. - Enquadra-se agora o prof. Biliú. Ele serve longo gole e depois de limpar a boca com a costa da mão começa a falar:

BILIÚ - Já disse que são os donos de Parada de Deus. Os mais ricos e também os mais violentos. Eles fazem as leis. É assim desde a fundação do lugar pelo bisavô do atual prefeito, o Chico das Lavras, pelo muito ouro que extraíu da terra, dizem que por inspiração divina.

66 - P.A. e P.M. por TRAV. CIRCULAR e ATRÁS - Neste ponto da fala do professor a câmara iniciará longo o complexo movimento; de início efetuará um movimento circular para mostrar os três ocupantes da mesa; depois circulará pelas mesas do bar repleto, revelando o silêncio que de repente se faz no ambiente, como se o professor Biliú estivesse falando para um auditório profundamente atento.

BILIÚ (continuando) - ... Essa gente está cercada de lenda a respeito, muito mais, acho, pela fama de valentia deixada pelo capitão Holoeno de Moura, pai do Oceano e do Pacífico. Foi chefe político desta região durante muito tempo. Seu feito máximo foi ter urinado um dia no revólver de um antigo delegado de polícia, que apontara a arma para matá-lo.

Há uma pausa para permitir que o orador refresque a garganta com um comprido gole da 'bebida'. Depois, tomando consciência da

atenção geral, protesta, brincalhão:

BILIÚ - Uê, quê que houve? Nunca ouviram falar dessa história, seus fofoqueiros?

Todos riem e voltam a seus papos particulares. A música do rádio volta a fazer-se ouvir.

67 - P.P. do professor, que torna a limpar a boca e volta ao seu relato:

BILIÚ - (mais baixo) - Muitas mortes foram creditadas aos Moura Alves, pai e filhos, e todos sabiam que a sinistra Lagoa Preta, desde os tempos do capitão Heleno, era o depósito dos corpos dos inimigos da família Moura Alves.

68 - P.P. de Roberto, absorto no relato do companheiro de mesa.

BILIÚ (off) - Até hoje essa gente trata os empregados das fazendas como escravos. O coronel Pacífico, por exemplo, pegava as negrinhas e mulatas de sua fazenda, punha filhos no mundo e depois metia os pés nelas. Acabou enfeitado por uma, com quem se casou na igreja e no cartório, no duro, a negra Idalina, mas que vive trancada na Santana e nunca pôs os pés em Parada de Deus, porque ela não deixa, tem vergonha. Uma peste de homem.

69 - P.P. do professor (como 67).

BILIÚ - Inimigo dele corre o risco de aparecer afogado na Lagoa. Isto é, corria, antes do Tonico Arzão ser o delegado.

SOM - Ao final da fala de Biliú ouvir-se-a o ruído longínquo de cavahada.

70 - P.M. - Enquadra-se toda a mesa onde se encontra o piloto. Alguém grita para dentro:

POPULAR (off) - São elas, minha gente, o mulhero da Linha que ovém!

71 - P.G. - Todo o interior do bar do Néco. A maioria esmagadora dos presentes deixam apressadamente suas mesas e se dirigem para

a porta do bar.

SOM - Vozario, arrastar de mesas.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 5

EXT. - BAR DO NÉCO E RUAS E PRACAS - NOITE (LOCALIAO)

72 - G.P.G. - Enquadra-se vasta extensão da principal praça de Parada de Deus: o jardim de árvores altas, copadas; a igreja-matriz, protetora; a rua onde está situado o bar do Néco, deserta. Vindo de detrás do templo surge na esquina, ao fundo, um bando de mulheres a cavalo, velozos, álares, aos gritos, desafiadoras. No "take" podem ser vistos os primeiros freqüentes boômios do bar surgindo curiosos à porta do estabelecimento noturno.

SOM - Ruídos de patas de cavalos se chocando contra o calçamento; gritos femininos.

73 - P.M. e TRAV. ATRÁS (ou ZOOM abrindo) - Focaliza-se desta feita a frente do grupo de mulheres montadas, com uma bela jovem na vanguarda, instigantemente bela, desafiadora. É Luzia, "la belle". Câmera recua rapidamente para enquadrar Luzia e outras mulheres em suas monterias pouco ajazadas, os longos cabelos soltos ao vento, sumariamente vestidas. Luzia e suas perfeitas formas... O mulheroio exuberante da Linha (zona de prostituição), os cavalos fogosos, instigados pelos rebenques manejados por mãos seguras, de exímias cavaleiras... Os gritos de prazer, desafiadores... É Luzia sempre à frente.

CORTA PARA

74 - P.G. do bar do Néco. Todo o mundo está agora plantado à porta, curioso, comentando o insólito espetáculo.

SOM - Vozario; som off de cavalos; gritos off das cavaleiras.

75 - P.A. ("contro-plongée") - Colocada contra o solo, a câmera enquadrará agora as mulheres em suas montarias passando vozes no quadro, aos gritos e risadas.

SOM - Ruídos de patas; gritos.

76 - P.P. por TRAV. AT. (ou ZOOM) - O rosto audaz de Luzia, seu sorriso desafiador, os longos cabelos soltos ao vento (câmera sempre a enquadrando em movimento de recuo ou lateralmente).

SOM - Idem. Ibidem.

77 - P.G. - Enquadra-se um ângulo da praça, com diversas residências num dos cantos do quadro. Várias janelas são abertas e caras curiosas exibem surpresa, de mistura com restos de sono pregados em suas feições provincianas.

78 - P.P. de uma velha à janela, se persignando.

SOM off de cavalos passando e gritos das mulheres.

79 - P.A. de diversos boêmios do bar do Nôco gritando para as mulheres que passam em suas montarias.

BOÊMIO - Dá-lhe, Dorinha!

BILIÚ - Aí Jujú, estou torcendo por você!

OUTRO POPULAR - Éta mulherio de raça!

80 - P.A. (lente de aproximação - efeito de câmera lenta) - Luzia à frente das mulheres de "vida airosa", aos gritos e risos, extremamente felizes, audazes, respondendo aos incentivos dos boêmios.

UMA DAS MULHERES - Ô seus maricas! Num tá na hora de ir pra caminha?!

LUZIA - Nunca viram mulher montada em cavalo?

81 - P.M. e PAN. - O cavalo branco de Luzia (o único por sinal dessa cor) dispara rua afora, distanciando-se dos demais.

INT. - QUARTO DE DORMIR DO DELEGADO - NOITE

82 - P.M. e TRAV. LATERAL - Tonico Arzão, o delegado da cidade, homem de seus 63 anos, uma perna amputada à altura da canela, está se levantando da cama; apanha as muletas apoiadas contra a parede e se dirige à janela, um leve sorriso irônico nos lábios.

SOM off de cavalos a galopo.

EXT. - CASA DO DELEGADO - NOITE

83 - P.M. da janela da casa de Tonico Arzão, nas vizinhanças da Delegacia. O delegado surge à janela, curioso, um certo deslumbramento no rosto. Está acendendo um cigarro de palha. Depois fala, mais para si próprio:

DELEGADO - Diabo! O vigário vive me pedindo pra acabar com essa som-vergonhica, mas é tão bonito!

Tonico Arzão acompanha com o olhar a cavalgada sob sua janela.

SOM off de cavalgada.

84 - P.G. e PAN. (pv do delegado) - As amazonas noturnas desfilam sob a janela do delegado; todas aconam para a figura simpática da autoridade, que sorri, em troca, enquanto faz um gesto de discreta censura.

SOM - Cavalos; gritos.

INT. QUARTO DO VIGÁRIO - CASA PAROQUIAL - NOITE

85 - P.P. do vigário deitado na cama estreita, no justo instante em que acorda assustado. Acende a luz da mesinha e ao som off da cavalgada inusitada se põe a rezar, o terço na mão, as feições entristecidas, quase zangadas.

SOM off de cavalgada.

EXT. - RUAS E PRAÇAS - NOITE

86 - P.G. e PAN. - Colocada em posição alta, a câmara enquadrará um trecho de uma das artérias da praça da matriz, vazio. Vindo do fundo surgem as mulheres-cavaleiras, sempre aos risos e gritos. Com a correção da câmara será possível ver-se ao fundo, à direita, o bar

do Néco, com seus freqüentes excitadíssimos. Ouvem-se seus gritos:

UM BOÊMIO - Lá vêm elas!

POPULAR - Da-lhe, Luzia!

87 - P.A. (como nº 80) - Efeito de câmera lenta: Luzia à frente das mulheres da Linha é uma visão instigante. Tudo é belo nela.

Em off ouve-se alguém gritar do bar do Néco:

POPULAR (off) - Viva Luzia!

88 - P.A. e ZOOM fechando rápido - O francês Pierre se destaca de um grupo de boêmios. Ele grita, deslumbradíssimo:

PIERRE - "Vive Luzia, la belle"!

Outros ao seu redor respondem, excitados:

GRUPO - Vive Luzia, la belle!

89 - P.A. (lente de aproximação - como 80) - Luzia em seu cavalo branco, extremamente feliz, manda um beijo para o francês.

SOM - Cavalgada; gritos.

90 - P.M. e TRAV. AT. - Tomada do grupo onde se destaca Roberto, o piloto. Este não se contém e arremete para a frente, na tentativa de prender as rédeas do cavalo branco de Luzia.

SOM (off) - Cavalgada.

91 - P.G. e PAN. - A grande cena singular: Roberto se lança afoitamente contra a montaria da jovem amazona. O piloto consegue, num pulo hábil, prender as rédeas do animal, subjugando-o. O cavalo tenta livrar-se das mãos fortes do piloto, pisoteando nervoso o calçamento.

SOM - Patas se atritando contra o calçamento.

92 - P.A. de Luzia, atônita com a habilidade do piloto. Ela fita com raiva e interesse Roberto, que retribui o olhar, vencedor.

93 - P.M. do grupo de mulheres em suas montarias, paradas, e dos

boêmios admirados à porta do bar do Néco.

SOM - Patas de cavalos arranham
do o solo.

94 - Pp.P. de Luzia, muda, ainda atônita. De repente ela solta um grito forte para a sua montaria branca.

LUZIA (para o cavalo) - Ahh!

95 - P.M. o PAN. - Enquadram-se Luzia, Roberto (sempre segurando as rédeas do cavalo branco) e as mulheres em suas montarias, em segundo plano. Luzia faz o cavalo refugar, dá-lhe com o chicote vigorosamente e depois tenta atingir o homem que conseguira interromper a sua arrometida a cavalo. Roberto se afasta rápido, ágil, conseguindo fugir às chicotadas de Luzia, a quem grita, desafiador:

ROBERTO - Você é mais fogaça que sua montaria, mas

eu vou te domar!

O cavalo com Luzia se afasta.

SOM - Reinício da cavalgada.

96 - P.M. o ZOOM fechando sobre Luzia, que se volta para o piloto, rindo ainda, vencedora.

97 - P.P. de Roberto, que não tira os olhos de Luzia, em deslumbramento.

SOM - Cavalgada.

98 - P.G. o PAN. - Toda a cena: os boêmios, as amazonas se afastando, com Luzia à frente. As mulheres dão a volta à praça e se perdem no quadro. Os expectadores diante do bar voltam para as suas mesas, com exceção de Roberto, prof. Biliú e doutor Custódio. O piloto indaga, curioso, ainda intrigado:

ROBERTO - Quem é ela?

BILIÚ - É Luzia, com o mulherio da zona.

ROBERTO - Ela também é uma delas?

DOCTOR CUSTÓDIO - Não, Luzia não. É muito amiga da

las, mas não é feito elas não.

99 - P.A. dos três. Roberto indaga de novo:

ROBERTO - Quer dizer que ela anda com as putas, mas não é como elas?

BILIÚ - Meu rapaz, é que a Luzia é uma mulher de verdade, autêntica, que vive a sua vida, sem dar a menor pelota pros outros.

100 - P.A. e Pp.P. por TRAV-AVANTE - Enquadramos a figura algo pensativa do piloto, que dirá em voz baixa, mais para si:

ROBERTO - Beto, meu velho, esta é a mulher que você procurava pra não ficar encucado com a chateação da monotonia desta cidadezinha dos diabos!

Ao final do plano a câmera estará tomando o piloto em primeiríssimo plano (só o rosto onde ponteia um leve sorriso conquistador).

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 6INT. E EXT. AERO-CLUBE - DIA (LOCALIZAÇÃO)

101 - P.P. de Roberto, o rosto sujo de graxa, examinando detidamente o motor do "Cessna".

102 - P.M. ("raccord") - O mesmo personagem em seu meticoloso trabalho. De repente uma pedrinha bate no nariz do aparelho. Roberto se assusta ligeiramente, olha para os lados e nada vê. Reinicia o seu exame do motor. Segundos depois nova pedrinha vem atingir suas costas. Roberto se volta totalmente e grita com raiva:

ROBERTO - Pê! Quem será a bicha que tá me enchendo?

CORTA PARA

103 - P.G. (pv do piloto) - Enquadra-se uma das portas do pequeno hangar do aero-club. Surge por ela o rosto curioso e zombeteiro de Luzia. No plano ouve-se a voz off de Roberto:

ROBERTO (off) - Ah, é você? Tá querendo perturbar o meu trabalho?

Luzia responde, ameaçando partir:

LUZIA - Quis ver o avião de perto. Mas se você não quer deixar então já vou embora.

104 - P.M. e PAN. - Enquadra-se agora Roberto, que deixa o trabalho e se encaminha na direção da jovem, limpando as mãos com estopa. Ele diz:

ROBERTO - Não, garota, pode ficar. Sua visita só me dá prazer.

Roberto chega diante de Luzia, acabando de limpar as mãos sujas de graxa. Luzia diz:

LUZIA - Você faz misérias nesse avião, heim?

ROBERTO - Eu no avião e você a cavalo.

105 - P.P. de Roberto de frente, Luzia 3/4 de perfil. O piloto está dizendo:

ROBERTO - Não tem modo do falatório da gente desta terra?

LUZIA - Lógico que não. Ninguém tem nada com a minha vida.

Roberto examina detidamente o rosto, o busto, o corpo da moça, enquanto limpa as mãos com a estopa, como se se lembrasse que elas estavam sujas. Luzia diz, fingindo-se zangada:

LUZIA - Qual é? Se olhar muito vai ter que pagar.

ROBERTO - Com prazer. Não quer curtir um passeio de avião? Ele está em ponto de brasa.

106 - P.P. de Luzia, que responde, desinteressada:

LUZIA - Não, muito obrigada. Não tou a fim.

107 - P.A. dos dois. Roberto joga longe a estopa e toma a mão de

Luzia, tentando atraí-la para si. Luzia reage. Roberto afouxa o abraço, deixa-a solta e diz:

ROBERTO - Que que você estava fazendo ontem à noite com aquelas mulheres?

LUZIA - Não ó da sua conta.

ROBERTO - Me disseram que você não é igual a elas.

LUZIA - Não sou melhor que elas.

108 - P.P. de Roberto.

ROBERTO - Se você não é igual, por que anda com elas?

109 - P.P. de Luzia.

LUZIA - Porque gosto, e ninguém tem nada com isso. Fim de papo.

110 - PLANO GERAL do hangar, com o avião no quadro, além do casal.

Roberto segura fortemente a moça, tenta beijá-la na boca. Luzia é mais ágil e sai correndo na direção do campo de pouso. CORTA.

111 - P.G. e PAN. - O campo de aviação, tomado de novo ângulo.

Luzia entra no quadro, sempre correndo, Roberto no seu encalço. Está quase alcançando-a.

112 - P.G. e P.A. por HELICÓPTERO - Instalada em helicóptero (na

impossibilidade a câmera estará em terra, captando a cena em P.A.) enquadra agora a câmera o seguinte plano: Roberto consegue agarrar Luzia; os dois estão ofegantes, mas sorridentes. O piloto prende fortemente a jovem num abraço. Dialogam:

ROBERTO - Você é a garota mais bacana desta cidade.

LUZIA - É, mas não é pro seu bico.

ROBERTO - Me diga uma coisa: quando a gente se vô de novo?

LUZIA - Vô se não força! Quer deixar de ser carota e me deixar?

ROBERTO (afrouxando o abraço mas sempre segurando suas mãos) - Só te solto se você prometer se encontrar comigo.

LUZIA - Parada do Deus é pequena. A gente se vô por aí.

ROBERTO - Não, assim não vale. Diga onde e quando.

113 - P.P. de Luzia.

LUZIA - Então no comitório.

114 - P.P. do piloto.

ROBERTO - Corta essa, guriá! Estou falando sério.

LUZIA (off) - Seu bobo. Eu mereço ao lado do comitório.

115 - P.A.: Roberto e Luzia. Esta beija de súbito o piloto e sai correndo, dizendo-lhe:

LUZIA : Tchau!

116 - P.G. - Luzia correndo pelo campo de pouso, na tarde belíssima. Roberto fica parado, como que fascinado, absorto.

ESCURECIMENTO LENTO.

SEQUÊNCIA 7

INT. - BAR DO NÉCO - NOITE

117 - P.G. - Quando a cena reaparece, vemos numa tomada em Plano Geral o interior do bar do Néco, à noite. Frequentadores habituais estão lá, com exceção do francês Pierre. Roberto pode ser visto conversando no balcão com o dono do bar, bobericando um uisque no gole. De repente o Néco se volta para a porta e com um gesto chama a atenção do piloto, que também se volta naquela direção.

118 - P.M. - Pv de Roberto: Luzia está entrando no bar, provocante, bela. Caminha até o balcão.

118 - P.A. - Luzia chega até o ponto onde se encontra Roberto, a quem cumprimenta com um "ôi". Em seguida diz ao Néco:

LUZIA - Me dá seis canudinhos do doce de leite.

Néco vai apanhar os docos. Roberto se dirige a ela:

ROBERTO - Dou o sumiço, heim? Onde é que você vai agora?

LUZIA - Vou pra casa, uai.

119 - P.P. de Roberto. Ele volta a perguntar:

ROBERTO - Não quer dar umas voltas por 'aí'?

120 - P.P. de Luzia. Ela sorri, respondendo:

LUZIA - Você ainda não conhece toda a cidade?

ROBERTO (off) - Não conheço toda você...

121 - P.M. - Néco surge no quadro com um pacotinho de doces. Luzia quer pagar, mas Roberto a impede. Luzia diz:

LUZIA - Obrigada. Então vamos dar uma circulada.

Os dois saem, depois que Roberto faz um gesto para Néco ponderar a despesa. CORTA PARA

122 - P.A. e PAN. - O professor Biliú vem chegando ao balcão; comenta para o Néco:

BILIÚ - Mais um pra se enrabichar pela menina...

CORTA PARA

EXT. - LOCAL APRAZÍVEL DA CIDADE - NOITE (LUAR)

123 - P.G. e P.M. por ZOOM se abrindo - Câmera fixa em Plano Geral um expressivo ângulo da cidade. ZOOM abre rápida para mostrar Roberto e Luzia sentados num banco (ou tronco de madeira, ou ainda uma pedra). Estão mudos, o olhar perdido na paisagem inundada da luz prateado de uma lua interiorana, fiscalizadora. Roberto passa a fixar com ternura a jovem, entregue à contemplação. Logo enlaça-a sem brutalidade, mas decidido a beijá-la, afagar o seu corpo. Luzia se esquivava, brejeira, difícil.

LUZIA - Aqui não. Não grila!

124 - P.A. e P.P. por TRAV. AV. - Roberto insiste e consegue finalmente beijá-la, um beijo há muito desejado, perseguido. Luzia se aninha em seus braços, sensualizada. Câmera vai sobre seus rostos. Roberto beija depois as orelhas da moça, seu pescoço, os ombros descobertos, tenta beijar seus seios. Luzia se desvencilha dele, zangadinha, dizendo:

LUZIA - Corta essa! Já é tarde, vamos embora.

125 - P.M.C. - "Raccord" de movimentos: Luzia se ajoita, alisa os cabelos e dá os primeiros passos. Roberto fala:

ROBERTO - Quando é que a gente se vê novamente?

LUZIA - Todas as noites, se você quiser. Das nove

às dez. Aqui mesmo.

126 - P.M.C. - Num ângulo de 180º câmara mostrará o casal começando a distanciar-se. Roberto está dizendo:

ROBERTO - Combinado. Se eu não aparecer não vai ficar zangada. É porque tive reunião no aero-clubo, aula de pilotagem, essas coisas. CORTA PARA

SEQUÊNCIA 8

EXT. - CEMITÉRIO - NOITE

127 - P.G. do cemitério, na mesma noite onluarada. É bastante tarde. O portão de ferro se abre e um homem alto, corpulento, vem se aproximando da câmara. É Pacífico de Moura Alves, com a sua inseparável capa de boiadeiro, seu chapelão de feltro cinza-escuro. Sai do quadro pela direita.

128 - P.G. e PAN. - Pacífico entra no quadro pela esquerda. Encaminha-se para a casa do coveiro. Tira uma chave do bolso e começa a abrir a porta. CORTA PARA

129 - P.F. do fazendeiro ("raccord" de seu movimento) - Acaba de abrir a porta; entra na casa modesta.

INT. - CASA DE LUZIA - NOITE

130 - P.M. e PAN. - Sala-de-jantar, simples, de poucos e essenciais móveis. Luzia vai ao encontro do recém-chegado, dizendo:

LUZIA - O pai está dormindo. Vamos pro quarto.

Pacífico não lhe dá nem um boa noite. Vai até um aposento que dá para a sala e olha para dentro. CORTA PARA

INT. - QUARTO DE JOÃOZÃO - NOITE

131 - Pv de Pacífico: O coveiro Joãozão está dormindo em seu catre, roncando fortemente.

SOM - Ronco humano.

INT. - QUARTO DE LUZIA - NOITE

132 - P.M. o PAN. - Enquadra-se a cama do quarto de Luzia, em P.P.; ao fundo a porta dando para a sala. Luzia está acabando de doitar-se no leito, semi-nua, ou nua da cintura para cima. Pacífico dá entrada no aposento modesto, de poucos móveis e visível mau-gosto. Em sua caminhada até a cama vai dizendo:

PACÍFICO - Escornado como sempre, o teu pai.

Luzia volta-se toda para o fazendeiro, bela, ansiosa:

LUZIA - Anda, Pacífico.

133 - P.P. do Pacífico, de pé, diante da cama. Ele começa a despir-se, também ansioso, o ar lúbrico. Moio gozador indaga:

PACÍFICO - Tá com tanta pressa assim? Tem algum encontro?

134 - P.P. de Luzia, que responde, impaciente:

LUZIA - Não seja carota, tou ó com vontade.

CORTA PARA

135 - P.G. o ZOOM P/FRENTE - Do outro ângulo, câmara enquadrará agora Pacífico quase de costas, semi-despido, e Luzia na cama, o corpo belo em oferenda todo voltado para a câmara, debaixo do lençol. O fazendeiro faz o gesto de despir-se da cueca (nosta altura estará cortado pela cintura) e cebre a jovem, ansioso, em fogo. Câmera inicia lento movimento (ZOOM fechando) na direção da janela aberta para a noite enluarada, mergulhando no exterior para focalizar boa parte do comitório, as cruces e as estátuas grosseiras se destacando contra um céu de possuída lua. No mesmo plano, sem corte algum, a câmara repetirá o mesmo movimento, só que ao contrário, até terminar enquadrando a cama ocupada pelo casal de amantes. Luzia e Pacífico estão doitados lado a lado, nus da cintura para cima. Luzia volta o rosto para o fazendeiro saciado e fala:

LUZIA - Você hoje está esquisito, cheio de grilos.

Paroce tatu que perdeu o rumo do buraco. Aconteceu alguma coisa que te grilou?

136 - P.P. de Pacífico, que nada responde, limitando-se a sorrir, exibindo o seu dente de ouro, que brilha à luz da lua, vinda do exterior. Entrando no quadro o pé de Luzia vem cutucar o joelho dobrado do fazendeiro.

LUZIA (off) - Anda, fala, conta pra mim.

137 - P.A. do casal. Luzia está ainda cutucando o joelho de Pacífico, divertida com a intimidade que implantara entre eles. Pacífico estendeu a mão e acariciou a perna de Luzia, demorando-se em apalpar a carne rija da coxa. Finalmente, diz, voltando-se todo para a amante e começando a afagar o seu rosto, seu busto, seu ventre fora do quadro:

PACÍFICO - Minha menina, mulher querida, mulher querida demais.

Há uma pausa. Luzia fita-o com envolvente ternura. Pacífico prossegue:

PACÍFICO (voltando-se mais para ela) - Eu quero você pra mim, Luzia, só pra mim. Quero você em Santana, comigo, pra andar a cavalo do meu lado, galopando pela pastaria, me esperando em casa quando eu voltar da roça, quero acordar e ver você do meu lado, na cama quente do teu corpo, com esses cabelos vermelhos espalhados pelo travessoiro.

CORTA PARA

138 - P.M.C. e TRAV. AV. (ou ZOOM FECHANDO) - Luzia está no quadro quase totalmente de costas; o lençol arriado deixa ver parte de suas nádegas firmes, jovens. Câmera avança lenta e ritmadamente sobre Pacífico, que continua com a palavra:

PACÍFICO - Há um bocadô de tempo que estou pra dizer tudo isso pra você, mas é que me faltava coragem. Ficava pensando que serventia pede ter um velho como eu perto de uma moça rija e nova como você? Mas cá comigo eu imaginava também que esses homens todos que andam te perseguindo, atrás de você, eles não têm

eirá nem beira, tudo uns desvalidos sem onde cair morto. E eu posso te dar muito dinheiro, tanto dinheiro que você vai poder fazer tudo quanto te dor na telha, pisando na cabeça dessas faladeiras todas do Parada de Deus, que vão morrer de despeito de você, minha mulherzinha querida...

(Ao final da longa fala a câmera estará focalizando o fazendeiro em primeiríssimo plano (Fp.F.).

CORTA PARA

139 - P.P. de Luzia, a cabeça e parte das costas do Pacífico no quadro, em desfoque relativo. Ela finalmente diz, visivelmente emocionada:

LUZIA - Ah, Pacífico, você é bom demais, sonha muito... E tua mulher, a preta Igalina? Onde é que ela fica em tudo isto que você me ofereceu indagorinha?

140 - P.A. - O casal, lado a lado, fitando-se. Pacífico deixa escapar alguns segundos antes de responder, sussurrante:

PACÍFICO - Ah, a Igalina...

O fazendeiro tenta reiniciar o passeio da mão pelo corpo da amante, mas Luzia recusa, aguardando a resposta do companheiro.

141 - P.P. de Pacífico, a cabeça e parte das costas de Luzia no quadro (ver plano nº 139). Ele finalmente responde:

PACÍFICO - Não sei... Ela é a mãe dos meus filhos, e só por isso não mandei ela embora. Mas nem dormir com ela na mesma cama posso aguentar mais.

142 - P.P. de Luzia, só. Ela diz:

LUZIA - Você não gostava de fazer amor com ela? Você não ficou com a cuca avariada...

143 - P.M.C. dos dois. Enquanto fala a jovem vai subindo o pé macio pelas pernas do Pacífico, tentadora, provocante.

LUZIA - ... pra ter a preta na cama que acabou até casando com ela, sem dar bola pro desgosto que tava dando à dona Paula, não?

144 - P.P. do Pacífico, apaixonado, febril.

PACÍFICO - Você sabe bem que depois que te conheci endoidoi de vez. Chego acordar melhado na cama, feito rapaz novo. Mas agora ninguém me segura mais: eu quero você pra mim de qualquer jeito, Idalina que se dane, todo o mundo que se dane. Boto ela numa casa qualquer do colono, lá em Santana, e você vem morar comigo na casa grande, minha doida rainhazinha...

CORTA no gesto de Pacífico tentando beijar os seios de Luzia, ofegante, ansiado.

145 - P.M.C. dos dois. Luzia foge ao gesto do fazendeiro, deslizando para o lado, esporto. E fala:

LUZIA - Mas o que eu não quero é aquela preta mais lá. Quero que você chute ela pro alto. Quero tudo muito direito, já que não pode ser de papel passado, com casamento, juiz, padre e tudo, igual que ela teve. Então, já que não vou ter nada disso, pelo menos quero reinar sozinha, daqui por diante, em Santana.

PACÍFICO (depois de pequena hesitação) - Dou tudo que você quiser, minha doidinha, mulher minha, só minha!...

Luzia finalmente vem alinhar-se nos braços do fazendeiro, entregue, súplico. Pacífico faz o movimento de montar nela.

CORTA PARA

INT. - CORREDOR E QUARTINHO DE PÉLA-ÉGUA - NOITE

146 - P.M. e P.P. por TRAV. ATRÁS E ZOOM/FRENTE - Enquadra-se o pequeno corredor da casa de Luzia. Câmera recua rapidamente em "Traveling"-atrás para focalizar a porta de pequeno quarto nos fundos da casa. Pela porta entreaberta a câmara irá se aproximar (ZOOM) do humilde catre em que repousa o mulatinho Péla-égua, os olhos abertos, as mãos em concha apoiando a cabeça, fitando um ponto distante à sua

frente. Apura os ouvidos ante o silêncio que subitamente descera sobre a casa. Na trilha sonora ouvir-se-ão apenas o ronco forte do coveiro, perto, e o zunião do vento nos ramos dos ciprestes, lá fora, no cemitério.

"FADE-OUT - FADE-IN"

SEQUÊNCIA 9

EXT. - LOCAL APRAZÍVEL DA CIDADE - NOITE

147 - P.M. (como final de 123) - Em Plano Médio vemos agora Luzia e Roberto trocando carícias no mesmo local aprazível visto no plano 123. Nenhum dos dois fala. Roberto tenta dominar a jovem, quer possuí-la ali mesmo. Ela repele-o dizendo:

LUZIA - Tá com a cuca fundida? Qual é a sua ?

ROBERTO (sempre insistindo) - E é você quem tá me fundindo a cuca. Por que não deixa, Luzia?

LUZIA - Porque não quero, uai! Corta essa!

ROBERTO (mais calmo) - Estou muito afim de você, Luzia, muito mesmo. Quero viver com você, monto casa pra nós dois, é só você querer que vamos curtir um amor legal.

Luzia fica pensativa alguns instantes. Depois decide:

LUZIA - Corta essa! É muito tarde, passa muito das dez.

Luzia consente que o piloto a beije mais uma vez. Logo o casal começa a caminhar, saindo do quadro. Câmera dá foco para a paisagem da cidade, ao fundo, mais embaixo.

CORTA PARA

EXT. - CASA DE LUZIA - DIA

148 - P.G. da rua que conduz ao cemitério. Pierre, o francês, surge no quadro e vem na direção da câmera. Sai do quadro pela D.

149 - P.G. (contra-campo) - Enquadra-se a casa do coveiro Joãozão, ao fim da ladeira. Pierre entra no quadro pela E., vai até a entrada da casa onde mora Luzia. Bate.

150 - P.A. - O francês: diante da porta da casa de Luzia. Esta abre a porta. Pierre faz uma curvatura e beija a mão da jovem, perguntando:

PIERRE - Como va, Luziá?

LUZIA - Tudo legal. Entra.

Pierre entra. A porta é fechada.

INT. - CASA DE LUZIA - DIA

151 - P.M. e PAN. - Pierre e Luzia vão até a mesa, no centro da sala. O francês espera que a moça se sente e depois se acomoda na cabeceira. Diz:

PIERRE - Eu continuarr meu liçon de portuguós?

LUZIA - Vocô já fala pro gasto, sou Pierre. Todo mundo te entende.

Luzia sai do quadro, vai até a cozinha, porto. Câmera continúa na figura bastante ridícula do francês, rígido em seu assento, solene. Depois de alguns instantes Luzia retorna com um prato de goiabada cascão e um pedaço de queijo de Minas. Pierre se levanta. Depois parte com o garfo um bocado do doce e leva-o à boca, mastigando devagar, como manda a etiqueta. Luzia em seguida lhe serve um copo de água retirada de uma moringa de barro. Pierre seca os lábios com um lenço impecavelmente limpo, dá um pigarro, solene e começa a falar:

PIERRE - Esse goiabada cascón é um "merveille"!

LUZIA (sorrindo e fazendo uma mesura) - Eu é que fiz.

PIERRE (levantando-se e beijando a mão da jovem) - "Mes compliments"!

CORTA PARA

152 - P.P. de Pierre e Luzia ("raccord" de movimento) - O francês acaba de beijar galantemente a mão de Luzia e volta a falar:

PIERRE - Eu estarr muitô feliz hoje. Muitô mesmo!
Eu verr você e ficarr muitô feliz! Você saber que ó muitô bonitá,
Luzia?

LUZIA (fingindo-se encabulada) - Quê isso, Pierre.
Corta essa...

Pierre se entusiasma com a reação da moça, crendo-se correspon-
dido em seus sentimentos. Toma desajeitadamente a mão de Luzia,
obrigando-a a sentar-se a seu lado, diante da mesinha rústica, di-
zendo:

PIERRE - Eu gostarria de fazerr você muitô feliz,
Luziá!

153 - P.P. de Luzia, que abafa uma risadinha. Depois finge de séria.

PIERRE (off) - Você não querrerr, mon acreditar,
Luziá?

LUZIA - Nô nada disso, seu Pierre...

154 - P.P. do francês, que insiste:

PIERRE - Querr serr "mon épouse"?

LUZIA (off) - Que trom ó esse?...

PIERRE - Casarr comigo, meu mulherr...

155 - P.A.C. dos dois. Luzia ri. Depois diz, brejeira:

LUZIA - Ah, moroi... Quem sabe... Talvez...

Pierre se anima, o ingônuo, o tolo.

PIERRE - Você dizerr "peut-être"?

LUZIA - É, petrôte... É isso aí.

Pierre se põe repentinamente de joelhos, começa a beijar repetida-
mente as mãos da jovem, dizendo, alegríssimo:

PIERRE - Eu estarr muitô feliz, muitô feliz, Luziá.

Merci!

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 10EXT. - AERO-CLUBE - DIA

156 - G.P.G. e PAN. - O campo de pouso, à mesma hora. Roberto e um aluno são vistos acabando de entrar na carlinga do avião de treinamento. O avião taxia e vai até à cabeceira da pista. O motor é acelerado e o aparelho rola na pista, alça vôo.

SOM - Ruído de avião alçando vôo.

CORTA PARAEXT. - PRAÇA DA CIDADE - DIA

157 - P.G. e PAN. - A praça da matriz, gente passando despreocupada. Logo sua atenção é atraída pelo ronco de um avião, que surge no céu. Câmera panoramiza para enquadrar as duas torres da igreja no instante em que o "Cessna" passa rente a elas.

SOM - Avião fazendo barulho.

INT. - CABINE DO "CESSNA" - DIA

158 - P.A. de Roberto e do aluno. O piloto está dizendo alguma coisa para o rapaz (na trilha apenas o ruído forte do avião).

SOM - Ruído do motor do avião.

Depois Roberto olha para fora, movimentando o manche.

EXT. - RUA DO CEMITÉRIO COM CASA DE LUZIA - DIA

159 - P.G. (movimento) - De dentro do aparelho vê-se a ladeira que leva ao cemitério, com a casa do covoeiro, aproximando-se rapidamente no quadro. Logo a casa de Luzia ficará para trás e o que se verá em seguida é o pequeno cemitério desfilando velocemente na tela.

SOM off de avião.

EXT. - CASA DE LUZIA - DIA

160 - P.M. da casa de Luzia. Uma das janelas é aberta, surgindo a figura curiosa da jovem. Ela volta a vista para o alto, na procura do avião de Roberto.

161 - P.G. (pv de Luzia) - O céu de nuvens grossas. O aparelho entra no quadro, vem vindo na direção da casa de Luzia.

SOM - Ruído de avião.

INT. CABINE DO "CESSNA" - DIA

162 - P.A. - Roberto, olhando para fora, e o aluno, bastante assustado. O piloto faz o gesto de ombicar o avião.

SOM forte do avião.

EXT. - CASA DO COVEIRO E CEMITÉRIO - DIA

163 - P.G. e P.M. por "ZOOM"/FRENTE - A ladeira, a casa de Luzia. No fundo do quadro, voando baixo, pode ser visto o pequeno avião passando a poucos metros acima da casa de Luzia, que está ainda à janela. Ela agita as mãos para o aparelho, para o piloto.

SOM - Avião.

INT. - CABINE DO AVIÃO - DIA

164 - P.A. - Roberto responde aos aconos de Luzia, agitando um lenço que tira do blusão de couro. Depois volta a preocupar-se com os instrumentos do avião.

SOM - Ruído forte de motor.

EXT. - CASA DE LUZIA - DIA

165 - P.M. - Luzia sempre à janela. Vindo do interior da casa surge a seu lado a figura meio zangada do francês. Ele acompanha com a vista o vôo (off) do "Cessna" e depois interpela Luzia:

PIERRE - Você conhecerr esse malucô?

LUZIA - Conheço. É o novo piloto do aéro-clube.

PIERRE - Esse homem non prestarr. Você precisarr muito cuidado com ele, Luziá.

166 - P.P. de Luzia, que responde, interrogando, espicaçando:

LUZIA - Você estarr com ciumo, Pierre?

167 - P.P. do francês.

PIERRE - "Moi"? Non! Eu te querrerr muitô bien!

168 - P.A. e Pp.P. por TRAV.AV ou ZOOM - Luzia não resiste e cai na gargalhada. Pierre a princípio não entende a reação da jovem, mas logo ri também, às bandeiras despregadas. Câmera vai sobre Luzia para enquadrá-la em Primeiríssimo Plano, às gargalhadas.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 11INT. - BARBEARIA DO SANTIVES - DIA (TARDE)

169 - P.G. e PAN. - Plano Geral da barbearia de Honorino Santives, a mais frequentada da cidade. Sala pequena, três cadeiras, gente esperando no banco estofado, ordinário. Ao fundo uma cortina de contas-de-lágrimas. Cabides e chapéus de boiadeiro. Santives fala sem parar, enquanto faz a barba de Roberto.

SANTIVES - Pois é. Padre Joaquim ficou danado com cavalgada da outra noite, das mulheres da Linha. O sermão domingo foi só sobre isso.

CORTA PARA

170 - P.A. do barbeiro fazendo a barba de Roberto. Ele continua:

SANTIVES - Dissé que é uma ~~sem-vergonhice~~ danada, um escândalo, o diabo, que já pediu pra seu Tonico Arzão, o delogado, sabe? tomar uma providência. Quero só ver que bicho vai dar depois desse sermão. Disse até o nome da Luzia, filha de um empregado da Prefeitura, homem sério e cumpridor dos deveres, falou até indiretamente sobre a mão dola, uma infeliz, já morreu, a Abigail, o senhor já ouviu falar dela?

171 - P.P. de Roberto, o rosto semi-oncoberto pela espuma do creme de barbear. Ele responde:

ROBERTO - Não, por que? (sua curiosidade é flagrante).

172 - P.P. do barbeiro, mais animado com o súbito interesse do freguês:

SANTIVES - Pois saiba, sou Roberto, que na minha opinião o caso de Joãozão, o coveiro, foi a mais bela história de amor acontecida em Farada de Deus.

173 - P.G. da barbearia. Todos se voltam para o barbeiro, mudos,

interessados no relato do barbeiro. Santives amola a navalha e prossegue:

SANTIVES - Tudo se passou em silêncio, sem que ninguém pressentisse nada, nem a própria Chinesa, dona da pensão de mulheres onde vivia a Abigail. Joãozão era um português de boa pinta, e sua paixão pela bonita prostituta foi fulminante. Em pouco ele tirou ela da zona, casou na igreja e no cartório, montou casa pra ela, aquela perto do cemitério, e ninguém nunca mais botou os olhos na Abigail.

Há uma pausa. Todos têm a vista voltada para o barbeiro, que prepara mais espuma, antes de continuar.

174 - P.P. e P.M. por TRAV./ATRÁS (ou ZOOM) - Enquadra-se o rosto de Roberto no momento em que o pincel manejado pelo Santives espalha espuma pelo queixo, pescoço, etc. Câmera recua com relativa velocidade para focalizar o freguês e o barbeiro, que amola ligeiramente a navalha, recomeça a escanhoar e prossegue:

SANTIVES - Quando ela morreu, de parto da Luzia, o coveiro passou a cumprir suas tarefas no cemitério com a maior dedicação, como se aquilo fosse a coisa mais importante do mundo. É que a Abigail também está enterrada lá. O coveiro achava, penso eu, que a maneira de dizer pra mulher que continuava a gostar dela era cuidando da terra e dos túmulos com a mesma dedicação com que cuidava dela própria, a Abigail, que a terra lhe seja leve. Todo dia, estornado ou não, chova ou faça sol, ele troca as flores do túmulo da mulher, ele vivo, ela ali debaixo de sete palmos de terra...

175 - P.P. de um freguês gordo, aguardando sua vez. Ele pigarreia, e é como um sinal para que todos voltassem a falar ao mesmo tempo.

176 - P.A. do barbeiro e de Roberto. A barba está quase no fim. Santives volta a dizer:

SANTIVES - O vigário disse no sermão que não entendia como uma moça como a Luzia podia se misturar com aquelas mulheres da Linha. Como se ele não soubesse que ela não é nenhuma filha de Maria...

177 - P.P. de Roberto, que não gosta da observação do barbeiro. Este continua:

SANTIVES (off) - O senhor já sabe que a Luzia é amante do coronel Pacífico, que sustenta ela e o pai, não sabe?

O piloto volta o rosto zangado para o barbeiro, mas nada diz.

178 - P.P. do barbeiro, que prossegue:

SANTIVES - Pois é isto mesmo: amante do coronel. Quero só ver o que vai acontecer depois desse sermão. Mas essa menina é sabida. Faz as coisas bem feitas: recebe o coronel tarde da noite, em sua casa, enquanto o Joãozão ronca no quarto do lado depois de se encharcar de cachaça, pois ele danou a bober com a morte da Abigail. E o pior é que não é só o coronel não. Sabe que o Pedro, o garçom do Hotel Madre Joana, o senhor está hospedado lá, não ó?, também tira a sua casquinha? E ainda, por incrível que pareça, até o francês da mina de malacacheta, aquele infeliz do seu Pierro, vai lá na casa dela pelo menos duas vezes por semana, à tarde. O pretexto é aprender português com ela...

179 - P.P. de Roberto, visivelmente mal-humorado. O barbeiro continua, off:

SANTIVES (off) - ... mas eu sei o que o francês está aprendendo com a Luzia, sabida como ela só...

Roberto faz um gesto de impaciência, como se quisesse encerrar aquele papo e sair dali. O barbeiro prossegue:

SANTIVES (off) - O que eu não entendo é como o coronel Pacífico ainda não fez nada, com toda a sua fama de machão. Ou ele sabe que está sendo corneado e por conveniência fica calado ou não sabe de nada.

180 - P.P. e P.M. por TRAV./ATRÁS (ou ZOOM abrindo) - O barbeiro é enquadrado em "close"; e à medida em que fala a câmara irá recuando lentamente, até focalizar boa parte do ambiente, onde o silêncio voltou a reinar.

SANTIVES - A verdade é que ele é que sustenta a Luzia e o Joãozão. Manda tudo quanto é comida pra lá e mais a bebida pro coveiro. Isto já vem de longe. A filha foi criada sem mãe e sem pai, junto com o Péla-égua, aquele mulatinho de cabelo liso que o senhor já deve conhecer. Péla-égua acabou mudando pra casa do Joãozão e mora lá com eles. Vivem como irmãos, mas eu tenho pra mim que também o Péla...

Neste ponto Roberto não resiste e corta o papo pela raiz:

ROBERTO - Esta conversa tá muito comprida e eu tenho o que fazer!

181 - P.P. do barbeiro, que se assusta com a reação do freguês, mas diz, mansamente:

SANTIVES - Já está no fim. Sá a água-volva, um tal quiñho e pronto.

ROBERTO (off) - Não quero nada disso.

182 - P.G. o PAN. - Roberto se levanta, joga o pano branco sobre a cadeira do barbeiro, paga com cara amarrada e sai, sem se dar ao trabalho de pedir. Da caixa o barbeiro chama:

SANTIVES - Seu Roberto, o troco!

Roberto dá meia-volta para apanhar o troco, de que se aproveita o tagarela para completar:

SANTIVES - Sabo que o francês, o Pierre, quer casar com a Luzia? Já me contaram isso e eu acredito piamente. Ele é vidrado nela e se quiser a Luzia vai virar madame...

Roberto diz um palavrão ininteligível e sai apressado, chateadíssimo.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 12EXT. - RUA DO CEMITÉRIO E CASA DE LUZIA - DIA

183 - P.P. e P.G. por ZOOM ABRINDO - Enquadramos agora Roberto subindo apressadamente a ladeira que leva ao cemitério. Câmera recua para focalizá-lo em P.G. CORTA com o piloto no quadro.

184 - P.G. e P.P. por ZOOM FECHANDO - Outro ângulo: Roberto no quadro, a casa de Luzia ao fundo, em segundo plano. Ele chega diante da porta de entrada da casa modesta. ZOOM fecha nele. Roberto esmurra a porta, mete o pé na madeira.

185 - P.A. - Enquadra-se Roberto diante da porta, furioso, na expectativa. A porta é finalmente aberta por uma Luzia espantadíssima, o "peignoir" semi-aberto no peito. Tenta um sorriso para o piloto, que sem nada dizer pega-a pelo braço e a empurra para dentro, fechando a porta com o pé direito, em fúrias. CORTA PARA

INT. - CASA DE LUZIA - DIA

186 - P.P. por TRAV./ATRÁS e PAN. - A tomada será a seguinte: instalada em carrinho, a câmara apanhará Luzia e Roberto bem perto da porta de entrada. Sem nada dizer, mas visivelmente raivoso, Roberto vem puxando Luzia pelo braço, definitivo. A moça compreende as intenções do piloto e põe nos lábios um sorriso zombeteiro, cúmplice, de dona da situação. No recuo a câmara dará entrada no quarto de Luzia para afinal enquadrar a cama em primeiro plano, à esquerda, e o casal entrando. Roberto atira-a na cama, depois de fechar a porta com o pé. Sempre em silêncio começa a despir-se do blusão de couro. CORTA PARA

187 - P.P. - Luzia é focalizada agora em "extreme close-up", deitada, o mesmo sorriso zombeteiro no rosto expectante.

CORTA PARA

EXT. - CEMITÉRIO - TARDINHA

188 - P.P. de um anjinho encimando um modesto túmulo. Pássaros cantam seus trinados de despedida.

SOM - Cantos de pássaros, só.

CORTA PARAINT. QUARTO DE LUZIA - TARDINHA

189 - P.P.: "take" com a mesma angulação e grossura do anterior.

Nele Luzia é um bolo rosto ansiado, os olhos semi-fechados, os lábios ofegantes. No plano fixo a cabeça de Roberto cobre totalmente a da amante.

SOM - Pássaros cantando.

CORTA PARAEXT. - RUA DO CEMITÉRIO - TARDINHA

190 - P.G. e PAN. - O francês Pierre pode ser visto subindo a ladeira do cemitério, assobiando, feliz. Câmera panoramiza para acompanhá-lo. Ele sai do quadro pela D.

191 - P.M. e PAN. - Pierre entra no quadro pela E. e chega diante da casa de Luzia no justo instante em que Roberto abre a porta e atinge a rua de casamento pobre, irregular. Os dois se fitam, surpresos. O francês tenta atingir a porta da casa. Roberto é mais ágil e intercepta seus passos.

192 - P.P. do assustado francês.

SOM - Cantos de pássaros.

193 - P.A. de Roberto diante do francês. O piloto segura-o firme pela gola do paletó, esperando uma reação que não vem. Então pergunta, desafiador:

ROBERTO - Sabe de onde estou vindo, seu gringo de uma figa? Não quer saber o que eu estava fazendo?

Pierre nada diz, impenetrável, superior. Roberto continua:

ROBERTO - Você ainda quer casar com a Luzia, seu

corno?

Pierre encara-o firme, calmo.

PIERRE - É só oia querrorr.

194 - P.M. o PAN. - Roberto o Pierre. O piloto aplica um soco na cara do francês, que cambaleia, enquanto os óculos voam longe, deixando-o desorientado. Pierre agacha-se para procurar os óculos. Roberto grita para ele:

ROBERTO - Não te arrebento as fuças porque só um covardo bate num cogo!

Neste momento Luzia deixa a casa, abotoando a blusa. Vem até os dois contondores. Vê Pierre procurando os óculos e tudo entende. Luzia vai ajudar o francês.

195 - P.G. - A rua, a casa de Luzia, os três personagens. Dois negros e uma preta vêm subindo a ladeira, passam pelo grupo.

Roberto, furioso, grita:

ROBERTO - Olha o tou amante, sua sem-vergonha!

Luzia nada responde. Encontra os óculos e os entrega ao francês, ajudando-o a levantar-se. Depois vira-se para Roberto e diz:

LUZIA - Você não tem nada com a minha vida. Não é meu marido nem nada.

196 - P.P. de Roberto, que grita para Luzia:

ROBERTO - Quo é que eu sou pra você então?

LUZIA (off) - Nada. Vô se me esqueço, tá? Não pense que só porque...

197 - P.P. de Luzia, que continua:

LUZIA - ... estovo comigo é dono de mim.

197 - P.G. (como nº 195) - Os três e ao fundo os passantes, que se voltam para a cena, curiosos. Roberto explode:

ROBERTO - Sua vagabundinha! Já sei que você é amante de um tal do Pacífico, um desses coroneis do sertão, e de ou

tros ainda. Até o Pedro, aquela bicha, e esse gringo de morda. Mas um dia eu acerto todos eles, você vai ver! E acabo também com você!

198 - P.M. - Enquadram-se os três passantes de cor, sempre voltados para a cena da briga. Eles recomeçam sua caminhada.

199 - P.G. e PAN. - Como nº 197: Roberto, Luzia e o francês; ao fundo os três negros subindo a ladeira. Roberto ensaia uns tapas em Luzia, mas desiste e sai bruscamente do local. Ao final do plano vemos o piloto descendo a rua, Luzia e o francês entrando na casa do coveiro e os três transeuntes subindo a ladeira na tarde interiorana.

- ESCURECIMENTO -

SEQUÊNCIA 13

INT. - QUARTO DE ROBERTO (HOTEL) - NOITE

200 - P.A. e Pp.P. por TRAV./AVANTE (ou ZOOM) - Roberto está deitado em sua cama no Hotel Madre Joana. Dorme profundamente, um sono agitado, que o leva a mover por vezes a cabeça para um lado ou para outro. Câmera aproxima-se mais do seu rosto, tentando enquadrar os seus olhos (a dificuldade nasce do fato de no seu sono muito agitado movimentar a cabeça ora para a direita ora para a esquerda). Finalmente a câmera consegue focalizar os olhos do piloto, "penetrando" neles, no desfoque total, lonto.

EIS O SEU SONO:

EXT. - CAMPO E ESTRADA SERTANEJA - NOITE E MADRUGADINHA

201 - G.P.G. (câmera muito lenta - efeitos de luz especiais) - Luzia é vista em Grande Plano Geral cavalgando o seu belo cavalo branco, juntamente com as meretrizes da SEQUÊNCIA 5. A jovem vem à frente das companheiras amazonas, na estradinha onluarada. Surgindo da

curva ao longo aparece a figura fantasmagórica do coronel Pacífico, com a sua inseparável capa boiadeira e o seu chapelão de feltro, montado em soberbo cavalo preto, todo ajacizado de negro.
SOM - Cavalgada (oco).

202 - P.G. e P.M. por TRAV./ATRÁS (ou ZOOM abrindo) - Luzia e as mulheres vindo na ostradinha. Câmera recua para enquadrá-las, fantasmagóricas, quase irreais. CORTA PARA

203 - P.G. e P.M. por TRAV./ATRÁS (ou ZOOM abrindo) - Agora é a vez do Pacífico ser focalizado, marchando pela estrada de muita lua. TRAV. AT., rápido.

204 - P.P. de Luzia, na sua louca cavalgada, gargalhando.
SOM - Cavalgada (com oco).

205 - P.P. de Pacífico, soturno, vilanesco.

206 - P.G. e PAN. - As mulheres e Pacífico quase se encontrando na estrada; PAN. das mulheres para Pacífico.
SOM - Cavalgada forte (oco).

207 - P.M. ("contre-plongée") - Câmera baixa enquadrará Pacífico se inclinande na sola e arrebatando Luzia de seu cavalo branco. A jovem parece aterrorizada.

208 - P.P. ("raccord" do movimento) - Pacífico raptando Luzia, que tenta reagir e nada consegue. Grita, mas de sua garganta nenhum som escapa.
SOM - Cavalgada, com oco.

209 - P.A. por TRAV./ATRÁS (ou ZOOM abrindo) - Pacífico e Luzia no mesmo cavalo negro do fazendeiro.
FUSÃO LENTA.

INT. - QUARTO PEQUENO - NOITE

210 - P.A. - Na mesma seqüência onírica vemos agora Luzia rolando numa cama modesta, amarfanhada, com o garçom Pedro.

FUSÃO LENTA.INT. - BARBEARIA DO SANTIVES - DIA

211 - Pp.P. (DETALHE) de uma navalha na mão do barbeiro Santives. Ele faz o gesto de quem vai dogolar alguém (SEQ. ONÍRICA - CÂMERA LENTA).

212 - P.P. de Roberto na cadeira de barbeiro. Ele tem os olhos esbugalhados, no pavor da morte. A navalha vai se aproximando de seu pescoço.

FUSÃO LENTA.INT. - QUARTO DE LUZIA - NOITE

213 - P.A. e PAN. - Luzia e Pierre podem ser vistos agora na cama da primeira, no ato do amor. O francês está nu da cintura para baixo e traz a camisa e a gravatinha borboleta. Está de óculos, sob os quais vêm-se dois olhos lúbricos, idiotizados. SEMPRE CÂMERA LENTA. De repente os óculos do gringo caem na cama e ele começa a procurá-los, desesperado.

FUSÃO LENTA.INT. - QUARTINHO DE PÉLA ÉGUA - NOITE

214 - P.M. e Pp.P. POR TRAV. AV. (SEQUÊNCIA ONÍRICA - CÂMERA LENTA) -

Câmera voltada para o assoalho de tábuas largas, ao natural, do quartinho do Péla-égua, que será visto abraçado com Luzia. Efeitos de luz e sombra impedirão que se veja com clareza o ato sexual.

FUSÃO LENTA.EXT. - CAMPO DE POUSO - MADRUGADINHA

215 - P.G. - Todo o campo de pouso do aéro-club (câmera em posição alta). Luzia, vestida de noiva, buquê nos braços, está vindo de braço dado com o francês Pierre (do centro do campo para a câmera). O francês enverga fraque e cartola e traz enorme cravo branco na ta-

pela. Pacífico, de padre, entra no quadro pelo fundo e vai ao encontro do casal (CÂMERA LENTA).

FUSÃO LENTA.

INT. - QUARTO DE LUZIA - NOITE

216 - P.A. - Cama do quarto de Luzia. Ela está deitada no centro do leito; formando um leque, podem ser vistos, cada qual repousando a cabeça no ventre, colo e pernas da moça, Pacífico, Pierre, Péla-ôgua e Pedro. CORTA PARA

217 - P.P. de Roberto, que mete o pé na porta e entra no quarto de Luzia, revólver em punho.

218 - P.M. o PAN. - Roberto chega aos pés do grande leito. Seus cinco ocupantes começam a rir na cara do piloto (nonhum som). Roberto puxa o gatilho cinco vezes, atingindo mortalmente os personagens supracitados.

219 - Pp.P. de Roberto atirando sem cessar ("raccord"). SEM SOM.
CÂMERA LENTA.

FUSÃO LENTA.

INT. - QUARTO DE ROBERTO (HOTEL) - MADRUGADINHA

220 - P.P. de Roberto acordando, suando em bicas. Ouvem-se repetidas batidas na porta. Roberto começa a levantar-se.

SOM - Batidas na porta.

221 - P.A. o PAN. - Em "raccord" de movimento Roberto levanta-se e vai até a porta do quarto. Abre-a, enquanto limpa o suor no paletó de pijama. Do lado de fora vê-se a figura de um fazendeiro típico. Está nervoso, apressado.

FAZENDEIRO - O senhor é que é o novo piloto, não

é?

ROBERTO - Sou.

222 - P.P. (favorecendo Roberto) - O fazendeiro, de 3/4 de perfil, e Roberto, de frente, face a face. O primeiro diz:

FAZENDEIRO - Eu queria que o senhor me levasse a Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo. É muito urgente, caso de doença.

ROBERTO - Agora?

223 - P.P. do fazendeiro, só.

FAZENDEIRO - São cinco e meia. Já está amanhecendo. Pago o que o senhor quiser.

ROBERTO (off) - Não é isto. É que o avião não é meu.

FAZENDEIRO - Eu sei. Já falei com o Moacir, meu compadre. Está de acordo. Dependo só do senhor.

224 - P.P. de Roberto, que aquiesce, afinal.

ROBERTO - Então tá OK. Me espera lá em baixo, vou me aprontar, não demoro nada.

CORTA PARA

EXT. - CAMPO DE POUSO - MANHAZINHA

5-P.G. da pista (câmera bem no centro do campo). O "Cessna" começa a correr e próximo da câmera alça vôo.

SOM - Avião alçando vôo.

"FADE-OUT" e "FADE-IN"

SEQUÊNCIA 14

INT. - PORTARIA DO HOTEL MADRE JOANA - DIA

16 - DETALHE de um relógio de parede, antigo, dando as duas horas.

227 - P.A. e P.M. por PAN. - Enquadra-se a porta de saída do Hotel MADRE JOANA. Doutor Moacir e Custódio, acompanhados de dois alunos do aero-club, dão entrada no saguão, à procura de Roberto PAN. para enquadrar o grupo, que chega ao balcão. O porteiro indaga:

PORTEIRO - É o piloto que estão procurando? Saíu bem cedo esta manhã. Um fazendeiro, acho que do Espírito Santo, veio procurar ele era ainda madrugada, parece para acertar um vôo até Cachoeiro. Caso de doença.

228 - P.P. do porteiro. Moacir e Custódio no quadro. O porteiro continua:

PORTEIRO - Sairam daqui umas seis horas, se tanto.

CUSTÓDIO - É melhor a gente telefonar pra Cachoeira. Já deu tempo dele voltar.

ANTERO (aluno, off) - O senhor tem razão, o melhor é a gente fazer uma ligação para o aero-club de lá.

MOACIR - Vamos pra sede, devo ter uma lista de telefones dos aero-clubes de todo o país.

229 - P.A. - Todo o grupo. O porteiro volta a falar:

PORTEIRO - Não precisa não, a telefonista de interurbano deve saber. Pode usar o telefone daqui.

Doutor Moacir vai até o telefone, seguido pelo grupo. Fala:

MOACIR - Alô, interurbano. Eu queria falar com o aero-club de Cachoeiro do Itapemirim... Sim... O que? Duas horas no mínimo? Que atrapalhada! Está bom... Muito obrigado.

O presidente do aero-club de Parada de Deus volta-se para os companheiros e diz, desanimado:

MOACIR - Há uma demora de mais de duas horas. Éta telefônica brasileira! Quê que vamos fazer?

CORTA PARA

230 - P.P. de um dos alunos. Ele sugere:

OUTRO ALUNO - Tom o Zó da Farmácia, que é rádio-amador. Quem sabe ele pode dar uma ajuda?

231 - P.M. de todo o grupo. Doutor Custódio diz:

CUSTÓDIO - Bem lembrado. Vocês dois vão lá, expliquem pra ele a situação. Eu e Moacir vamos para o clube tentar com a telefônica. Vocês vão pra lá.

232 - P.P. do porteiro, que mete o bodeinho na conversa:

PORTEIRO - Será que o avião caiu?

CORTA PARA

INT. - BARBEARIA DO SANTIVES - DIA

233 - DETALHE da navalha manojada pelo barbeiro Honorino Santives raspando a pele da cara de um freguês. Câmera recua em TRAV. ATRÁS para enquadrar (PANORÂMICA) a porta da barbearia. Um dos dois alunos do aero-clube vistos nos planos antecedentes põe a cara no salão e anuncia, pressuroso:

ALUNO - Parece que o avião caiu com o Roberto.

234 - P.A.: o barbeiro, com a navalha imobilizada no ar, e o freguês atônito, voltados para a porta (off).

SOM- Ruídos de trânsito, off.

235 - P.P. do Póla-ôgua, esperando a sua vez no salão. Ele deixa de ler uma velha revista e volta a vista surpresa para a porta. Ouve-se a voz do barbeiro:

SANTIVES (off) - Essa não! Como é que aconteceu, rapaz?

236 - P.P. do aluno, ainda postado à porta da barbearia. Ele diz:

ALUNO - Que houve alguma coisa muito séria, eu garanto. O Roberto saiu bem codinho do hotel e até agora não voltou. Foi pro Cachoeiro, levar um fazendeiro, coisa urgente, de

doença. Doutor Moacir está tentando falar com Cachoeiro pra saber notícia.

SANTIVES (off) - E não souberam nada até agora?

237 - P.P. de Péla-égua, que escuta tudo com indistintável atenção.

ALUNO (off) - Nada. O Antero foi no Zé da Farmácia pra tentar o rádio-amador.

CORTA PARA

INT. - PEQUENO ESCRITÓRIO DA FARMÁCIA - DIA

238 - P.A. - Mesa com aparelhagem de rádio-amador, vendo-se no quadro o Zé da Farmácia e Antero, aluno do aero-clubo. O farmacêutico tem o microfone e está chamando:

ZÉ DA FARMÁCIA - Atenção RNR! Atenção RNR! PY-1-KJ chamando Cachoeiro de Itapemirim, para um torpedo de urgência. Atenção Cachoeiro de Itapemirim. Atenção cobgas do Cachoeiro. Parada de Deus chamando. Saber notícia de um avião desaparecido. Atenção Cachoeiro, atenção Cachoeiro. 1-KJ chamando qualquer colega de Cachoeiro de Itapemirim. 1-KJ chamou qualquer colega do Cachoeiro de Itapemirim. Agradeço, apaga e escuta.

O rádio-amador desliga e fica procurando na faixa do "shack".

239 - DETALHE do aparelho e da mão do Zé da Farmácia procurando na faixa. Em dado momento sintoniza uma estação.

SOM do rádio-amador, com interferências - Atenção PY-1-KJ.

Atenção Parada de Deus. 1-DP voltando. Tudo OK. Anotei a mensagem e vou providenciar. Aguarde na minha frequência que voltarei daqui uns 15 minutos. Diga se ouviu. 1-DP para 1-KJ. Câmbio.

240 - P.A. - O rádio-amador e o aluno do aero-clubo trocam um olhar satisfeito. O farmacêutico liga o transmissor, confirma:

ZÉ DA FARMÁCIA (falando ao microfone) - Atenção 1-DP.
Atenção Cachoeiro. 1-KJ confirma. Tudo OK. Agradece e desliga.

CORTA PARA

EXT. - CASA DE LUZIA - DIA

241 - P.A. - A casa modesta do covoiro. Péla-égua chega correndo, abre a porta e entra, esforçando-se por aparentar indiferença.

INT. - SALA DA CASA DE LUZIA - DIA

242 - P.A. de Luzia sentada numa cadeira de balanço, dessas de palhinha, de muito uso. Ela está lendo uma revista de historietas em quadrinhos. Volta o rosto para porta ao ouvir barulho. Acompanha com o olhar a caminhada do Péla, que chega diante dela, senta-se no chão e pergunta:

PÉLA-ÉGUA - Novidade?

LUZIA - Você nem imagina. Sabe da maior? O francês quer casar comigo!

243 - "CLOSE" do mulato, que manifesta surpresa.

PÉLA - Certa essa! E "ele", o que pensa disso?

244 - "CLOSE" de Luzia, que balança na cadeira pra lá e pra cá antes de responder, fazendo suspense.

LUZIA - Ficou danado quando eu contei. Sabe o quê que ele me falou?

PÉLA (off) - Vai dar o francês pra comida de peixe...

LUZIA - Deixa de grilo, Péla. Disse que vai mandar a mulher dele passear e vai me levar pra morar lá na Santana.

245 - P.A. e Pp.P. por TRAV./AVANTE - Péla-égua levanta-se e vai se colocar atrás da cadeira de balanço de Luzia. Ele fica impulsionando a cadeira. Câmera vai lentamente sobre o rosto da jovem. O Péla diz:

PÉLA - Quê que ocê prefere? Ser amiga da com o coronel

ou ser madame do francos?

LUZIA, sorrindo a princípio, depois sória - Prefiro juntar com o Pacífico. Ser madame Lavá não sei o que pode ser muito chique, mas não enche a barriga de ninguém, pelo menos a minha. O Pierre parece até bicha, cheio de não-me-toques. Com Pacífico vou ter muita terra, cavalos, e dinheiro, os cambaus!

CORTA PARA

246 - P.M. e PAN; depois P.P. por TRAV./AVANTE - Péla-égua dá um empurrão maior na cadeira de balanço e anda até a mesa no centro da sala. Apanha uma manga na fruteira, faz um furo com o dente e fica chupando a fruta. Luzia diz, off:

LUZIA - Você já imaginou a filha da Abigail aqui morando lá na Santana, muito presepeira, dona da situação, morou? Hoin? (Câmera faz PAN. e se aproxima de Luzia).

LUZIA (continuando) - Já imaginou como as línguas compridas de Parada do Deus vão ficar adoidadas, já?

PÉLA (off) - É o piloto, o Roberto, aquele biruta, o quê que ocô vai fazer com ele?

LUZIA (depois de jogar a manga murcha para o amigo, o Péla) - Ah, o Boto... Às vezes eu acho que ele está gamado por mim, outras não tenho certeza. Ele é muito violento, a cuca dele não deve regular muito bom. Nunca me disse que me levava pro Rio, que é a coisa que eu mais quero no mundo, morar em Ipanema, já morou que barato? Uma vez ele disse que eu fosse só dele, mas isso sem paga nenhuma, só por amor. É, chuto ele pro alto, eu fico é na minha, sabo?

247 - "CLOSE" do Péla, satânico:

PÉLA - Pois pode largar mesmo, esquece porque dele ocô já ficou livre. Desoncou num desastre de avião no Espírito Santo hoje de manhã.

CORTA PARA

EXT. - RUA DA CASA DE LUZIA - DIA

248 - P.G. - A ladeira com a casa do cozeiro no quadro. Luzia sai de casa correndo. Crianças bricam no meio da rua.

SOM - Vozerio de crianças.

CORTA PARAEXT. - CAMPO DE POUSO - DIA

249 - G.P.G. do campo de aviação, tomado do hangar para fora. Luzia está no quadro, chegando correndo.

250 - "CLOSE" o TRAV./AT - Câmera, recuando velozmente, toma o rosto de Luzia em P.P. Ela está chorando.

251 - P.M. o P.P. por ZOOM FECHANDO - Luzia é apanhada sempre correndo. Entra no hangar do aero-club e vai até um grupo de alunos diante de um telefone antigo, de bocal comprido. Antero está ao telefone e sua voz é alegre. Câmera fecha rápida nele.

ANTERO - Não morreu não? Tem certeza? Desceu num arrozal? Que sorte, pô! Quando é que ele volta? É? Então amanhã a gente estará aqui. Não aconteceu nada com o avião? É, rapaz? Ótimo. OK, Carlos. É, vai avisar logo o doutor Moacir e o doutor Custódio. Té logo.

252 - P.M. do grupo. Todos estão contentes, se abraçando. Luzia ri e chora ao mesmo tempo.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 15EXT. - CAMPO DE AVIAÇÃO - DIA

253 - P.P. e P.G. por ZOOM SE ABRINDO - Enquadra-se de início uma tuba dessas "furiosas" do interior, tocando animadamente.

SOM - "Furiosa" em ação.

Câmara abre quadro (ZOOM) para mostrar numeroso grupo de pessoas, formando quase uma pequena multidão, diante do hangar do aero-club. Destaque para a turma do bar do Néco: prof. Biliú, doutores Moacir e Custódio, o próprio Néco, outros boêmios. Perto Luzia e o Péla-égua. Até o delegado, Tonico Arzão, lá está. De repente a atenção geral se volta para o campo de pouso.

254 - P.G. e PAN. - O campo de pouso e um vasto céu de brigadeiro. O "Cessna" está se aproximando do local. PAN. para mostrar a volta que dá, até pousar na cabeceira da pista.

CORTA PARA

254 - P.A. de Luzia, Péla e outros expectadores. O mulato está carrancudo, contrastando com a jovem, bastante eufórica, infantil. A "furiosa" ataca um dobrado feroz.

SOM - "Furiosa" atacando.

255 - P.G., PAN. e P.A.C. por ZOOM fechando - O avião desliza agora lentamente pelo campo e se aproxima do grupo numeroso. Vô-se o piloto agitando a mão para todos. O avião pára de vez, a hélice se imobilizando. Todos os presentes correm e pequeno aparelho, já tão conhecido dos habitantes da cidade.

SOM - Gritos, "furiosa".

Roberto abre a portinhola do avião e é logo envolvido pelos abraços. Os alunos do aero-club conseguem alçá-lo nos braços e iniciam uma caminhada triunfal pelo campo. CÂMERA SEMPRE centrando o piloto, recebido com honras de herói.

CORTA PARA

256 - P.M. (CÂMERA NA MÃO, DO PONTO-DE-VISTA DE ROBERTO) - As caras alegres dos presentes, seus gestos eufóricos, procurando apertar a mão de Roberto. No meio da massa o rosto belo de Luzia se destaca. Roberto grita-lhe, off:

ROBERTO (off) - Oi, Luzia! Que prazer te ver! Amigos?

Luzia faz um sim com a cabeça, amorosa, feliz.

SOM - Gritos. "Furiosa".

FUSÃO COM

SEQUÊNCIA 16

EX. - ESTRADINHA NUM BOSQUE E LAGO - TARDINHA

257 - P.M. Por TRAV. LATERAL - Instalada em carrinho, câmera enquadrará agora o piloto e Luzia montados em dois belos animais cobertos apenas pela manta. Os cavalos voam pela estradinha cortando aprazível bosque, seguidas pela câmera em TRAV. LATERAL extremamente veloz.

SOM - Cavalos velozes; pássaros; vento.

Os dois deixam a trilha e se dirigem para um bonito lago.

258 - P.G. e PAN. - Enquadramos o casal acabando de desmontar de suas montarias suadas. Luzia corre até um trecho de muita relva e deita-se nela.

SOM - Pássaros; vento nos ramos das árvores.

Roberto vai até lá. deita-se ao lado da jovem e começa a beijar sua boca, os olhos, os ouvidos, o pescoço, o colo arfante. Inesperadamente Luzia se levanta e correndo se despe da roupa leve que traz para em seguida mergulhar nas águas paralizadas da lagoazinha. Câmera fica nela. Luzia ressurgue mais adiante, no lago. Roberto, nu, mergulha próximo ao ponto em que Luzia se en-

contra. Luzia tenta nadar, mas Roberto é mais ágil e rápido e prende-a nos braços, cola seu corpo no dela, beija-a longa, sofregamente, antes de tomá-la nos braços e começar a carregá-la para fora das águas que seus movimentos agitam. CÂMERA (ZOOM) FECHA SOBRE AS ÁGUAS AGITADAS E COALHADAS DE LUZES QUE UM SOL DE FIM-DE-TARDE DESPEJA DO ALTO DAS ÁRVORES COPADAS.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 17

INT. - BAR DO NÉCO - NOITE

259 - DETALHE de uma taça se enchendo de champanha.

SOM - Vozeio álcere.

260 - P.G. e P.P. por ZOOM fechando rápida - O bar do Néco, repleto, algazarrento. Vozes dão vivas, rolhas de champanhas estouram.

SOM - Gritaria.

Câmera avança velozmente sobre Roberto, que leva uma taça de champanha aos lábios. Sua atenção é desviada para a porta de entrada do bar.

CORTA PARA

261 - P.M. (pv de Roberto) - O delegado, Tonico Arzão, está vindo na direção da mesa de Roberto, Luzia, Moacir, Custódio, Biliú e outros. Um silêncio respeitoso desce sobre o salão.

262 - P.A. - Enquadram-se Roberto e o delegado, já no quadro. O piloto já se levantara e recebe os cumprimentos da autoridade policial. Tonico lhe diz:

TONICO ARZÃO - No campo não consegui abraçar você.

Fiquei muito contente por não ter acontecido nada com você nem com o Galdino. Você previu que é bom piloto mesmo. Mas não deve abusar da sorte, meu rapaz.

ROBERTO - Muito obrigado. Vamos sentar. Estamos entre amigos.

263 - P.P. do delegado:

DELEGADO - Agradeço, mas não posso. Tenho trabalho na Delegacia. Podem continuar a festa, que é merecida. Me dão licença.

264 - P.M. e PAN. - Tonico Arzão muleteando vai até o balcão, onde o Néco lhe serve uma branquinha. Ele a toma de um gole, paga, estende a mão ao dono do bar e parte, depois de fazer um largo gesto para todos. Câmera o acompanha até à porta. CORTA PARA

265 - P.A.C. de Roberto e Luzia, que cruzam os braços, à maneira dos noivos, brindando-se. Depois se beijam. A patulôia em volta aplaude, solta vivas, farrista.

SOM - Aplausos, vozerio, vivas.

CORTA PARA

EXT. - TERREIRO NA FAZENDA DE SANTANA - NOITE

266 - P.M. e PAN. - Péla-égua pode ser visto cortando o terreiro vizinho à sede da Fazenda de Santana. Entra num casebre de pau a pique.

INT. - CASEBRE DE MARIA REZADEIRA - NOITE

267 - P.A. por PAN. - O mulatinho acaba de entrar no casebre de Maria Rezadeira, sua mãe, uma negra de seus cinquenta anos, quase andrajosa. Ela está socando café no pilão. Mal olha para o filho quando este se aproxima dela.

PÉLA - Bença, mãe.

MARIA REZADEIRA - Deus te bençoe, fio.

Péla-égua puxa um tamborote e senta ao lado da mãe.

PÉLA - Quero saber uma coisa, mãe. Uma coisa que a senhora nunca que quis me dizer.

268 - "CLOSE" de Maria Rezadeira, que toma do pito de palha que deixara do lado, dá uma boa tragada e começa a falar:

MARIA REZADEIRA - Nunca te escondi nada, meu fio.

Ocê é que anda me escondendo as coisa. Pra mim ocê se ombeçou pela fia do coveiro Joãozão. Por isso é que se mudou pra casa dela. Óia só o que tá fazeno, Zé. Ela é branca e ocê, mômô com esse cabelo corrido, é preto que nom eu. Isso num tá certo, fio.

269 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO de Péla-égua, que se chega mais perto da mãe, abaixa a voz:

PÉLA-ÉGUA - Mãe, eu quero saber uma coisa, e tem que ser hoje, agora. Quem que é meu pai?

270 - P.P. de Maria Rezadeira. Ela pára de socar o pilão, dá outra tragada no pito, olha para o filho, muda, sem saber o que dizer.

271 - P.A. dos dois. Péla insiste:

PÉLA - Meu cabelo é de branco, mãe. Desconfiar ou desconfio, mas queria ouvir o nome do excomungado da boca da mãe. Se tivesse certeza ia exemplar o desgraçado.

Maria Rezadeira torna a socar o pilão. Depois de algum tempo volta a falar:

MARIA REZADEIRA - Larga a Luzia, fio. Ouve o que essa vóia tá falano.

PÉLA - Num desconversa, mãe. Fala o nome dele pra mim. (PAUSA). É seu Pacífico, né?

272 - P.A. o Pp.P. por TRAV.AV. ou ZOOM - Enquadramento favorecendo o Péla-égua. Ele se chega ainda mais perto da mãe, sempre a socar o seu pilão.

PÉLA - Já ouvir contá que ele desgraçou muita negra aqui na fazenda. Botava os fio no mundo e dospois metia os pé nelas, aquele maldito.

MARIA REZADEIRA - Num pensa ruim, Zé. Me fala da Luzia.
(CÂMERA SE APROXIMA LENTAMENTE DE PÉLA).

PÉLA - Se a senhora nunca que abriu a boca pra me dizer nem m^o o nome do excomungado do meu pai, como é que pode querer que eu abra meu coração pra senhora? Vou embora, mãe. Bença.

MARIA REZADEIRA (off) - Dous te bençoe, meu fio.

273 - P.M. e DETALHE por ZOOM FECHANDO - Péla-ógua sai. Maria Reza doira fica socando o pilão, o pito na boca. ZOOM fecha rapidamente sobre o pilão socando café, na cadência certa.

"FADE-OUT e "FADE-IN"

SEQUÊNCIA 18INT. - FAZENDA DE SANTANA TARDE DE CHUVA

274 - DETALHE e P.A. por ZOOM ABRINDO - Enquadra-se mão corzindo meia envolvendo um ovo de madeira. Câmera recua (ZOOM) para focalizar Sá Igalina, mulher do coronel Pacífico, sentada na beira de uma vasta cama de casal, muito antiga, linda. Ouve-se o som off de tropel de cavalo.

SOM - Tropel de cavalo chegando.

Câmera fica sempre na figura da negra a corzir meias. Em off ouve-se o ruído de passos ecoando no corredor.

SOM - Passos off.

275 - P.A.C. - Enquadra-se a porta do quarto. Pacífico lá está, soturno, fitando a mulher com dureza. Por fim ele diz:

PACÍFICO - Vá esquentar um café pra mim que esta chuvinha tá de matar.

276 - P.P. por TRAV. ATRÁS - A tomada, longa e complexa, pode ser assim descrita: instalada em carrinho que correrá fora dos trilhos a câmara enquadrará Igalina, que se levanta, ajeita as meias na cama e sai do quadro (câmera recua). Vence o corredor, comprido, e entra na cozinha, nos fundos da casa (câmera recuando, sempre). Vai até o fogão (PAN.), põe mais lenha no fogo e bota uma panela de ferro na trompo. Câmera deixa Igalina para panoramizar para a porta da cozinha, mostrar Pacífico entrando, a pitar o seu cigarro de palha, que acaba de fazer e acender. O coronel vai sentar-se num banco comprido de madeira, encostado à parede enegrecida pelo fumo e gordura. Câmera avança lentamente na direção de seus olhos e boca, enquanto na trilha sonora começará a ouvir-se sua voz interior, sussurrante, com algum eco:

VOZ DE PACÍFICO - Finados é assim mesmo. Chuva que não pára. Parece até que o céu tá chorando por nós. E logo hoje que tenho que sair de noite. Ver a Luzia do Joãozão.

CORTA PARA

277 - P.P. de Idalina, fazendo café. Ela volta o olhar para Pacífico, fora do quadro.

CORTA PARA

278 - P.P. do Pacífico, cuja voz se ouve na trilha sonora:

VOZ DE PACÍFICO - Mulher boa tá ali, a Luzia. Bonita, nova, vistosa. Boa de cama. Dá gosto a gente ver, tocar. Um dia vou trazer ela pra cá. E não vai demorar.

279 - P.A. - Enquadramos o coronel, sempre taciturno, sentado no banco contra a parede. Idalina entra no quadro (câmara corrigido) com o café. Diante da distração do marido, diz, mansamente:

IDALINA - Óia o café.

Pacífico pega o cuitó, bebe devagar o café quente, enquanto se ouve sua voz interior:

PACÍFICO (VOZ) - As besteira que a gente faz paga aqui mesmo. Desgracei tanta negrinha e achei uma delas pra me desgraçar. Também a Idalina foi esperta: quanto mais eu queria ela mais ela negociava, a diaba. Que corpo tinha essa negra. Soios como os dela só a Luzia tem mais bonitos. E não é que a crioula acabou me levando pro altar pra então ou levar ela pra cama? Negra sabida. Foi aquele escândalo. A família me obrigou a trancar ela aqui no Santana. Foi até melhor. Pra ela e pra mim.

O fazendeiro se dá conta da presença da mulher na cozinha.

CORTA PARA

280 - P.P. de Idalina (pv do Pacífico), mexendo no fogão.

281 - P.P. do Pacífico, cuja voz interior volta a fazer-se ouvir:

VOZ DE PACÍFICO - Mas o que a gente faz de errado pode ter conserto.

282 - P.M.C. e P.P. por ZOOM fechando - Enquadramos de início o coronel em seu banco contra a parede. Ele se levanta, vai até uma mesa e coloca o cuitó nela. Como se lembrasse de alguma

coisa, volta-se para a negra Idalina e diz:

PACÍFICO - Tou pensando em mandar arrumar a casa, pintar tudo de novo, trocar a mobília da sala. Diabo dessa churvinha. Inda tenho que sair pra ver o gado. Quero a janta às cinco horas. Vou na cidade falar com o Oceano. Quero chegar e encontrar tudo pronto.

Câmera volta-se para Idalina, logo que Pacífico deixa a cozinha e em ZOOM avança sobre a mulher de cor, parada, muda, um olhar inexpressivo voltado para acompanhar a partida off do marido.

"FADE-OUT" e "FADE-IN"

SEQUÊNCIA 19

(COMO SEQUÊNCIA 1 - DE ABERTURA)

EXT. CEMITÉRIO -- NOITE (CHUVA) E MADRUGADINHA

284 - G.P.G. - O comitório, sob a chuva miuda. Um túmulo em pri-

meiro plano. REPETIÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ABERTURA, DE ANTES DOS CRÉDITOS (LETREIROS) DO FILME - ATÉ PLANO Nº 10, NO INSTANTE EM QUE O COVEIRO JOÃOZÃO EXCLAMA: "NOSSA SENHORA, MÃE DE DEUS! QUEM MATOU O CORONEL PACÍFICO?"

CORTA PARA

285 - P.M. e P.G. - PAN. - O coveiro Joãozão deixa cair a onxada no chão enlameado e vai na direção da casa, muito apressado. Sai do quadro pela direita.

CORTA PARA

INT. - CASA DE LUZIA - MADRUGADA

286 - P.A. - A cama com Luzia dormindo profundamente. O coveiro

entra no quadro pela esquerda, chamando a filha:

JOÃOZAO - Luzia! Luzia! Acorda, filha!

Luzia nem se mexe. O coveiro então sacode a filha, dizendo, muito nervoso:

JOÃOZAO - Acorda, Luzia! Acorda, que o coronel Pacífico tá morto lá no comitório!

Luzia abre os olhos, assustadíssima. Senta-se na cama.

LUZIA - Fundiu a cuca, pai?! Que brincadeira é essa?

JOÃOZAO - Não brincadeira não, filha. Mataram ele. Seu Pacífico, é, ele! Tá lá no chão, na lama, entre a Dazinha e os Gonçalves Ribeiro.

Luzia se decide e começa a levantar-se.

CORTA PARA

EXT. - CEMITÉRIO - MANHÃZINHA

287 - P.G. e P.A. por ZOOM FECHANDO - Luzia e o pai estão no quadro, caminhando apressadamente pela aléia principal do comitório, no rumo do corpo que se vê ao fundo. ZOOM avança para enquadrá-los em sua marcha. Eles chegam diante do corpo tombado na terra enlameada.

288 - P.P. de Luzia, no instante em que expressa seu terror pelo que presencia. Ela se persigna, dizendo, muito assustada:

LUZIA - Nossa Senhora, mão de Deus! Acabaram mesmo com o coitado!

JOÃOZAO (off) - Faz tempo que ele tá morto aí.

289 - P.M. e PAN. - Luzia, Joãozão e o corpo do coronel. Luzia diz:

LUZIA - Vai depressa chamar seu Tônico, pai. Vai logo!

O coveiro obedece, dá meia volta e caminha no rumo do portão

de saída.

CORTA PARA

290 - P.P. de Luzia, como que hipnotizada pela visão do morto. A água da chuva começa a correr pelo seu rosto de mil tristezas e medo e perplexidade.

SOM - Cantos esparsos de pássaros.

291 - P.P. do rosto imóvel, muito molhado e sujo de Pacífico, com sua cor cadavérica (ATENÇÃO MAQUIAGEM).

292 - P.A. e P.P. por ZOOM AVANTE - Luzia diante do corpo. Ela permanece na mesma posição, hirta, emudocida. Súbito sua atenção é atraída por um ruído off. Ela se volta para o portão do cemitério.

SOM - Ruído do carro chegando, off.

CORTA PARA

EXT. - PORTÃO E CEMITÉRIO - MANHÃZINHA (CHUVA)

293 - P.M. e PAN. - De uma rural descom o delegado, Tonico Arzão, doutor Adoremus, um cabo da polícia e o cocheiro Joãozão. O grupo ultrapassa o portão de entrada e toma a ala principal do cemitério, saindo do quadro.

294 - P.G. - De um ponto alto pode ser descortinada grande parte do cemitério. O grupo, com o delegado à frente, dirige-se até o ponto em que tombou o coronel Pacífico. Luzia lá está, a atenção voltada para a chegada do grupo. O plano termina no instante em que o doutor Adoremus abaixa-se para examinar o "cadáver".

CORTA PARA

295 - P.P. do doutor Adoremus (câmera baixa, como se colocada como

ponto-de-vista do Pacífico). Ele está examinando o corpo off. Logo diz, voltando-se para o delegado também fora do quadro:

DOUTOR ADOREMUS - Morreu ontem à noite, de balas de grosso calibre.

O médico começa a levantar-se.

296 - P.A. - O delegado e Luzia no quadro; em segundo plano o coveiro e o cabo fardado. O médico entra no quadro por baixo e se dirige ao delegado Tonico Arzão, dizendo:

ADOREMUS - O senhor, seu Tonico, precisa mandar o corpo para a Santa Casa, para uma autópsia completa.

TONICO ARZÃO (voltando-se na direção de Joãozão) - Vocês não ouviram barulho aqui? Discussão? Os tiros?

297 - P.P. do coveiro, ao lado do cabo Anselmo. Ele responde:

JOAOZÃO - Não ouvi nada, seu delegado. Eu tava dormindo.

298 - P.P.: o delegado e Luzia. Tonico indaga da jovem:

TONICO - E você, Luzia, também não ouviu nada?

LUZIA (ainda assustada) - Juro que não escutei nada

seu Tonico.

TONICO - Ele costumava ir à sua casa tarde da noite não é minha filha? Tá parecendo que o coronel levou os balaços quando ia te ver; aliás posso jurar que foi isto.

Luzia começa a choramingar. O delegado, condoído, toca com a mão o ombro da jovem, dizendo:

TONICO - Chora não, minha filha. Claro que não foi você. Mas, me conta o que você fez ontem à noite.

LUZIA (limpando as lágrimas com o punho da blusa) - Esperei ele até as 11 horas. Depois achei que por causa da chuva ele não vinha mais e fui dormir.

CORTA PARA

299 - P.M. - Todo o grupo, sob a chuvinha que começa a amainar.

O delegado ordena ao cabo:

TONICO - Você e o coveiro levem o corpo pra Santa Casa. Depois volta aqui pra me apanhar.

O cabo e Joãozão apanham o corpo do chão e o levam para a rural. Saem do quadro, que permanece focalizando os demais. Tonico Arzão volta-se para Luzia e diz:

TONICO - Você vem comigo até a delegacia. Tenho que ouvir você direito. Sei que ele tinha muitos inimigos, mas o negócio está me cheirando coisa de ciúme, e por sua causa, Luzia.

Luzia se assusta, se recompõe. Reage:

LUZIA - Qual é o grilo, seu Tonico? O senhor vai me prender? O senhor já disse que não tenho nada com isso.

300 - P.P. do delegado, calmo, seguro.

TONICO - Você deve saber muita coisa, monina. Já me contaram que o piloto, o Roberto, brigou com o francês perto de sua casa e ameaçou matar todo o mundo, inclusive você.

301 - P.M. do grupo (como nº 299). O delegado volta-se para o médico:

TONICO - É melhor a gente ir andando, doutor Adremus. O carro deve estar chegando. O dia hoje vai ser cholo.

O grupo se encaminha para o portão de saída. Ainda se pode ouvir a voz do delegado dizendo:

TONICO - Você me espera na delegacia, minha filha.

Vou passar antes num lugar.

CORTA PARA

302 - P.G. e PAN. LENTA - O comitório, lavado da chuva que afinal amainara de todo. PANORÂMICA LENTA para mostrar a tristeza e a solidão do lugar.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 20INT. - QUARTO DE ROBERTO (HOTEL) - MANHÃ

303 - P.P. e P.M. por PAN. - Enquadra-se Roberto curvado sobre a pia do modesto quarto de hotel, lavando-se. Ao apanhar a toalha do lado ouve batidas discretas na porta. Enxugando o rosto anda na direção da porta, abre-a (PANORÂMICA acompanhará sua caminhada). Surge do lado de fora a figura sagaz do delegado, apoiado nas muletas de muito uso. O piloto afasta-se para que o delegado entre no quarto. Tonico vai até o leito de solteiro e deixa-se cair nele, apoiando as muletas contra a cama, enquanto vistoria a peça.

304 - P.M. e PAN. (pv do delegado) - A câmera mostrará em panorâmica o quarto de hotel de Roberto, em completa desordem: roupas sobre a poltrona surrada, sobre o armário de vidro partido, sapatos espalhados pela peça, etc.

CORTA PARA

305 - P.A. do delegado, que acaba de vistoriar com os olhos o ambiente. Depois ele acende um charuto ordinário.

306 - P.P. de Roberto, que atira a toalha de rosto sobre a mesinha ao lado da pia e vem colocar-se defronte do delegado, dizendo:

ROBERTO - Bom, o que traz o senhor tão cedo ao meu quarto? Se é pra voar acho que o tempo não está grande coisa.

Tonico dá nova olhada para os lados e diz:

TONICO - Você está precisando de tomar estado, meu rapaz. Mão de mulher está fazendo falta aqui.

307 - Pp.P. de Roberto, que fita o delegado off e diz:

ROBERTO - Seu Tonico, acho que o senhor não apareceu aqui tão cedo só pra me dizer que estou precisando casar, não é

mesmo?

308 - Pp.P. do delegado, que coça a cabeça, com seu jeito capiau, chupa mais uma vez o charuto. Com seu ar astuto, ontressor-rindo, diz:

TONICO - Assenta aqui, meu rapaz, e me conta direi^{ti}inho o que você fez na noite de ontem.

ROBERTO (off) - Mas porque diabo eu devo...

TONICO (interrompendo o piloto, agora sério) - Fica bem quieto, jovem. Estou aqui na qualidade de delegado de polícia da cidade, e se estou lhe pedindo pra contar o que você fez ontem à noite é porque tenho bons motivos pra isso. Ando lá, conte.

309 - P.M. e P.P. por TRAV. AVANTE (ou ZOOM fechando) - O piloto é focalizado de pé, diante do delegado. Ante o ar decidido, mas calmo do delegado, Roberto resolve sentar-se ao seu lado. Coça o rosto, pensa um pouco e diz:

ROBERTO - O que é que eu fiz ontem de noite? O senhor acha que há muita coisa pra se ver nesta cidade que Deus esqueceu e o diabo adotou?

TONICO - Isto não vem ao caso. Mas acho que você não deve falar do lugar que está lhe dando o pão pra você comer. Mas conte lá, vamos. Quê que você fez ontem à noite?

ROBERTO - Deixa ver... Jantei aqui no hotel, andei um pouco pela Rua Direita, depois fui ao cinema...

310 - P.P. do delegado, só.

TONICO - Qual cinema? O Quinze ou o Central? Sozinho ou acompanhado?

O delegado acompanha com a vista o ato de levantar-se do piloto.

311 - P.A. e PAN. - Roberto está levantando da cama, visivelmente aborrecido. Dá uns passos pelo quarto (câmera com ele), prestes a explodir. Depois se acalma um pouco e volta a colocar-se em frente

ao delegado.

ROBERTO - Mas afinal de contas com que direito o senhor vem aqui vasculhar a minha vida? Eu acho que tenho o direito de saber pelo menos isto.

312 - P.A. (pv do piloto) - O delegado está como sempre calmo. Paciente, quase paternal, responde:

TONICO - Não puxe o touro pelo rabo antes dele dar o suspiro final, meu filho. Na hora devida eu digo. Continue.

313 - P.A. e PAN. e Pp.P. por ZOOM FECHANDO - Roberto, ainda de pé, tira um cigarro do bolso da calça e começa a procurar os fósforos. O delegado inclina-se e lhe passa a caixa de fósforos. Roberto acende o cigarro, devolve a caixa e vai de novo sentar-se ao lado de Tonico Arzão, certo de que aquele delegado ora teimoso mesmo, e muito paciente. O piloto dá uma grande tragada e finalmente diz:

ROBERTO - Acho que foi no cine Central.

Câmera fecha sobre o delegado, lentamente.

TONICO - Acompanhado, não é?

ROBERTO (ainda no quadro) - É, estava sim.

TONICO (só ele no quadro) - Da filha do coveiro, apog

to.

ROBERTO (off) - É.

TONICO (agora em primeiríssimo plano) - E depois do

cinema?

314 - P.A. e PAN. e Pp.P. por ZOOM FECHANDO (como nº 313 - início)
O delegado e o piloto no quadro. Câmera começa a fechar sobre Roberto, lentamente.

ROBERTO - Depois fui até a casa dela.

TONICO - Subiu o morro?

ROBERTO - Me despedi na entrada do cemitério e voltei dali mesmo.

TONICO - Alguém viu você voltar? Que horas eram?

(Câmara sempre fechando sobre o piloto).

ROBERTO - A que horas voltei? Não sei, devia ser dez e tanto, quase onze horas, sei lá. Por que é que o senhor acha que eu ia ficar marcando hora pra tudo? Eu lá podia imaginar que ia ter a polícia no meu quarto no dia seguinte, querendo saber tudo o que eu tinha feito na véspera?

315 - P.P. do delegado, que dá nova tragada no charuto ordinário e diz, pausada, calmamente:

TONICO - Quanto mais você procurar se lembrar de tudo que estou te perguntando, melhor pra você, rapaz. Pacífico Moura Alvos, o proprietário da Fazenda de Santana, e um dos homens mais ricos da região, foi assassinado ontem de noite, no morro do comitório, pertinho da casa da sua namorada Luzia, a filha do cocheiro.

316 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO do Roberto, que olha surpreso e atônito na direção do delegado, fora do quadro.

317 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO do delegado, que dá nova tragada no charuto de cinza quase caindo e prosegue:

TONICO - Você deve saber que o coronel Pacífico andava de beijo caído pela filha do Joãozão, essa mesma que você está de namoro desde que chegou aqui. E tem mais: você é novo aqui, por isto vou te explicar uma coisa: Pacífico era irmão do Oceano Moura Alves, o prefeito de Parada de Deus, o chefe político da região, que manda e desmanda em boa parte do Estado. Está entendendo agora por que estou aqui, no teu quarto, a esta hora da manhã?

318 - P.A. e PAN. - De outro ângulo (da cama para a janela) enquadram-se os dois. Roberto joga o cigarro pela janela semi-aberta. Depois se arrepende, vai até a janela e olha para fora (PAN.), ver se o cigarro não caíra na cabeça de alguém. De lá mesmo volta-se para o delegado, sempre o fitando com o seu olhar sagaz, e diz:

ROBERTO - O senhor está querendo dizer que porque eu ando com a Luzia e esse tal de Pacífico também gostava dela e foi liquidado eu me tornei suspeito da morte dele ?

TONICO - Eu estou querendo fazer você compreender que está correndo o perigo de ser baleado a qualquer hora, por vingança da família do morto. E os Moura Alves, meu filho, não são gente de andar armada só pelo gosto de sentir a coronha do revólver coçando a barriga não, posso te afiançar desde já.

319 - P.A. (contra-campo do plano nº 318) - Enquadramos o delegado de frente e Roberto 3/4 do costas. O piloto diz:

ROBERTO - E daí? Só posso lhe dizer que estou por fora, que nada sei a respeito dessa morte e que sou tão inocente dessa morte quanto era no dia em que nasci. E daí?

TONICO (sempre calmo) - E daí, rapaz, vou levar você pra delegacia, que no momento é o lugar mais seguro pra você em toda esta cidade. De acordo?

320 - P.M., PAN, e ZOOM fechando - Toma-se agora a dupla de personagens. Roberto permanece algum tempo emudecido, parado, visivelmente indeciso. Depois vai até o armário, tira o blusão de couro, passa o pente nos cabelos e diz, já compenetrado da gravidade de sua situação:

ROBERTO - É, eu tou na pior. O senhor está com a razão. Tonico Arzão apóia-se nas muletas, levanta-se e antes de começar a andar fala para o piloto:

TONICO - Vamos embora, meu filho. Agora você está sendo sensato. A bóia da cadeia não é grande coisa, mas sempre é melhor do que sete palmos debaixo da terra.

O delegado chega à porta, abre-a e sai. Roberto dá ainda uma olhada pelo quarto antes de sair, fechando a porta atrás de si. ZOOM fecha sobre a porta.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 21INT. - DELEGACIA - DIA - ESTÚDIO OU LOCAÇÃO

321 - P.P. e P.M. por TRAV. ATRÁS - Enquadramos dois soldados (um cabo e um praça) da PM conversando sentados num banco, na ante-sala do gabinete da Delegacia da cidade. Logo os dois olham para a entrada da Delegacia (off) e se levantam, pressurosos. Câmera recua em TRAV. ATRÁS para mostrar o delegado entrando, acompanhado do piloto. O cabo se aproxima do delegado, dizendo:

CABO ANSELMO - Já trouxemos o Pedro e o francês. O coveiro e a filha dele estão no gabinete do senhor.

322 - P.P. de Roberto, que indaga, surpreso:

ROBERTO - O senhor prendeu eles também?

323 - P.P. do delegado.

TONICO - Não prendi ninguém. Vou só ouvir o que eles têm pra contar.

ROBERTO (off) - Gostaria de ter um papo com a Luzia.

TONICO - Agora não. Só depois que eu falar com eles.

(PARA O CABO) - Anselmo, leva o piloto lá pra dentro.

324 - P.M. e PAN. - Todo o ambiente (ante-sala). O cabo vai andando, seguido de Roberto, que a certa altura pára e se volta para o delegado:

ROBERTO - O senhor sabe que eu tenho direito a advogado, não sabe?

DELEGADO - Depois a gente trata disso, meu filho. Fique descansado.

ROBERTO - Outra coisa: o senhor pode me fazer o favor de avisar o doutor Moacir que eu estou aqui?

TONICO - Aviso sim. Pode se ir em paz.

Roberto finalmente desaparece no corredor, atrás do cabo. O delegado vai na direção da porta com a placa "GABINETE DO DELEGADO".

INT. GABINETE DO DELEGADO - DIA

325 - P.P. e P.M. por TRAV. ATRÁS e PAN. - A porta se abre, surgindo a figura de Tonico Arzão, caminhando graças às duas muletas, que maneja com grande habilidade. Ele vai na direção do coveiro Joãozão e de sua filha, sentados em duas poltronas velhas, perto de uma janela (TRAV. ATRÁS e PAN. para mostrar a caminhada do delegado). Faz um gesto para Luzia, dizendo:

TONICO - Vem pra cá, minha filha.

Luzia se levanta e sai do quadro, juntamente com o delegado.

326 - P.A. e PAN. - Luzia e o delegado entram no quadro, caminhando. Tonico vai até sua velha escrivaninha, de porta do correr, entulhada de papéis e processos. Encosta as muletas contra a própria escrivaninha e manda Luzia sentar-se ao lado. Tonico logo senta-se na cadeira giratória. Volta-se para a jovem, de ar meio assustado:

TONICO - Quê que você fez na noite passada, minha filha?

327 - P.P. de Luzia, que responde sem pestanejar:
LUZIA - Saí com o Beto... o Roberto, o piloto, o senhor sabe, pra dar umas voltas.

328 - P.P. de delegado, sempre calmo.

TONICO - E onde é que vocês foram?

LUZIA (off) - Zanzamos por aí, depois fomos ao cinema.

TONICO - Até que hora você ficou com o piloto?

329 - P.A. e P.P. por ZOOM fechando - Enquadram-se o delegado, voltado para a moça, e Luzia, de frente para ele. CÂMERA AVANÇA NELA, ENQUANTO FALA.

LUZIA - Não sei direito... deixa ver... o cinema acabou às dez. Depois ele me levou até em casa, quer dizer, até lá

perto, não subiu o morro do cemitério. A gente se despediu antes da subida, porque o Beto queria que eu ficasse com ele, mas eu disse que não, não tava a fim, tinha que dormir cedo. Ele disse que era porque eu estava esperando o Pacífico. Eu neguei, chamei ele de careta, mas era a pura verdade. Pacífico tinha combinado comigo que ia lá em casa às onze e meia. Então eu fiquei esperando ele chegar, cansei e fui dormir. Pela alma de minha mãe, seu Tônico, foi isso que aconteceu comigo. Dormi e não ouvi tiro nenhum, nem discussão, nem nada.

330 - P.P. do delegado (pv de Luzia) - Tônico Arzão fica batendo o lápis de leve no mata-borrão, fitando o vazio à sua frente. Depois de alguns instantes, decide-se:

TONICO - Está bem, Luzia. Você e seu pai podem ir. Se eu precisar chamo vocês de novo.

331 - P.A. - O delegado e Luzia, que se levanta imediatamente. Tônico diz para o covoleiro (off):

TONICO - Vecê, Joãozão, vá preparar a sepultura do coronel, que o enterro é hoje à tardinha. Só no quadro, o delegado pega o fono e pede à telefonista para ligar para a casa do doutor Moacir.

TONICO - Rosilda, me faz o favor de ligar pra casa do dr. Moacir de Castro.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 22EXT. - RUA PERTO DO CEMITÉRIO - TARDE

332 - G.P.G. - Do alto enquadra-se uma ruazinha dando para o cemitério. O cortejo fúnebre está vindo, com enorme acompanhamento.

SOM - Passos; vozelo, baixo.

333 - P.M. e PAN. - O grupo rodeando o caixão: a viuva, Sá Idalina, Oceano, Indinho (irmão caçula de Pacífico) e duas irmãs solteironas, Dorotéia e Luíza. PAN. para acompanhá-los.

334 - P.P. por TRAV. ATRÁS - Enquadra-se Sá Idalina, com sua expressão seca, sem uma lágrima, impenetrável (pessoas em segundo plano, desfocadas). Ela vai tateando um terço.

SOM - Passos; ladainha.

335 - P.A. por TRAV. ATRÁS - Um grupo de acompanhantes, com destaque para o barbeiro Santives. Um popular está cochichando para o barbeiro:

POPULAR - Eu é que não queria estar na pele do matador do coronel Pacífico. Capitão Oceano vai fazer justiça pelas próprias mãos, você vai ver só.

SANTIVES - Pode ser que não. Quer saber de uma coisa? Pra mim tem mulher no meio. O homem era fogo!

CÂMERA FAZ CHICOTE (PANORÂMICA RAPIDÍSSIMA), SUBSTITUINDO O CORTE.

INT. QUARTO DE LUZIA - TARDE

336 - P.M. e P.P. por ZOOM fechando - A cena é a seguinte: Luzia está semi-deitada em sua cama, sumariamente vestida (de combinação ou de calcinha e sutiã). Sentado na cama seu meio-irmão, Péla-ôgua. Luzia faz as unhas enquanto conversa com o mulatinho.

LUZIA - Cé deu um chá de sumiço, heim Péla?

PÉLA - Cé sabe que eu não gosto desse apelido besta!

LUZIA - Tá bom, desculpe. Zé.

PÉLA - Tenho circulado por aí. Por que?

LUZIA - Por nada. Você esteve em Santana ou na Linha?

PELA - Zanzei por aí à toa.

(Nesta altura câmera começa a aproximar-se lentamente do rosto de Luzia através da lente ZOOM).

LUZIA - Quando é que você soube que mataram o Pacífico?

PÉLA - Um cara me contou, na rua. Você ouviu alguma coisa?

LUZIA - Como é que eu podia saber? Esperei ele até tarde da noite e depois acabei dormindo. O que eu acho careta, Zé, é que mataram ele logo ontem, quando a gente ia combinar tudo.

PÉLA (a esta altura off) - Tudo o que?

LUZIA - Esse negócio da gente ir pra Santana e ele botar a mulher pra escanteio. Era ontem que a gente ia assentar tudo. Você não acha moerongo ele morrer justamente agora?

PÉLA (off) - Você tá com medo dos Moura Alves, Luzia?

LUZIA - Medo? Medo por que?

PÉLA (off) - Sei lá. Foi uma coisa que eu pensei comigo agora mesmo, desde que soube que mataram ele.

CORTA PARA

337 - P.P. do Póla-égua, que prossegue:

PÉLA (continuando) - Fiquei com a cuca fundida de pensar se eles não iam ficar com raiva de você, porque o homem foi morto colado na sua casa.

LUZIA (off, terna) - Você tá encucado por minha causa, Péla?

338 - P.A. dos dois. Luzia estica o braço e afaga a mão do rapaz, que tem um estremecimento e a retira do colo de Luzia, que é onde a jovem a colocara, num gesto menos fraternal, de carinho inocente, do que de óbvio sensualismo. Luzia fita com espanto o amigo, mas logo diz:

LUZIA - Quer dizer que você teve medo deles me jogarem na Lagoa Preta, como tem acontecido com os inimigos deles?

PÉLA - Tá legal. A gente nunca sabe o que aquela gente vai fazer...

LUZIA - Não, Zó, não é comigo que eles vão querer encronca...

PÉLA - Já sei, é com o piloto.

LUZIA - É, o Beto tá no mato com cachorro. Numa sinistra daquelas. O francês também. Mas com Beto é pior. Por isso seu Tonico trancou ele na cadeia, lá na Delegacia.

PÉLA (muito curioso) - Então você acha que foi o piloto que matou ele por ciúmeira?

339 - Pp.P. de Luzia, que parece zangada:

LUZIA - Corta essa, Zó! Estou só querendo botar na tua cuca a enrascada em que o Beto se meteu, coitado. Que caretice a sua!

340 - Pp.P. de Péla-ógua.

PÉLA - Tá legal. (PAUSA). Eu não sei quem matou o Pacifico, mas se você quiser saber o que eu acho disso tudo, você tem que dizer: acho que foi a morte mais justa e certa que eu já vi. Aquelê desgraçado tinha que acabar assim mesmo. Estourado de bala, sem ter alma caridosa pra acender uma vela pra ele na hora justa. Era só isso que eu desejava prá ele. Agora tou com a alma lavada com a morte desse cara.

341 - P.M. o PAN. - Péla-ógua não espere Luzia protestar. Levanta-se e deixa o quarto, quase correndo. Luzia também se levanta da cama, vai até a porta do quarto, mas desiste. Pára.

342 - Pp.P. de Luzia, que diz, pensando em voz alta:

LUZIA - Não dá pra entender, pô! Será que foi ele?

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 23INT. - GABINETE DO DELEGADO - DIA

343 - DETALHE de uma mão com as duas balas que mataram o coronel Pacífico. Em SI ouve-se a voz do doutor Adoremus, que exhibe as balas:

DOUTOR ADOREMUS - Essas balas são de arma antiga, calibre que não se usa mais.

344 - P.A. do médico sentado ao lado do delegado (escrivadinha).

Ele continua:

ADOREMUS - Aí está um problemazinho pro senhor resolver.

TONICO (apanhando as balas da mão do amigo) - E a hora do crime, doutor Adoremus? O senhor já tem uma conclusão?

ADOREMUS - É como eu calculei a princípio: entre as onze e uma da madrugada.

A atenção de ambos é atraída para a porta de entrada do gabinete.

CORTA PARA

345 - P.P. da porta, aberta abruptamente pelo profeito, capitão Oceano, seguido pelo irmão caçula, Indinho. De lá mesmo, antes de iniciar sua marcha até a mesa do delegado, vai dizendo:

OCEANO - Olha, Tonico, nós estamos aqui pra esclarecer esse crime.

346 - P.M. e P.A. (PAN.) - O enquadramento agora é o seguinte: o delegado e o doutor Adoremus de costas, em P.P.. Ao fundo, caminhando para junto deles, o profeito e o irmão. Câmera corrige a caminhada dos recém-chegados. Oceano fala, enquanto anda:

OCEANO - Se você ainda não sabe quem matou o Pacífico eu vou lhe dizer: foi o filho da égua desse piloto.

TONICO (de costas) - Calma, capitão Oceano. Vamos devagar...

OCEANO (inclinando-se sobre a escrivadinha) - Lhe digo

mais: a Rozenda dos Cachorros foi lá em casa me contar que viu o piloto ontem à noite brigando com a Luzia, perto do cemitério, gritando que ia matar todos os amantes dela. Ora, você já deve estar cansado de saber que o Pacífico estava embeijado por aquela ordinariazinha.

348 - P.A. do delegado, acabando de levantar-se da cadeira giratória, do doutor Adoremus de perfil, muito constrangido, e do profeito, igualmente de perfil, diante do delegado. Tonico afinal fala:

TONICO - É uma acusação muito grave, capitão Oceano. Depois, nós todos sabemos que a Rozenda dos Cachorros não regula. Não podemos confiar só no que ela diz. Eu estou aqui pra apurar os fatos e já prendi os homens que eu achava que deviam ser presos: o piloto, o francês da mina e o garçom do hotel. Se o crime foi por ciúme, um deles é o culpado. E fique o senhor sabendo que caso que eu pego não largo no moio. Vou até o fim.

349 - P.P. do prefeito; em segundo plano o Indinho, carrancudo, capataz. Oceano diz, ameaçador:

OCEANO - Pois te dou quarenta e oito horas pra resolver este caso. Senão...

350 - P.P. do delegado, duro.

TONICO - Senão o que?

351 - P.A. do prefeito e do irmão, que se adianta e fala pelo outro:

INDINHO - Senão a gonto tira ele do xadrez e vamos resolver o assunto por conta própria.

Oceano faz um gesto de assentimento e outro para que o irmão permanecesse calado.

352 - P.P. do delegado, mais duro ainda.

TONICO - Pois fique o senhor sabendo de uma vez por todas que enquanto eu for delegado daqui ninguém põe a mão no que é do meu ofício.

353 - PLANO MÉDIO do grupo. Oceano, secamento, volta a dizer:

OCEANO - Quaranta e oito horas, eu já disse, Tónico.

Passe bem.

E como se visse agora o médico, doutor Adoremus:

OCEANO - O senhor ouviu o que eu disse, doutor. Passar

bem.

O prefeito e o irmão dão meia-volta e se vão. Passam pela porta, que fica aberta. O delegado vai então, com suas muletas, na direção da porta. Mas o médico é mais rápido e adivinhando o que o amigo pretendia fazer vai até lá e fecha a porta. Retorna para junto da autoridade. Tónico volta-se para ele, deixando-se tombar sobre a cadeira giratória:

TONICO - Esses postes vieram me atrapalhar o raciocínio. Só faltava mais essa. Mas é como eu falei: comigo aqui, ninguém vai meter o bedelho onde não é chamado.

Doutor Adoremus, sempre sentado ao lado da escrivãzinha do delegado, inclina o corpo e apanha as duas balas, que apalpa lenta e silenciosamente.

354 - P.F. do delegado, que torna a dizer:

TONICO - Diabo da Rezenda dos Cachorros. Ela me cercou na rua pra me dizer que o piloto ameaçara todo o mundo, mas eu não liguei. Foi direto contar pro Oceano, logo ele. Isso ainda vai dar muito pano pra manga.

355 - P.A. dos dois. O médico recoloca as balas sobre o mata-borrão e diz, preparando-se para sair:

DOCTOR ADOREMUS - Bem, tenho que atender um cliente daqui a pouco. Vou indo. Até mais ver, seu Tónico.

TONICO - Obrigado, doutor. Até outra hora. Os dois se apertam as mãos. O médico sai do quadro. Câmera continua em Tónico Arzão, que após alguns instantes faz um gesto quase para a câmara, dizendo:

TONICO - Venha, minha filha, senta aqui, perto de mim.

356 - P.M. e P.A. por PAN. - Luzia está parada diante da porta do gabinete. À ordem do delegado começa a caminhar no rumo da escrivaninha. Câmera panoramiza para enquadrá-la. A jovem vai sentar-se na cadeira até há pouco ocupada pelo médico, focalizada em P.A., juntamente com Tonico Arzão. Este, guardando as balas no bolso do paletó, grita para fora:

TONICO - Cabo Anselmo!

Em off ouve-se o ruído dos passos do cabo, que se encaminha (sempre fora do quadro) até entrar no campo visual, diante do delegado. Tonico ordena:

TONICO - Traga os três homens que estão lá dentro.

O cabo sai do quadro.

SOM - Passos.

O delegado volta-se para Luzia, visivelmente agitada em sua cadeira.

TONICO - Minha filha, você não precisa ficar tão nervosa assim. A gente não vai comer você viva, nem nada. Vou fazer só uma acareação com os três namorados que você arrumou.

As ouvirem ruído off os dois voltam os olhares para a porta.

SOM - Ruído off de passos.

357 - P.M.C.: a porta. Por ela passam o cabo Anselmo, o francês Pierre, o garçom e por fim o piloto, todos muito desconfiados. Caminham uns passos e saem do quadro.

358 - P.P. e P.M.C. por ZOOM ABRINDO - Enquadrámos inicialmente o delegado, dizendo:

TONICO - Vocês se cheguem pra cá. Anselmo, fecha a porta e não deixe ninguém entrar até eu chamar.

Câmera recua com certa ligeireza para mostrar os três recém-chegados, que vão se colocar estrategicamente (para a câmara, é claro) diante da mesa do delegado. Luzia sempre no quadro. É para ela que

o delegado se dirige:

TONICO - Esses meninos aí só vão ouvir as respostas que você vai dar às minhas perguntas. Depois eu mando eles embora e a gente vai conversar sosinhos.

PIERRE - Nós precisarr ficarr aqui parrá ouvir Luzia?

TONICO - Claro que tem que ser na frente de vocês, uai. Essa mocinha aí namorou vocês três e por conta disso vocês estão aqui detidos como suspeitos da morte do coronel Pacífico. Conheço a vida do dono de Santana de cabo a rabo e sei que o Pacífico só recebeu aqueles tirimbaços por causa do seu caso com a Luzia. Agora, se foi um de vocês que matou o homem, a gente ainda tem que apurar. E a gente vai apurar tim-tim por tim-tim, podem estar sossegados.

CORTA PARA

359 - P.P. do piloto, que cruza os braços no peito e diz, mordaz: ROBERTO - O senhor acha que a Luzia vale tanto assim? Por mim ela podia casar com quem quisesse, com quem lhe desse na veneta, que eu não ia arruinar minha vida por causa dela.

TONICO (a princípio off) - Seu moço, fica quieto, bem esladinho, que você é que está pior nesta embrulhada dos diabos.

360 - P.P. do delegado, que prossegue: TONICO - A Rezonda dos Cachorros viu você ameaçando os namorados da Luzia poucas horas antes do Pacífico ser morto. Sabia disso?

LUZIA (off) - Não foi ele, seu Tonico.

361 - P.P. de Luzia, muito agitada.

LUZIA - Não foi o Beto que matou o Pacífico, ele é inocente, juro! Tá por fora dessa enrascada, pode acreditar!

362 - P.M.C. de todos. O delegado diz, sagaz:

TONICO - Bem, já que você tem tanta certeza assim que não foi o piloto, com certeza é porque você acha que foi o francês que matou ele, não?

Todos têm os olhares voltados na direção da jovem. Luzia começa então a chorar copiosamente, enquanto bate os punhos na escrivaninha do delegado, gritando:

LUZIA - Não! Não! Sem essa, seu Tonico!

O delegado mantém a calma. Depois de algum tempo volta a perguntar:

TONICO - Nenhum deles, uai? Nem esse português, também?

Luzia, mais calma, sacode a cabeça, negando, enquanto volta a sentar-se. Ouve-se de novo a voz do delegado:

TONICO - Vocês estão liberados. Podem voltar pras celas. Eu e a Luzia precisamos de veras ter uma conversa só nós dois. Anselmo!

Ruído off da porta se abrindo.

SOM off da porta se abrindo.

TONICO - Love os homens de volta.

Roberto, o francês e o garçom Pedro se encaminham para a porta. Saem do quadro. CORTA PARA

363 - P.A. do delegado e de Luzia. Tonico puxa sua poltrona mais para perto da jovem.

SOM off de passos e de porta se fechando.

TONICO - Eu tenho certeza, minha filha, que você sabe de tudo. Desde o começo desconfiei do Péla-ógua. O filho desprezado que mata o pai. Mas não tenho o costume de ficar culpando os outros. Ainda mais que se eu falasse agora que foi o teu irmão de criação ia ter um trabalhão danado pra não deixar o capitão Oceano afogar o menino na Lagoa Preta, como já fez com tanta gente.

364 - Pp.P. do rosto de Luzia, lívida, surpreendíssima. Ela nada

diz, os olhos postos fixamente no delegado.

365 - P.A.C. dos dois. O delegado tira do bolso as balas que mataram o coronel e as exhibe para Luzia, dizendo:

TONICO - Olha só estas balas. São de arma antiga, de uma garrucha do tempo da tua avó. Onde é que o Péla-água escondeu a arma? Foi lá na sua casa?

Luzia nada responde. Ela recomeça a chorar, mansamente.

TONICO - Essas balas são de uma garrucha de tamanho grande. Só as famílias tradicionais de Parada de Deus é que têm elas. Onde é que o Péla teria arranjado esse trabuco?

Luzia continua a soluçar baixinho. O delegado levanta-se com algum custo, apanha as muletas, vai para perto da moça, passa o braço pelos seus ombros, dizendo, carinhosamente:

TONICO - Vai embora, minha filha. Depois a gente continua a conversa. Sei que o Péla-água é o mesmo que teu irmão. Mas eu preciso falar com ele. Não diga nada a ninguém. Se o Oceano ficar sabendo disso dá cabo do coitado.

"FADE-OUT" e "FADE-IN"

SEQUÊNCIA 24INT. - DELEGACIA - NOITE

366 - CLOSE de um relógio antigo, de parede, pendurado no gabinete do delegado. São duas horas da manhã.

SOM - Relógio batendo as 2.

367 - P.M.C. - Enquadra-se Tonico Arzão dormindo e roncando numa velha poltrona de couro estragado, contra a parede. No quadro, vê-se ainda o mesmo relógio do p. anterior.

SOM - Ronco e tic-tac.

Vindo da direita Luzia entra no quadro e começa a sacudir delicadamente o braço do delegado, chamando-o baixinho:

LUZIA - Seu Tonico. Seu Tonico. Acorda.

O delegado abre os olhos, vê Luzia e se recompõe. Ela diz:

LUZIA - Preciso falar muito com o senhor. Fui na casa e estava tudo fechado.

O delegado agora está sentado. Tira do bolso um cigarro de palha; aconde-o, para depois responder:

TONICO - É, às vezes durmo por aqui mesmo. Antes a Carlota não deixava. Mas desde que fiquei viúvo tenho este hábito. Venha sentar aqui, Luzia.

CORTA NO ATO DE LUZIA SENTAR-SE.

368 - P.A. - Os dois. Luzia acaba de sentar-se, dizendo:

LUZIA - Vim cá pra pedir pro senhor me deixar bater uma caixa com o Beto... Papear com ele, morou?

TONICO - A estas horas... bater caixa, minha filha?

LUZIA - É coisa importante, seu Tonico. No legal.

TONICO - Se é tão importante assim, por que você não conta logo pra mim?

LUZIA - Não dá, seu Tonico. É coisa da gente. Papo particular.

Tonico Arzão, sem nada dizer, apanha as mulotas e começa a an-

dar. Câmera fica na imagem de Luzia, ouvindo-se apenas o som das batidas das muletas no assoalho.

SOM - Batidas das muletas no assoalho. (off).

CORTA PARA

INT. - CELA NA DELEGACIA - NOITE

369 - P.P. e P.A. DO TRAV. ATRÁS (OU ZOOM) - Uma das muletas do delegado entucando as pernas do piloto, na cela. Roberto acorda, assustado, e antes que diga alguma coisa o delegado fala:

TONICO - Tem uma pessoa lá no gabinete que quer falar com você. Mas nada de grito, ouviu? Não quero que os outros tenham conhecimento desta visita.

Roberto se levanta e segue o delegado. Os dois saem do quadro.

INT. - GABINETE DO DELEGADO - NOITE

370 - P.M. e PAN. - Enquadramos desta feita Luzia na mesma poltrona em que foi deixada no nº 368 (final). Sua atenção se volta para a porta de entrada no aposento. Na trilha sonora ouvir-se-ão ruídos de muletas batendo no assoalho e de passos de homem.

SOM (off) - Muletas e passos.

Logo Roberto e o delegado entram no quadro. Roberto não gosta da visão da moça. O delegado diz:

TONICO - Não façam barulho. Vou deixar vocês sozinhos, mas se começarem a xingar em voz alta dou umas mulotadas nos dois.

O delegado sai do quadro. Roberto então pergunta, agressivo, per mancendo do pé diante de Luzia:

ROBERTO - Que é que você quer comigo? Tá a fim de me grilar ainda mais?

371 - P.P. de Luzia, que se levanta e vem colocar-se diante e mais perto do piloto. Ela lhe fala com voz aliciante:

LUZIA - Beto, não foi pra isso que eu vim...

372 - P.P. de Roberto, que reage, zangado:

ROBERTO - Não? Então foi pra que? Veio ver se estou disposto a agüentar sozinho com a acusação de ter matado o teu velho, heim? Você quer saber o que eu penso disso tuão?

373 - P.P. de Luzia, com Roberto no quadro, 3/4 de costas. Ela balbucia:

LUZIA - Beto, me escuta, pelo amor de Deus... Não seja careta. Vim cá...

Roberto dá uma risadinha, divertido com a idéia que lhe passara pela cabeça. E interrompe:

ROBERTO - Olha, eu não disse nada pro delegado, ainda... Mas pra mim, no duro mesmo, quem mandou matar ou matou o careta do teu coronel foi você mesma. Ouviu? Você ou esse tal de Péle-ôgua, que só faz o que você mandar.

374 - P.P. de Roberto (contra-campo do nº anterior), com Luzia no quadro, 3/4 de costas. Luzia tenta contradizer o piloto:

LUZIA - Sem essa, Beto! Pelo amor de Nossa Senhora!
ROBERTO (prosseguindo, sem ligar para a jovem) - Não pense que eu engulo essa história dele ser como teu irmão, de vocês dois serem amigos desde meninos, frequentando a rua das mulheres juntos. Esse cara anda com você, sempre andou, vai pra caminha com você, e foi ele quem matou o teu velho porque estava cansado de ser corneado por ele.

Luzia rompe no choro histérico. Roberto parece nada importar. E prosssegue:

ROBERTO - E tem mais: você cansou do velho e não sabia como se ver livre dele. É, esta hipótese é bem razoável. Pelo que ouço falar esses Moura Alves não largam uma mulher por quem se enrabiçaram.

375 - P.P. de Luzia, agora chorando baixinho, os olhos postos no piloto. Roberto está dizendo:

ROBERTO (off) - Muito menos deixam que elas passem
eles pra trás. Isso é que não. Então, antes que ele te matasse,
você mandou teu irmãozinho adorado fazer o serviço. É isto aí.

Luzia (prorrompe novo choro nervoso, histérico.

376 - Pp.P. de Roberto, que continua, implacável:

ROBERTO - Minha única dúvida é se você é mandante
do crime ou a causa dele. Mas de todo o jeito o que você merece
é umas porradas na cara, ouviu? Só não faço isso agora, aqui, pra
não complicar ainda mais a minha situação, que já está bem enras-
cada!

377 - P.A. e PAN. - Luzia não resiste e se deixa cair na poltrona
onde inda há pouco se sentara. Câmera corrige, panoramizando
para enquadrar o ato de sentar-se da jovem. Depois ela (só no qua-
dro) consegue dizer, sempre choramingando:

LUZIA - Beto, pelo Cristo-Rei, corta essa! Não diga
uma coisa dessas!

378 - P.P. e Pp.P. por PAN. e TRAV. AVANTE (ou ZOOM) - Roberto não
se contém. Vai sentar-se ao lado de Luzia, dizendo, atazanador, en-

ROBERTO - Dói, não é? Pois então pense no perigo que
quanto a câmara panoramiza e avança sobre seu rosto:
estou correndo aqui, com essa capangada toda do prefeito querendo
beber do meu sangue. Se não fosse a valentia desse pernetas, que é
macho pra burro, a essa hora eu estava é fazendo companhia a você,
mas debaixo da terra, lá no cemitério. Olhe aqui minha flor: eu já
estive envolvido em um bocado de oncenca por causa de rabo-de-saia,
mas nunca me meti numa embrolhada tão desgraçada como esta. E tudo
por causa de quem? Adivinhe, se for capaz... tonte, meu coração,
vá...

Luzia neste ponto irrompe novo choro histérico, as mãos no
rosto, arrasada. Roberto acende um cigarro, enquanto mede Luzia
com o olhar, um tanto apiedado. Logo volta a dizer, mais calmo:

ROBERTO - Olha, monina, depois desse tempo todo trancado aqui dentro, tive cabeça pra me perguntar porque cargas d'água fui no motor...

379 - Pp.P. de Luzia, que o interrompe, implorando:

LUZIA - Bô, assim não dá, pô! Você pensa que eu não fico imaginando a tua oncucação, trancado entre quatro paredes, você que gosta tanto de veiar, transar uma de passarinho? Se seu Tonico deixasse eu ficava aqui no teu lugar, juro pelo Cristo-Rei!

380 - Pp.P. de Roberto, que escuta Luzia, com expressão mais apiedada. Ela continua:

LUZIA (off) - Você pensa que eu queria te meter nesta transa maluca? Você não viu como eu disse que você era inocente na frente de seu Tonico e dos outros?

381 - Pp.P. de Luzia. Ela limpa as lágrimas com o punho da blusa e prossegue, mais calma:

LUZIA - Já repeti isso pro capitão Oceano, o prefeito, quando ele foi lá na minha casa pra me dizer quem tinha sido o matador do Pacífico.

382 - Pp.P. de Roberto, agora visivelmente assustado, extremamente interessado na fala da moça, que continua, off:

LUZIA (off) - Ele queria que eu desse uma de dedo-duro, me ofereceu até dinheiro pra soltar a língua, contar que tinha sido você. Dou pra entender agora?

383 - P.A. dos dois. Roberto deixa cair os ombros, sucumbido. Luzia prossegue:

LUZIA - Mas não houve tentação de dinheiro nem de nada que me fizesse dar o serviço, grilar você.

ROBERTO - Então foi isso que o filho de uma ógua pro-

pôs a você? Ele chegou ao ponto de te oferecer dinheiro pra me acusar?! Barbaridade! Esses miseráveis querem mesmo ver a minha caveira!...

Roberto pendo a cabeça, que é apoiada pelas mãos fechadas, na testa. Luzia tenta um carinho, afagando os cabelos do amante, apaixonada. Baixinho, diz:

LUZIA - Beto, eu vou livrar você desta oncrenca, te juro. Eu descobri quem matou o Pacífico. Agora que eu sei não vou deixar oco aqui pagando por um crime que...

Roberto muda de atitude. Blandicioso, coloca a mão sobre o ombro de Luzia e diz, possedistamente:

ROBERTO - Você descobriu? Descobriu mesmo, Luzia? E por que ainda não contou pro delegado, pra todo o mundo? Diga logo quem foi, meu bom, diga, criatura do Deus!

Ao final dessa fala o piloto começara a sacudir com impaciência a moça. Luzia ainda tem um momento de hesitação.

384 - P.P. de Luzia, que confessa, num sopro de voz:

LUZIA - Foi o Póla-égua mesmo. Me dói no fundo do peito ter que dizer isto, mas é a pura verdade. Foi o Póla-égua, o Zé, não tenho mais dúvida nenhuma.

Luzia volta a vista assustada na direção da porta, off.

385 - P.M. e P.A. por PAN. - Tônico Arzão está entrando em seu gabinete, com as suas inseparáveis muletas e o cigarro de palha na boca. Vai até a sua escrivaninha, deixa-se cair na poltrona e diz para Luzia fora do quadro:

TONICO - Era isso que eu queria escutar de tua boca, minha filha.

(Tônico disse essas palavras sem demonstrar nenhum regozijo pelo que acabara de escutar).

386 - P.A. de Luzia e Roberto, sempre olhando para o delegado. A moça começa a chorar novamente, um choro violento, histérico.

co. Tonico Arzão, depois de algum tempo, entra no quadro, puxa uma cadeira de palhinha e senta-se, dizendo:

TONICO - Não adiante chorar, minha filha, eu escutei toda a conversa de vocês dois. Agora me conte tudo, tim-tim por tim-tim. Você acaba de tirar o teu namorado da própria cadeira de Pedro Brás. Mas quero ouvir tudo direitinho, como foi e como não foi... (PARA ROBERTO) - Você pode voltar pro seu lugar. A conversa agora é com esta moça. E bico calado, ouviu?

387 - P.P. de Luzia, que indaga, aflita:

LUZIA - Mas o senhor não vai soltar ele já, seu Tonico?

388 - P.P. do delegado. Ele responde imediatamente:

TONICO - Você está maluca, monina? Pro Oceano pegar e dar o moço pros peixes da Lagoa Preta? E tem mais: ninguém vai ficar sabendo nada desta conversa, nem o Péla-égua, que vai continuar zanzando por aí, como se não tivesse nada com a história. Entendido? Quando for a hora boto a mão nele.

389 - P.M.C. e Pp.P. por TRAV.AVANTE (ou ZOOM) - Câmera enquadrará

Luzia quase de costas, sentada, Roberto à direita do quadro e o delegado de frente, em segundo plano visual. Roberto se levanta e sem dizer mais nenhuma palavra se retira. Câmera vai devagar sobre o delegado, que diz para Luzia, inclinando o corpo para ficar mais perto dela:

TONICO - Agora me conta tudo, Luzia, sem modo algum, como se fosse pro teu pai. Conta como é que você descobriu tudo...

390 - P.A. e Pp.P. por TRAV.AVANTE - O delegado de 3/4 costas e Luzia de frente. Depois de uma pausa, como se procurasse recordar o que acontecera, Luzia começa (câmera vai nela):

LUZIA - O senhor sabe que eu e o Zó... o Péla-égua fomos praticamente criados juntos, desde menininhos. Sabe que o

Pacífico era o pai dele, mas nunca ligou pra ele, nem pra mãe dele, a Maria Rezadeira. Então eu comecei a imaginar...

NESTE PONTO A CENA ESTARÁ NO DESFOQUE TOTAL.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 25

INT. - GABINETE DO DELEGADO - NOITE

391 - DETALHE do mesmo relógio de parede do plano nº 366, marcando as 3 horas. SOM - Batidas do relógio (3).

392 - P.G. do gabinete do delegado, vazio, às escuras. Ouve-se apenas o tic-tac do relógio. SOM - Tic-tac do relógio.

CORTA PARA

INT. - CELA NA DELEGACIA - NOITE

393 - P.M.: a cela onde Roberto, o francês e Pedro, o garçom, dormem profundamente. SOM - Roncos.

CORTA PARA

INT. - QUARTO DE LUZIA - NOITE

394 - P.A. de Luzia deitada em sua cama, de olhos abertos, revelando grande ansiedade.

395 - P.P. do Péla-ôgua dormindo em seu enxergão.

396 - P.P. e P.M.C. POR TRAV. ATRÁS - Novamente enquadramos Luzia de olhos abertos em sua cama. Como está, de "baby-doll", levanta-se (Câmara recua rapidamente) e sai do quarto.

INT. - QUARTINHO DE PÉLA - NOITE

397 - P.A. e P.P. por PAN. - O pequeno corredor da casa de Luzia. Ela vem vindo; chega diante da porta do quartinho do Péla e fica olhando para o quase-irmão.

398 - P.P. do Péla-água terminando como um anjo (pv de Luzia).

399 - P.A. e PAN. (como final do nº 397) - Luzia fitando o Péla-água. Logo a jovem sai do local, voltando para o seu quarto.

CORTA PARAEXT. - LINHA (ZONA DAS MULHERES) - NOITE - LOCAÇÃO

400 - P.G. - Enquadra-se a Linha, um quarteirão de casas baixas, alguns bares fechados (só um aberto, na esquina). Todas as casas estão iluminadas. Luzia entra no campo visual e vai na direção de uma das casas.

SOM - Música de eletrola vin-
da do bar.

401 - P.A. - Luzia chega diante da casa com um portão alto fechado. Puxa um cordão. Uma portinhola se abre. Logo o portão é aberto. Uma mulher grita para dentro:
MULHER - Céus, mas é a filha da Abigail! Entra, Luzia, entra filha de Deus! Quanto tempo!
Luzia é beijada com certo escândalo. Depois a porta se fecha.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 26EXT. - DELEGACIA - NOITE

402 - P.M. e PAN. - Da rua para o prédio enquadra-se a delegacia. Tudo é silêncio no local. De repente ouve-se um carro se aproximando velozmente.

SOM - Ruídos de carro se aproximando velozmente.

Um "Acro-Willys" preto pára violentamente diante da escadaria daquele próprio municipal. De seu interior descem três homens com chapelões à cabeça (jagunços típicos da era moderna). Um quarto homem fica na direção do automóvel. Câmera segue-os subindo apressados as escadas.

CORTA PARAINT. - ANTE-SALA DA DELEGACIA E CORREDOR - NOITE

403 - P.A. e P.M. por TRAV. ATRÁS e P.A. por TRAV. AVANTE - A cena é muito rápida e inesperada: os três homens dão entrada na delegacia com as mãos nos bolsos dos paletós, por certo apertando a coronha das armas. Câmera recua rapidamente. Vêem-se dois soldados dormitando num banco. Os policiais acordam assustados, mas nada fazem ao verem os homens diante deles. Dois dos assaltantes se encaminham para o interior da repartição, entrando no corredor (câmera recuando rápida). O outro fica postado no meio da ante-sala, sem tirar a mão do bolso do paletó.

CORTA PARAINT. - CORREDOR E CELA - NOITE

405 - P.M. e PAN. - Os dois jagunços vindo pelo corredor das colas. Um deles vai até uma mesa, abre a gaveta e retira um molho de chaves (PAN.). Vai até a cela onde estão os três detidos e abre-a. Os dois assaltantes saem do quadro. CÂMERA FICA MOSTRANDO O CORREDOR VAZIO. Logo surgem no quadro os dois jagunços dando empurrões

nós três detidos, todos com ar assustadíssimo. Roberto ensaia uma reação, dizendo:

ROBERTO - Que negócio é isto, pô!

Um dos jagunços dá um murro nas costas do piloto, que solta um ai!, cambaleando. Os cinco personagens vão caminhando aos trambolhões pelo corredor.

CORTA PARA

EXT. - DELEGACIA - NOITE (MADRUGADINHA)

406 - P.G. e PAN. - A fachada da delegacia (como nº 402). Do alto da escadaria surgem os cinco homens, que logo entram no carro (os presos praticamente empurrados). O "Aero-Willys" arranca de imediato e se afasta velozmente.

SOM - Carro arrancando e se afastando.

Câmera fica na fachada da delegacia. No topo da escadaria surgem as caras amedrontadas dos dois soldados, olhando temerosos para o automóvel fora do quadro.

SOM - Carro se afastando.

CORTA PARA

EXT. - ESTRADINHA MUNICIPAL - MADRUGADINHA

407 - P.G. e PAN. - Uma curva da estrada de terra, no alvorecer. Logo o mesmo "Aero-Willys" preto faz a curva próxima e passa raspando a câmera, levantando poeira. PAN. para segui-lo.

SOM - Carros vindo e passando próximo da câmera.

CORTA PARA

EXT. - FAZENDA DO DEGREDO - MADRUGADINHA

408 - P.G. e P.M. por PAN. - Um curral cheio de bois: O "Aero-Willys" entra no quadro e vai parar na porta da Fazenda do Degredo, de propriedade de Oceano Moura Alves. Dele saltam os cinco homens (o motorista fica do lado de fora, a mão no bolso, apertando a coronha do revólver). O grupo entra na fazenda.

CORTA PARA

INT. - ESCRITÓRIO DA FAZENDA DO DEGREDO - MADRUGADINHA

409 - P.A. e P.M.L. por TRAV.-ATRÁS (OU ZOOM) - A porta do escritório da fazenda é aberta, surgindo os três detidos sendo empurrados pelos dois capangas. Roberto, o francês e o garçom vão sentar-se em três cadeiras de palhinha colocadas estrategicamente no meio do aposento. A câmara, que recuara para enquadrá-los em sua caminhada até os assentos, faz lenta panorâmica para descobrir o ambiente: poucos móveis: além das três cadeiras mencionadas apenas uma velha escrivaninha repleta de livros e papéis de escrituração, um armário envidraçado, dois retratos na parede, do antepassado do proprietário, uma escarradoira no canto, um gabinete antigo. Há um silêncio repleto de ameaças no escritório.

CORTA PARA

410 - P.P. - Enquadra-se a porta de entrada, com os dois jagunços postados um de cada lado. A um ruído exterior eles se voltam para a porta, que logo é aberta pelo capitão Oceano. No plano fixo ele sai do quadro.

CORTA PARA

411 - P.M. e PAN. - Os três detidos, com as vistas voltadas para a entrada. Oceano entra no quadro, passa por eles e vai sentar-se atrás da escrivaninha.

CORTA no ato de sentar-se.

412 - P.P. de Oceano, que repete o gesto de sentar-se (PARA MONTAGEM). Depois de uma pequena pausa ele diz, pausadamente:
OCEANO - Os senhores já devem ter adivinhado o motivo pelo qual foram trazidos aqui pro Degredo.

CORTA PARA

413 - P.P. de Roberto, que diz, com violência na voz:
ROBERTO - Eu quero uma explicação para esta violência! Isso não vai ficar assim não, pô!

414 - P.A. e P.P. por TRAV. AVANTE - Oceano nada diz, a princípio. Fitando os três suspeitos à sua frente (off), volta a falar,

com sua voz cansada:

OCEANO - Os senhores são os três suspeitos detidos pela morte do meu irmão Pacífico. E desde já quero dizer aos senhores que mesmo confiando na capacidade do delegado Tonico Arzão, a quem entreguei a delegacia de Parada de Dous, com ótimos resultados, diga-se de passagem...

(A esta altura a câmara o estará focalizando em primoríssimo plano).

OCEANO (continuando) - ... neste caso não tenho a paciência necessária para esperar que um dos senhores se disponha a confessar o motivo e a autoria do crime.

CORTA PARA

415 - P.A. dos três detidos, que se entreolham, assustados e indecisos. Em off ouviu-se o prefeito, que continua:

OCEANO (off) - Hoje vou ficar sabendo quem matou o Pacífico, e desde já poço...

416 - P.P. de Oceano, falando.

OCEANO - que me poupem de utilizar métodos violentos e extremos, aos quais não quero recorrer, mas que estou disposto a lançar mão, desde que me obriguem a isso.

O prefeito faz o gesto de levantar-se. CORTA PARA

417 - P.M.C. e P.A. por PAN. - Oceano levanta-se e se encaminha na direção dos detidos. Câmara com ele. Para exatamente diante do piloto. Fitando-o nos olhos, diz:

OCEANO - Pra mim o senhor é o principal suspeito. Já teve quem me contasse que o senhor ameaçou matar os amantes da filha do covão. Por que matou meu irmão?

418 - P.A.C. de Roberto e do prefeito. O piloto enfrenta-o e diz:
ROBERTO - Eu não matei ninguém. Sabia que aquele velho andava enrabichado pela Luzia, mas pouco me importava. Ele

tinha a hora dele, eu tenho a minha. Não ia matar um cara que eu nem conhecia por causa de uma rameira qualquer.

419 - P.M. - CORTA PARA para Indinho, que acabara de entrar, permanecendo junto à porta de entrada. O caçula dos Moura Alves precipita-se, vai até o piloto e lhe dá violento murro na cara. Roberto tenta reagir, mas a esta altura os dois capangas estão atrás dele, prendendo-o de encontro à cadeira. O sangue começa a jorrar do nariz do piloto. Ouve-se off a voz enérgica do prefeito:

OCEANO(off) - Chega! Já disse que não quero violências aqui! Indinho, vai lá pra trás e não se mexa de lá!

CORTA PARA

420 - P.P. de Oceano, que prossegue:
OCEANO - Quero ó que ele confesse, o piloto aí. Por que matou Pacífico?

421 - P.P. de Roberto, que limpa o sangue com um lenço que tira do bolso da calça e diz, desanimado:
ROBERTO - Já disse que não matei ninguém, nem tenho nada com esse crime! Estou cansado de dizer pro delegado, pra todo o mundo. Não posso confessar uma coisa que não cometi.

422 - P.P. de Oceano, que pergunta, esportamento:
OCEANO - Então por que ameaçou os amantes da filha do Joãozão?
ROBERTO (off) - Não ameaçei ninguém. Perdi a cabeça e disse umas besteiras, nem me recorde mais, só isto.

423 - P.G. ("plongée") - Instalada em uma plataforma, a câmara enlaidada para outro, em silêncio. O prefeito começa a andar de um lado para outro, em silêncio. Depois torna a falar, sempre andando:
OCEANO - Ninguém vai sair daqui sem que esse crime seja esclarecido. É melhor o culpado contar a verdade. É melhor

pra todos, e vai me dar menos trabalho e evitar que o Chicão comece a aplicar uns métodos que ele aprendeu na polícia baiana...

CORTA PARA

424 - P.A. dos três detidos, que novamente se SOM off entrecolham assustados dos. CORTA PARA do passos de Oceano.

425 - P.A. - O grupo de capangas, com Indinho meio de lado. Impassíveis, as mãos sempre nos bolsos.

426 - P.P. de Oceano, agora de novo diante da escrivaninha, sentado. Ele bate do leve com uma caneta no tampo da mesa. SOM - Batidas leves na mesa.

Câmara fica nele. Na trilha sonora ouvir-se-á o ruído do carro chegando à fazenda. SOM - Carro chegando, off (som aumentando).

Oceano pára do bater a caneta na escrivaninha. O motor do carro é desligado. Uma porta é fechada. SOM - Motor parando. Som do porta batendo.

CORTA PARA

EXT. - FAZENDA DO DEGREDO - MANHAZINHA

427 - P.M. o PAN. - Enquadra-se no lusco-fusco da manhã o delegado se aproximando da escadaria que dá para a varanda da sede, manejando com habilidade as suas mulotas. O cabo Anselmo fica do pé ao lado do carro (uma Rural). Vindo do dentro um dos capangas posta-se diante da porta de entrada. CORTA PARA

428 - P.A. - O delegado chega até onde está postado o capanga. Há um instante de suspense. Tônico Arzão depois diz, simplesmente: TONICO - Me deixa passar, moço.

Dizendo isso o delegado se apresta para entrar na fazenda. O

capanga se afasta. CORTA PARA

INT. - ESCRITÓRIO - MANHAZINHA

429 - P.M. e PAN. e P.A. DOB TRAV. AVANTE (ou ZOOM) - A porta do escritório. O delegado abre a porta e entra, seguido pelo capanga dos n.ºs. 427 e 428. Todos os olhares nele. Muletando ele se encaminha na direção do prefeito, na escrivaninha. CÂMERA SEMPRE COM ELE. Para e diz, seguro, sereno, para Oceano:

TONICO - Você tem paciência, Oceano, mas eu e ninguém mais é responsável pelas vidas desses homens. E enquanto eles estiverem detidos para averiguações na delegacia ninguém pode arrancar eles de lá, nem meu próprio pai, se ressuscitasse de morto.

O delegado, que carregava um charuto aceso, dá uma tragada, como sempre faz quando está tenso. CORTA PARA

430 - P.P. do delegado, que depois da tragada continua:

TONICO - Se você quer mesmo resolver este caso, desde já eu lhe dou o meu cargo, a delegacia, os presos e tudo o mais. Só não posso é ficar desmoralizado assim, como um João-bobo qualquer, sem vontade nem lei. Não tolero desacato. Por isso quero que você resolva agora, sem delonga: ou volto agorinha mesmo pra Parada de Deus, com os detidos, e ainda delegado, ou vou embora e deixo eles aqui, e você fica com o cargo de delegado pra dar a quem achar melhor.

CORTA PARA

431 - P.G. ("plongéo") - Como n.º 423: câmara do alto enquadra todo o ambiente. Oceano levanta-se e começa a andar pelo escritório, na direção de uma janela, do lado oposto ao da escrivaninha. Abre-a e fica espiando para fora um longo minuto. O PLANO É FIXO, E TODOS ESTÃO NELE. O delegado fica fumando o seu charutão ordinário. Os detidos têm a vista voltada para o prefeito, atrás deles.

432 - P.P. do delegado, com o charuto na boca, impassível, olhando na direção do prefeito. O silêncio é total. Perdoem-nos o lugar comum: podia-se perfeitamente ouvir uma mosca, se por lá houvesse.

433 - P.P. do Roberto, agora com a cabeça baixa, voltada para o chão.

434 - P.P. do Oceano, sempre à janela (tomada de fora para o escritório. Em off ouve-se a voz do delegado:

TONICO (off) - Muito bem, o que é que você decide?

O prefeito, sem se voltar, responde, em tom um pouco mais alto:

OCEANO - Pois bem: leve os homens. Um delegado como

você merece um voto de confiança. Mas resolva este caso o mais depressa que puder.

CORTA PARA

435 - P.G. ("olonegão") - Como 431 - Câmara no alto enquadra todo o ambiente: o prefeito sempre diante da janela, os presos nas cadeiras, os capangas junto à porta. Tonico Arzão vai até os detidos, dizendo:

TONICO - Vamos, gente. Eu vou agarrar o assassino do Pacífico, isto eu garanto.

O delegado diz isso mais para o prefeito do que para os detidos. Todos se dirigem para a porta de saída.

"FADE-OUT" e "FADE-IN"

SEQUÊNCIA 27EXT. - FAZENDA DE SANTANA (ESTRADA) - DIA

436 - P.G. e PAN. - A rural do delegado roda por uma estradinha poeirenta. Para diante de uma porteira; ao fundo uma grande fazenda (de Santana). O cabo Anselmo vai abrir a porteira. Volta para o carro, que arranca logo. PAN..

EXT. - TAPERA DE MARIA REZADEIRA (FAZENDA DE SANTANA) - DIA

437 - P.M. - Uma tapera no terreiro circunvizinho da fazenda (se- de). A Rural entra no quadro e para junto ao casebre. O de- legado abre a porta, ajeita as muletas e entra na tapera.

INT. - TAPERA - DIA

438 - P.A. de Maria Rezadeira, mãe do Péla-égua, com um pano bran- co atado na cabeça, de cócoras diante do fogão de lenha, so- prando para acender o fogo. Tônico entra no quadro e vem se colo- car a seu lado. Ajuda-a a acender o fogo. Depois vai sentar-se num banco de madeira, perto. CORTA PARA

439 - P.P. de Maria Rezadeira, que acende o pito com uma acha de lenha e diz:

MARIA REZADEIRA - Eu sei bem pru que é que vósmicê tá aqui, seu Tônico Arzão. É pra falá sobre o meu fio, o Zé, num é mêmoo?

440 - P.P. do delegado, admirado. Ele diz:

TONICO - Como é que você adivinhou? Fez pacto com

o tnhoso?

441 - P.P. de Maria Rezadeira, que se persigna, temerosa:

MARIA REZADEIRA - Deus Nosso Senhor que me livre, sinhô sim. Fala isso não!

442 - P. A. e PAN. - Maria Rezadeira é enquadrada dando mais uma pitada no cigarro de palha, garantir o foguinho. Depois puxa outro banquinho e vem sentar-se perto do delegado. Que diz:

TONICO - É brincadeira, Maria Rezadeira. Mas me diga: como é que você soube que eu vinha?

REZADEIRA - Não tem duas noites sua falecida miú, a Carlota, me apareceu na sessão pra me avisar que vós micê vinha procurar eu.

Há um silêncio. Tonico Arzão parece recordar-se da falecida esposa. Depois acende o charuto ordinário com a acha de lenha que a mulher lho passa e diz:

TONICO - Olha, Maria Rezadeira, não adianta te enganar. Você sabe de tudo. Eu vim porque estou convencido que quem matou o Pacífico foi o teu filho, o Péla-égua, como é chamado...

443 - P. A. e P. P. POR TRAV. AVANTE OU ZOOM - Às últimas palavras do delegado a câmara estará avançando sobre a boca do fogão de lenha, até a cena desfocar completamente na vermelhidão do fogo.

SEQUÊNCIA 28EXT. - FAZENDA DE SANTANA - TARDE

444 - G.P.G. - A princípio desfocadamente, câmara focalizará agora a casa grande da Fazenda de Santana, já vista anteriormente (é a fazenda de Pacífico Moura Alves). Silêncio na tarde de muito calor. Junto à varanda a Rural da delegacia. Bois mugem na tarde sertaneja.

SOM - Bois mugindo. Canto de passaros.

CORTA PARAINT. - SALA DE JANTAR DA FAZENDA - TARDE

445 - P.G. de ampla sala de jantar, com sua mesa larga, suas marquêsas, suas cadeiras de palhinha, seus bancos rústicos e cambaios, o assoalho de largas tábuas empenadas, mas bem lavadas. Numa das marquêsas pode ser vista a viúva de coronel Pacífico, Sá Idalina, toda de preto, um pano da mesma cor amarrado na cabeça, de chinelas de liga, soturna, cerimoniosa. A seu lado o delegado, que logo começa a falar:

TONICO - Sá Idalina, vim aqui por causa da morte do coronel Pacífico. A senhora não sabe, não se lembra de nenhum desafeto do falecido, de alguém capaz de uma tocaia feia daquelas?

CORTA PARA

446 - P.F. da negra, que responde, sem fitar o delegado:

IDALINA - Desafeto brabo, pra dizer a verdade, são tantos que eu não sei não senhor. Diz que ele vivia embeijado pela filha do coveiro Joãozão. Diz que ela sempre foi mulher de muitos homens. Diz que tem um tal de piloto de avião que prometeu matar os homens que tinham case com ela... essa Luzia. Eu penso nisso e em muita coisa mais, sim senhor.

447 - P.A. dos dois. Sá Idalina se cega e permanece imóvel, as mãos cruzadas sobre as pernas. O delegado parece matutar, como se procurasse armar uma armadilha para que nela caísse aquela artilhosa criatura. Finalmente fala:

TONICO (calmo, sagaz) - Então diz pra gente o que que a senhora pensa mais, Sá Idalina. Ouvi dizer que o falecido ia abandonar a senhora por causa da filha do coveiro Joãozão. Ouvi mesmo dizer que estava tudo assente entre os dois, que a Luzia vinha morar aqui, no teu lugar. Isto é verdade?

448 - CLOSE de Sá Idalina, que baixa a vista, envergonhada. Depois de largo silêncio ela começa a falar:

IDALINA - Eu sabia de tudo, seu Tonico Arzão. Não que ele me contasse, porque o falecido só falava comigo pra gritar ordens. Mas eu sabia de tudo.

Nova pausa. Logo a negra recomeça:

IDALINA - Pra ele eu era mais uma empregada do que mulher dele, no legal. Ache que no dia seguinte do nosso casamento ele já tava arrependido de ter se casado comigo. Nunca me apertou pra família dele. Quando os irmãos vinham aqui eles nem olhavam pra mim. Só festejavam muito os meus meninos. E se chegava alguma visita ele me trancava no quarto, pra depois ir receber ela. Ele tinha vergonha de mim, isso é que era. Depois então que pegou a sarandar pro lado da filha do coveiro, aí eu acho que morri pra ele. Porque antes dele morrer pra mim quem morreu pra ele fui eu.

449 - P.G. - Como 445: todo o ambiente da sala de jantar. Há nova pausa. Sá Idalina torna a contar:

IDALINA - Eu sabia de tudo. Mas continuei quieta no meu canto, sem tugar nem mugir, no aguardo de ver como ia de acabar tudo aquilo. Porque eu tava me alombrando duma coisa bem séria: isso vai dar em coisa feia e grossa. Tudo o mais e outro pode perdoar, menos isso, se é verdade o que todo o mundo dizia.

450 - P.P. do delegado. Seus olhinhos sabidos brilham mais. Dá uma comprida paxada no charuto e solta ampla baforada de fumaça, para o alto. Depois diz:

TONICO - A senhora também sabia, Sá Idalina, que o Péla-égua não ia perdoar o próprio pai de roubar a mulher de quem ele gostava em silêncio, não sabia?

451 - CLOSE de Idalina, que nada responde. De repente, como se tivesse lembrado de algo, indaga:

IDALINA - Acoita um café, seu Tonico?

TONICO (off) - Café não é coisa que se recuse, Sá

Idalina.

452 - P.A. e PAN. - Ambos. Idalina levanta-se e faz menção de ir até a cozinha. O delegado também se levanta, dizendo:

TONICO - Não sou de cerimônia, a senhora sabe.

Ela vou com a senhora lá na cozinha.

Os dois se encaminham para uma porta que dá para os fundos da casa.

CORTA PARA

INT. - COZINHA DA FAZENDA - TARDE

453 - P.G., PAN. e P.P. por TRAV. AVANTE (ou ZOOM) - Enquadra-se a porta dando para a cozinha, que está no quadro em sua integridade. Seguida pelo delegado Idalina dá entrada nessa peça da fazenda. Ela vai até o fogão, apanha uma cafeteira dentro de uma panela em banho-maria e vem para uma mesa grande, a um canto. Tonico senta-se num banco contra a parede, diante da mesa coberta por um oleado ordinário. A negra apanha duas xicrinhas e serve café. CÂMERA VAI NELA, depois que a dona da fazenda se senta numa cadeira, na cabeceira, ao lado do delegado. Ela continua, depois de um gole:

IDALINA - De todos os filhos espalhados que o fale-

cido tinha por aí nenhum engoliu mais raiva dele do que o filho da

Maria Rezaõeira. Diz-que clo cresceu junto da tal Luzia, como carne e unha. Diz-que tambõem que foi ele que desvirginou ela, muito mocinhos os dois. Sei não. Tudo é possível neste sujo mundo.

454 - P.P. de Idalina, que prossegue, olhando para o chão, como se sentisse vergonha do delegado:

IDALINA - Mas depois que ela virou mulher garrou a namorar tudo que era homem e que o Péla-õgua guontava tudo quieto porque não tinha joito mesmo. Mas que clo sempre gostou dela, sempre. Isto eu sei. Só não tinha era coragem pra falar pra ela a verdade, um pé-rapado como clo, vagabundo como clo só. Aí, quando eu soube que era apenas a tal de Luzia que o falecido tava de som vergonhice, aí eu pensei comigo: tudo o mais o outro pode perdoar, menos isso, se é verdade o que diziam.

455 - P.A. e PAN. - O delegado e Sá Idalina. Tonico faz monção de partir. Antos, arrisca:

TONICO - Péla-õgua nunca frequentou esta casa? Nunca esteve aqui, som o falecido saber?

IDALINA - Não senhor. Que eu botasse o olho nele, nunca. É, acho que clo nunca que pisou os pés nesta casa.

456 - P.P. de Tonico, pensativo, reticente. Ele estende a mão para Idalina. CORTA PARA

457 - P.A. e P.M. por PAN. - Sá Idalina aperta a mão do delegado, a cabeça baixa. Ele pega as mulotas e se encaminha no rumo da porta, seguido da mulher.

CORTA PARA

SEQUÊNCIA 29INT - DELEGACIA - DIA

458 - P.P. o P.A. por TRAV ATRÁS - Enquadra-se inicialmente o piloto fitando um ponto próximo ao centro da lente. Ouve-se a voz do delegado, off:

TONICO (off) - Você já sabe, tanto quanto eu, quem que deve ser o criminoso no real.

Câmera começa a recuar para mostrar Tonico de costas, atrás da escrivaninha; Roberto está diante dele. O delegado prossegue:

TONICO - Mas eu quero ver se o Póla-ôgua fraqueja na hora e eu posso arrancar alguma coisa dele pra não ter que meter a pobre Luzia nessa encrencalhada toda. Ela disse aquilo pra salvar você, mas se o Póla-ôgua descobre algum dia que foi ela quem denunciou ele, hum, pobre da moça...

459 - P.P. de Roberto, que diz, com muita ironia na voz:

ROBERTO - Estou muito admirado de ver o senhor, um homem tão esperto, ir na conversa da Luzia e não desconfiar que os dois estavam de combinação no assassinato do fazendeiro. Tá na cara que ela e o Póla estão envolvidos no crime, até uma criança vê isso.

460 - P.P. de Tonico Arzão, que custa a conter a raiva. Olha firme na direção do piloto e diz, pausadamente:

TONICO - Olha aqui, rapaz, sabe o que eu penso mesmo? Penso, no duro, que você é tão ordinário que já estou arrependido de ter tirado você das mãos do capitão Oceano, naquela noite, lá na Dogredo. Devia ter deixado ele te exemplar, como você merece, pra deixar de ser besta. Devia ter deixado ele te arrancar os culhões, que era o mínimo que ia fazer com você.

461 - P.P. de Roberto, que não se deixa intimidar e retruca, irô-

nico:

ROBERTO - Já agradeci o que fez por nós. Mas isto não quer dizer que não possa ter minha opinião. Aquela piranha...

462 - P.A. dos dois, destacando o delegado. Este não se contém e dá um murro na mesa, fazendo papéis voarem longe. E diz, quase perdendo a paciência:

TONICO - Você sabe muito bem que sou homem pra burro. Mas quanto mais eu vivo mais me convengo que nós, homens, não vamos a unha do pé da mulher mais escrota deste mundo, sabe? Então você ainda tem a cachimônia de duvidar da bondade dela, do amor dela? Será que ainda não se inteirou de quanto a Luzia gosta de você, homem?

ROBERTO - Tá bem, gosta, e daí?

TONICO (mais calmo) - Daí o que eu queria mesmo te pedir é pra não dar com a língua nos dentes, nesse caso do Péla-ógua. Amanhã vou fazer a reconstituição do crime no mesmo local e quero ver a reação dele. Já está tudo arrumado e vou mandar o cabo Anselmo chamar todo o mundo pra ir ver como é que a coisa aconteceu, o mais fielmente possível.

463 - P.P. do delegado, que continua:

TONICO - Vão vocês todos, os suspeitos, a família Moura Alves, Maria Rezadoira, Luzia, Sá Idalina, o cozeiro e quem mais quiser assistir. Vou intimar todo o mundo. Quem não for, dos intimações, meto na cadeia.

464 - P.P. do piloto, descrente.

ROBERTO - O senhor acha que essa encenação toda vai dar algum resultado?

465 - P.A. dos dois. O delegado responde:

TONICO - Nunca se fez isto aqui em Parada do Deus. Pelo menos não me recorde. Vai ser um Deus nos acuda.

O delegado faz um gesto de que tem coisa a fazer (mexe na mesa, à procura de um papel qualquer), enquanto diz, por fim:

TONICO - Agora volte pra cola e bico calado, que em boca fechada não entra mosquito.

Roberto dá meia volta e sai do quadro. Câmara corrige para enquadrar o delegado lendo um papel.

CORTA PARA

INT. - BARBEARIA DO SANTIVES - DIA

466 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO de um freguês, a cara toda ensaboada.
SOM - Ruídos off de cidade.

467 - PeA. - Através do espelho diante da cadeira do barbeiro enquadram-se Honorino Santivos e o freguês do p. anterior. O barbeiro está dizendo, enquanto maneja a navalha:

SANTIVES - Seu Tonico ficou maluco. Intimar a gonto pra ir ao cemitério às 11 da noite pra assistir essa prosepada! Já se viu coisa igual? O homem morreu, tá enterrado, o bom enterado, todo mundo sabe que foi o mulatinho, o Péla-égua, que, diga-se de passagem, teve razão de sobra pra fazer aquilo, e agora vem o delegado fazer esse teatro todo dentro do campo santo e chamar a gonto pra assistir!

FREGUÊS - É, tá tudo louco, seu Santivos.

SANTIVES - É o que eu digo, tá todo mundo com a euca avariada! (dizendo isso o barbeiro faz o gesto clássico da loucura, isto é, o dedo rodando na testa).

CORTA PARA

INT. - BAR DO NÉCO - DIA

468 - P.M.C. de um grupo prosepando diante do balcão do bar do Néco, também presente. O professor Biliú toma um trago da branquinha

e comenta, para os dois amigos a seu lado:

PROF. BILIÚ - Vocês estão muito enganados. Seu Tonico Arzão está certo, certíssimo. Essa é uma técnica nova, aplicada em toda parte, e com ótimos resultados. Hoje em dia a reconstrução do crime é de tão grande valia e ajuda tanto a polícia a desvendar os mistérios mais intrincados que praticamente se espalhou por todos os países. O criminoso, quando presente, não resiste à emoção e se denuncia. Quase sempre é assim. É no caso do Póla-ôgua, coitado, se é que foi ele mesmo, tenho certeza que confessará. Ele não é criminoso nato, não resistirá à emoção de ver a cena repetida exatamente como se deu.

469 - P.P. do dono do bar, o Néco, que retruca:

NÉCO - Pois pra mim essa prosepada não vale nada.

É pura perda de tempo.

Diz isso e se volta pra apanhar nova garrafa de cerveja.

CORTA PARA

INT. - GABINETE DO DELEGADO - DIA

470 - PLANO AMERICANO do delegado Tonico Arzão sentado em sua escrivaninha, dizendo alguma coisa para o cabo Anselmo, de pé diante da autoridade. De repente a sua atenção se volta para a porta.

SOM - Batidas na porta, off.

471 - P.M. e P.A. DO P.A. - À porta vê-se agora o prefeito da cidade, Oceano, o ar zangado. Ele diz, enquanto caminha na direção da mesa do delegado, a princípio off:

OCEANO - Tudo tem limite, seu Tonico! Recobemos sua intimação e minha mão mandou chamar o senhor lá no sobrado, pra te

com uma conversa. Agora mesmo.

O prefeito agora encontra-se diante do delegado, ao lado do cabo, que antes fizera continência para a autoridade municipal. Toni

co levanta-se de imediato e diz para o cabo:

TONICO - Anselmo, toma conta de tudo. Não demoro.

CORTA PARA

472 - P.P. por TRAV. ATRAS - O delegado dá a volta por trás da escrivaninha, com suas muletas, e enquanto caminha ao lado do prefeito vai dizendo (câmara recua):

TONICO - Já sei que é por causa da intimação. Vocês deviam ter mais confiança em mim, Oceano. Reconstituição do crime é coisa normal no mundo inteiro. Só aqui causa esse escarcéu. Mas será um prazer rever dona Paula, que há muito não vejo, também ela não sai daquele casarão...

Ambos saem do quadro. CORTA PARA

EXT. - RUAS DA CIDADE - TARDE

473 - P.G. e PAN. - Enquadra-se uma rua dando para a praça da cidade. O "Aero-Willys" que serviu para sequestrar os detidos da cadeia surge virando uma esquina e passa rente à câmara, possibilitando ver em seu interior o delegado e o prefeito no banco de trás. SOM - Buzinas (ruídos de cidade)

474 - P.G. ("PLONGÉE") e PAN. - Instalada no segundo andar de um sobrado na praça vemos agora o automóvel rumando para o casarão da mãe do prefeito. SOM - Idem.

CORTA PARA

475 - INTERIOR DO CARRO RODANDO: Tonico e Oceano, mudos, no banco traseiro. O delegado olha para fora, para o céu; e comenta:

TONICO - Diabos! Parece que vai chover.

CORTA PARA

476 - P.G. e PAN. - Uma das ruas da praça ajardinada. O carro está vindo. Para diante de belo sobrado oitocentista. Do carro descem o delegado, ajudado por Oceano, e o prefeito. Entram na casa.

colocar atrás da marquesa ocupada pela grande senhora: são as duas filhas solteironas de dona Paula, Dorotéia e Gertrudes.

CORTA PARA

480 - P.A. e PAN. RAPIDÍSSIMA (CHICOTE) - Logo surge pela mesma porta o caçula da família, Indinho, sempre de cara amarrada. Fica postado ao lado da porta, como um guarda palaciano, ciente de suas responsabilidades. No silêncio que se formara na sala ouve-se agora o som de passos e de muletas na escadaria, próxima.
SOM - Passos e ruído de muletas, off.

Indinho, que é o que está no quadro, volta o olhar para a porta que dá para a escadaria, do outro lado da sala. CHICOTE.

481 - P.A. - A porta se abre e por ela dão entrada no aposento o delegado e Oceano. Tonico pára, como à espera da ordem de entrar. A voz de dona Paula se ouve, autoritária:
DONA PAULA (off) - Vá-se chegando, Tonico Arzão.
O delegado sai do quadro.

482 - P.P. e P.M. POR TRAV' ATRÁS - Enquadra-se inicialmente dona Paula em sua marquesa, olhando na direção do delegado, que entra no quadro, choga diante da anciã e diz:
TONICO - Boa tarde, dona Paula. Recebi o seu convite e aqui estou para a conversa que a senhora quer ter comigo.
Dona Paula faz um sinal para que o delegado se sente numa poltrona, à sua direita. Câmera recua rapidamente para focalizar a caminhada de Tonico até à seu lugar. Ele se senta, ajeitando as muletas do lado. Há uma pausa. Depois ele começa a escutar a voz off da chefe do clã:
DONA PAULA (off) - A gente reuniu aqui, Tonico Arzão, pra falar sem peias nem meias.

483 - P.P. de dona Paula, que prossogue, impassível, dominadora:

DONA PAULA - A gente soube que o senhor, hoje à noite, vai armar uma presepada no cemitério, não é mesmo?

484 - P.P. do delegado, calmo, seguro de si.

TONICO - Presepada não, dona Paula.

Ele coça o queixo, buscando inspiração.

TONICO - Nós vamos fazer como se o assassinato do Pacífico tivesse acontecido de novo...

485 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO de dona Paula, que o interrompe, cortante:

DONA PAULA - Bem, seja lá o nome que for, o fato é que o senhor intimou um bocado de gente pra ir ao cemitério. E intimou à toa, porque essa bobajada não vai fazer o meu filho viver de novo!

486 - P.A.C. do delegado, que mexe sua única perna, como se fosse cruzá-la, e faz menção de acender o charuto apagado que tinha na mão. Dona Paula fala, off:

DONA PAULA (off) - Não acenda esse trem fedorento dentro desta casa, me faz o favor.

487 - P.P. da velha senhora, que continua:

DONA PAULA - O que eu quero dizer para o senhor hoje à noite. O senhor pode mandar seus esbirros, o diabo, que a gente não vai de modo nenhum.

488 - P.A.C. - O delegado começa a percorrer com os olhos todos os presentes.

489 - P.G. e P.M. por PAN. - CÂMERA DO PONTO-DE-VISTA DO DELEGADO:
Vêm-se agora o prefeito, Oceano, sentado numa cadeira de braços, de palhinha, do lado contrário ao de Indinho, dona Paula e as duas solteironas e finalmente Indinho. A panorâmica termina neste último, que olha com olhos sem expressão o delegado. Ouve-se no pla-

no a vez off do delegado:

TONICO (off) - Quem é que a senhora não está querendo que vá ao cemitério esta noite, dona Paula?

Os olhos de Indinho fuzilam de raiva. CORTA PARA

490 - P.P. de dona Paula. Ódio em seu semblante. Ela continua imóvel em sua poltrona senhorial.

491 - P.P. de Oceano, que fita abobalhado o delegado, off. Na trilha sonora ouve-se a voz do delegado:

TONICO (off) - Seu filho Oceano sabe bem:

492 - P.A.C. de Tonico Arzão, que com certa dificuldade se põe de pé, apoiado nas muletas. Ele continua:

TONICO - antes de responder se aceitava ou não o cargo de delegado de polícia, expliquei pra ele tudo direitinho. A senhora sabe, e ele também, que não preciso do cargo pra viver, minha fazenda dá renda suficiente, embora eu tenha desleixado muito dela, ultimamente, por causa justamente desse cargo.

493 - P.P. de dona Paula (em segundo plano uma de suas filhas). Ela ouve com raiva mas com atenção as palavras do delegado, off:

TONICO (off) - O Oceano sabe muito bem que ou eu ia mandar deveras, como delegado, ou Tonico Arzão não ^{ia} ser fantoche na mão de ninguém. O que eu disse naquela hora continua valendo neste momento.

494 - P.M. - Através das duas filhas do dona Paula pode-se ver, em foco, o delegado, falando, calmo, sereno:

TONICO - Mas agora minha demissão só vale se vier lá de cima, do Secretário de Segurança do Estado. Porque este crime da morte do Pacífico eu vou resolver de vez, ou não me chamo Antônio Rodrigues Arzão Neto. Não quero faltar com o respeito à senhora. Considero muito a mãe dos presentes, mas minha autoridade de dele-

gado tem que ser acatada, do princípio ao fim. Por isso lhe faço um apelo: não vá botar ninguém debaixo da capa, que não adianta: eu vou apanhar o criminoso no real, não tem nem ver.

495 - P.P. do Oceano, impassível, mas muito interessado no que diz o delegado, que prossegue, off:

TONICO (off) - E a intimação que eu fiz, foi pra muita gente, deveras, mas nem me passou pela cabeça chamar a senhora.

496 - P.P. do delegado. Ele continua, sempre serenamente:

TONICO - Portanto, me deixe agir a meu modo, que assim o criminoso vai parar atrás das grades, juro pelo Cristo-Rei, nosso protetor. E acho que ninguém mais do que a senhora deve estar querendo isso: que o assassino de seu filho receba o castigo que merece.

497 - P.G. (como nº 478 - mesmo ângulo) - Todo o ambiente. O delegado guarda o charuto apagado no bolso do paletó. Ainda diz:

TONICO - Hoje à noite, sem chuva ou com chuva, nós vamos fazer a "presepada", como a senhora disse, lá no cemitério. Agora, se me dá licença, vou chegando que tenho uma trabalhadeira da nada na delegacia esperando por mim.

O delegado começa a caminhar lentamente para a porta. Indinho sai do seu lugar e vem se colocar à frente de Tonico, os braços cruzados no peito, barrando a sua marcha. CORTA PARA

498 - P.A.: o delegado e Indinho. Tonico fita com serenidade o seu opositor. Depois de alguns instantes, diz, com voz firme:

TONICO - Com licença, que eu tenho o que fazer.

CORTA PARA

499 - P.P. do Oceano, que faz um sinal para que Indinho se afaste.

500 - P.A. (como nº 458): o delegado e Indinho. O rapaz afinal se afasta, permitindo que Tonico Arzão continue a sua caminhada. CORTA PARA

501 - P.G. (como nºs. 478 e 497) - Todo o ambiente. O delegado caminhando e os demais protagonistas de nossa estória em seus lugares, estáticos.

"FADE-OUT" e "FADE-IN"

SEQUÊNCIA 30EXT. - CEMITÉRIO E LADEIRA - NOITE

502 - P.P. de um anjo encimando um jazigo no comitório. ZOOM.
 abre rapidamente para focalizar boa parte do comitório, já
 com muita gente, que viera para a reconstituição do crime. No que
 abre vê-se a ladeira que leva ao comitório. Muitos populares vêm
 por ela no rumo do portão principal do campo santo.
SOM - Vozério.

CORTA PARA

503 - P.M. e PAN. - Na ladeira. Uma fila de homens e mulheres
 subindo, trazendo velas e lanternas, a fim de não perder
 nada da reconstituição.
SOM - Vozério; passos.

O céu é riscado de quando em quando por relâmpagos, seguidos de
 trovões.
CORTA PARA

EXT. - PRACA - NOITE

504 - P.G. - A praça principal da cidade, vazia. Relâmpagos.
SOM - Trovões.

EXT. - RUA - NOITE

505 - P.G. - Enquadra-se agora outra artéria da cidade, igualmen-
 te deserta.

EXT. - CEMITÉRIO - NOITE

506 - P.M. e P.G. por PAN. RÁPIDA (CHICOTE) - Enquadra-se agora u
 grupo de populares na alóia principal do comitório, prosean
 do em voz baixa.
SOM - Vozério baixo.

Subitamente sua atenção é atraída para um dos lados. CÂMERA FAZ
PANORÂMICA VELOZ (CHICOTE).

507 - P.A. por TRAV. ATRÁS (ou ZOOM ABRINDO) - Em Plano Americano vemos agora Luzia e seu pai, o coveiro Joãozão, vindo de sua casa. Eles se dirigem para o centro da multidão, postada nas proximidades do jazigo da família Gonçalves Ribeiro. Câmera recua para focalizá-los em sua marcha.

SOM - Vozes aumentando.

A moça e o coveiro estão de cabeça baixa, intimidados.

CORTA PARA

508 - P.G. - O céu ameaçador, cortado de relâmpagos, seguidos de trovões.

SOM - Trovões, voz off.

509 - P.G. e PAN. - Gento em P.P.. Ao fundo o portão principal do cemitério. A atenção de todos se concentra agora na chegada do prefeito, acompanhado das duas irmãs solteironas e do caçula, Indinho.

SOM - Vozes aumentando; trovões.

510 - P.A. por TRAV. ATRÁS - O grupo de Oceano caminhando na direção do jazigo dos Gonçalves Ribeiro, seguido pela câmara em TRAV. atrás. Os espectadores abrem caminho para a família do prefeito, respeitosos.

SOM - Murmúrios.

511 - P.G. e PAN. - Agora focalizamos a chegada do grupo de detidos, formado por Roberto, o francês Pierre, Pedro, Póla-égua e mais dois soldados armados. Póla-égua é o único que tem as mãos amarradas por trás. O povo vai abrindo passagem, agora em silêncio somente quebrado pelos trovões.

SOM - Trovões mais fortes.

Do meio da multidão sai uma mulher negra, justamente Maria Rozadoira, indo colocar-se ao lado do filho, e Póla-égua. Começa a caminhar a seu lado. Mas Tonico Arzão, que vem logo atrás, puxa-a

de perto do filho e obriga-a a permanecer a seu lado. Todos chegam ao ponto pré-fixado como local da reconstituição.

No mesmo plano podem ser vistos Sá Idalina e dois filhos menores chegando ao centro do cemitério. Todos os olhares se voltam para ela.

SOM - Trovões fortes.

A viúva do coronel Pacífico vai colocar-se ao lado do prefeito da cidade. CORTA PARA

512 - P.P. do Péla-égua, a cabeça baixa, soturno.

SOM - Vozco baixo; trovões.

513 - P.P. de Maria Rezadeira, muito tesa, lenço preto à cabeça, mãos juntas no peito, como se rezasse. CORTA PARA

514 - P.P. de Péla-égua, que afinal levanta a cabeça e volta a vista na direção de Luzia, fora do quadro.

515 - P.P. (PONTO DE VISTA de Péla-égua) - Luzia, ao lado do pai, retribui o olhar do Péla, esboçando leve sorriso amigo.

SOM - Murmúrios; trovões.

516 - P.A. - Enquadra-se Maria Rezadeira, ao lado de Tonico Arzão, este dizendo alguma coisa no ouvido de um dos soldados. De repente a negra dispara para o lado do filho, procurando abraçá-lo, aos gritos:

MARIA REZADEIRA - Meu fio! Meu fio! Océ é inocento! Fala que num matô ninguóm! Fala fio! Pelo amor de Deus, seu Tonico! Solta olo! Juro que tá inocente!

517 - P.G. - "RACCORD" de movimento: Maria Rezadeira agarrada com o filho, chorando copiosamente. Os dois soldados a custo conseguem retirá-la de junto do Péla-égua. Os murmúrios e os trovões aumentam de intensidade.

SOM - Murmúrios fortes; trovões.

Maria Rezadeira, então, parecendo ter entrado em transe, joga-se no solo. CERTA PARA

518 - P.A. de Maria Rezadeira rolando no chão de terra, levantando-se, pondo-se de joelhos, estendendo os braços para o alto, gritando palavras ininteligíveis, enquanto a multidão em volta começa a elevar a voz, assustada, comentando.

SOM - Gritos ininteligíveis de Maria Rezadeira; murmúrios crescendo; trovões.

519 - P.M. e PAN. - Um dos soldados postados ao lado do dolegado, do moto próprio, resolve encerrar a "encenação" de Maria Rezadeira: vai até onde se encontra, mas é obstado por Tonico Arzão, que chama-o em voz forte, enérgica:

TONICO - Deixa ela, Aristou! Volte pra cá! O soldado obedece incontinentemente. Maria Rezadeira continua a sua algaravia, suas rezas confusas, em língua de seus ancestrais. Ouve-se a voz do dolegado gritando para os presentes:

TONICO (talvez pff) - Vamos fazer um pouco de silêncio! Respeitem a pobre mulher!

520 - P.G. - A multidão, agora em silêncio, Maria Rezadeira de joelhos, patética, também mais acalmada. Ela está gritando, entre batidas dos punhos contra o peito:

MARIA REZADEIRA - Meu guia Pai Tomaz! Com a invocação de Cristo-Rei, nosso protetor, traga pra junto de nós o espírito do seu coronel Pacífico, prêle dizê que num foi meu fio que matou ele! Pai Tomaz, meu irmão e meu guia! Faiz baixá o espírito do falecido, pra esse povo vê que o meu fio Zé tá inocente!

SOM - Trovões mais amiúde.

521 - P.P. de Maria Rezadeira (populares em 2º plano visual). Ela repete sem cessar a sua invocação de Pai Tomaz:

MARIA REZADEIRA - Faiz meu Pai Tomaz baixá o espírito

do coroné Pacífico! Meu fio tá inocente! O coroné vai prová! Mãe de proteção meu guia Pai Tomaz!

522 - P.M. do portão de entrada do cemitério, vazio. Relâmpagos cortam o céu, seguidos de trovões.

SOM - Trovões.

523 - P.G. (como 520) - O cemitério, a multidão, Maria Rezadeira no círculo aberto à sua volta, de joelhos, na sua invocação. Os relâmpagos crescem de intensidade.

SOM - Trovões; gritos de Maria Rezadeira.

No plano fixo pode-se ver perfeitamente que um vulto de homem alto, vestindo comprida capa de boiadeiro, atravessa o portão e dá entrada no cemitério. Boa parte dos populares volta-se para o portão.

524 - P.M. e P.P. por ZOOM FECHANDO RÁPIDA - O portão, boa parte da ladeira e do cemitério. O vulto caminhando, soturno. O chapelão esconde quase que a totalidade de seu semblante (trata-se evidentemente do ator que interpretar o papel do coronel Pacífico). CÂMERA RECUA ATRAVÉS DE ZOOM para mostrar sua caminhada. O vulto está se aproximando da multidão e do local da reconstituição.

SOM - Trovões; murmúrios se elevando.

CORTA PARA

525 - P.P. de Maria Rezadeira, de joelhos. Ela reza agora em voz baixa. De repente, como numa premonição, ela se volta rapidamente na direção do portão principal. CORTA NO SEU GESTO DE VIRAR SE.

526 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO de Maria Rezadeira, que começa a gritar, sempre de joelhos, batendo fortemente os punhos no peito:
MARIA REZADEIRA - É ele! Ele veio! Óia, minha

gênto! Meu guia Pai Tomaz escutou minhas reza! O coroné Pacífico vem vindo!

SOM - Trovões mais fortes.

CORTA PARA

527 - P.M. de um grupo de espectadores com os olhares voltados para o portão e o vulto caminhando lentamente, fantasmagoricamente. Muitos estão dizendo, apavorados:

UM POPULAR - É mesmo! É o coronel Pacífico, em carne e osso!

OUTRO POPULAR - O defunto voltou!

VOZ - Virgem Maria! Proteção pra nós!

528 - P.P. do vulto (Pacífico), o rosto semi-encoberto pelo chapéu, caminhando lentamente na direção do Maria Rezadeira.

SOM - Murmúrios se transformam do em gritos de pânico; trovões.

529 - P.A. do grupo onde se encontra o prefeito Oceano Moura Alves. Todos estão mudos, hirtos, profundamente impressionados pelo que vêem. A confusão aumenta em redor, com gente começando a correr em todas as direções, aos gritos.

SOM - Gritos; confusão.

Uma das sobrinhas, irmãs de Oceano, desmaia e é amparada pelo prefeito.

530 - P.A. do grupo dos presos. Roberto, o francês, Péla-égua, o garçom e todos os demais manifestam a sua estupefação pelo que vêem. Permanecem parados; em segundo plano populares correndo, em pânico.

SOM - Gritos; correria; trovões.

531 - P.A. por TRAV. ATRÁS - Pacífico sempre caminhando, quase atin

gindo o ponto em que se encontra Maria Rezadeira. Câmera recuando para enquadrá-lo, cortado repetidamente pela luz dos relâmpagos.

SOM - Gritos; trovões.

532 - P.P. de Maria Rezadeira, os braços cruzados, a cabeça pendida sobre o peito, rezando em voz baixa.

SOM - Reza em voz muito baixa; gritos; trovões.

534 - P.G.: como nº 523. Confusão; gente correndo em todas as direções; o vulto vindo; Maria Rezadeira de joelhos.

SOM - Idem.

CORTA PARA

535 - P.A. de Sá Idalina, colocada próxima do prefeito. Ela está com o rosto totalmente voltado para o vulto, off. Seus olhos refletem pavor mortal. Está cadavericamente pálida. De repente, não resistindo à emoção e à tensão, começa a gritar, histérica, deonticamente:

IDALINA - Não! Não! É o falecido mesmo! Tirem ele daí!

536 - P.A. o TRAV. ATRÁS (como nº 531) - Pacífico sempre caminhando parocendo indiferente ao que se passa ao seu redor. CÂMERA VAI RECUANDO LENTAMENTE.

SOM - Gritos; trovões crescendo de intensidade.

537 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO de Sá Idalina, aos gritos, se agarrando agora ao prefeito:

IDALINA - Tirem ele daqui! O falecido vai me matar! Vai vingar a morte dele! Eu matei ele!

538 - P.P. do delegado, sereno, um leve sorriso nos lábios. Gritos off de Idalina:

IDALINA - (Off) - Não deixa ele me levar! O falecido veio vingar do mim!

SOM - Trovões, fortes.

539 - P.G. (como 534) - Todo o local: Idalina aos gritos de pavor se abraçando com o prefeito, gente correndo em todas as direções, Pacífico vindo devagar.

SOM - Gritos; trovões.

IDALINA - Não deixa ele me levar, Oceano! Seu Tonico, me proteja! Eu confesso! Fui eu que matei o Pacífico!

540 - DETALHE de pés pisando túmulos, quebrando vasos de flores.

SOM - Idem.

541 - P.P. e PAN. - Atropelada por um popular uma mulher cai sobre um túmulo, grotescamente.

SOM - Idem.

542 - P.M. e PAN. - O grupo de Idalina, o prefeito e irmãos. A assassina confessa está agora de joelhos, rezando, chorando convulsivamente.

SOM - Como a um sinal dado os trovões diminuem e páram totalmente.

O delegado entra no quadro e obriga com delicadeza Idalina a levantar-se. CORTA PARA

543 - P.A. do Pacífico, que está voltando na direção do portão de entrada. Só.

544 - P.A. de Tonico e Idalina. Ela está de pé, o rosto encoberto pelas mãos. O delegado diz, mansamente:

TONICO - Se acalmo, minha negra. Você vem comigo. Vai me contar tudo, mas não aqui. O falecido já se foi. Não tenha medo.

CORTA PARA

545 - P.M. do grupo do delegado, Idalina, o prefeito, seus irmãos e pequena multidão que permanecera no cemitério, cercando a família do Oceano. O delegado se volta para o prefeito e diz:

TONICO - Está tudo acabado, Oceano. Pode se ir em paz. Eu cuido dela.

O prefeito começa a andar, depois de lançar um olhar para a pobre da Idalina. As irmãs e Indinho o seguem.

546 - P.G. do parte do céu: a lua, enorme, nova, surge por detrás de grossas nuvens erradias.

547 - P.M. e PAN. - Os soldados se aproximam do delegado. Este lhe diz:

TONICO - Podem soltar os detidos. Odorico, você acompanha só Idalina e leva ela na Rural até a delegacia. Eu vou daqui a pouco. Podem ir.

549 - P.M. e PAN. - Enquadramos agora o grupo de Roberto e os outros detidos começando a caminhar no rumo do portão de saída. Roberto volta a vista na direção de Luzia, colocada a alguns metros do grupo do delegado.

550 - P.P. de Luzia, ao lado do pai. Ela percebe que o piloto a está fitando. Ela esboça leve sorriso, cúmplice.

551 - P.P. de Roberto, ainda voltado para Luzia. Ele retribui seu sorriso.

551 - P.M. - O portão, agora vazio, iluminado pela lua viageira. Uma nuvem grossa, esconde a luz. Portão e parte da ladeira escurecem bastante.

552 - P.G. (ponto de vista de Luzia) - O francês, Péla-ôgua e o garçom ganham o portão do cemitério. Roberto vai também na

mesma direção, um pouco mais atrás.

553 - P.A. do um túmulo, um pouco maior e mais luxuoso que os outros. Por trás dele surge a figura do cabo Anselmo vestido como o coronel Pacífico. **IMPORTANTE:** o público ainda não saberá tratar-se do cabo. Ele vai na direção do delegado, off.

554 - P.A. do delegado, parado no mesmo lugar onde foi visto no plano nº 547. Tônico acende novo charuto, apoiado nas muletas. Vindo de um dos lados do quadro surge a figura do cabo Anselmo no seu travesti. O policial agora tira o chapelão da cabeça. Tônico lhe diz:

TONICO - Você fez tudo como mandava o figurino, Anselmo. Pode até trabalhar na televisão ou no cinema brasileiro. Fez tudo direitinho, como eu mandei.

555 - P.P. do delegado, que tira uma baforada do charuto e continua:

TONICO - A Maria Rezadeira fez boa dupla com você. Até eu fiquei impressionado com a presepada da negra...
O delegado volta o rosto para o céu. Depois diz:

TONICO - Até São Pedro colaborou...

CORTA PARA

556 - P.G. - O céu. A mesma luz viageira sai de trás de outra nuvem espessa, negra. Iluminando tudo.

557 - P.G. (mesmo ângulo do plano nº 539) - O cemitério, centrando a figura do delegado e do cabo Anselmo. Este está sentado poçando da capa de fazendeiro, de cor cinza-escuro. Ouve-se a voz do delegado:

TONICO - Vou ter que mandar a Idalina pra penitenciária de mulheres, na capital.
E, como se lembrasse de algo esquecido, o delegado retira do bolso duas notas e as passa ao cabo, dizendo:

TONICO - Dê esse dinheiro pra Maria Rezadeira. Sempre ajuda, coitada. Ela bem que merece.

CORTA PARA

558 - PRIMEIRÍSSIMO PLANO do delegado, que solta outra baforada e diz para o cabo, fora do quadro:

TONICO - Você pode ir, Anselmo. Vou daqui a pouco. Quero espaiar a cabeça.

CORTA PARA

559 - P.A. e P.M. por PAN. - O cabo Anselmo faz continência para o delegado e sai andando, carregando o chapelão e a capa de gabardine do Pacífico.

CORTA PARA

560 - GRANDE PLANO GERAL (FINAL) - INSTALADA EM HELICÓPTERO, CÂMERA COMEÇA A SUBIR PARA MOSTRAR O CEMITÉRIO, COM ÊNFASE EM TONICO ARZÃO. O DELEGADO COMEÇA A MOVIMENTAR AS SUAS MULETAS, NO RUMO DO PORTÃO DE SAÍDA. CÂMERA (HELICÓPTERO) ELEVA-SE LENTA, MANISAMENTE. O DELEGADO GANHA O PORTÃO E COMEÇA A DESCER A LADEIRA NA NOITE APAZIGUADA, ESPLÊNDIDA. NA TELA COMEÇAM A DESLIZAR OS NOMES DOS INTÉRPRETES E AFINAL O DO DIRETOR.

* * *

Rio, março, abril, maio/1970;
outubro, novembro/1973;
dezembro/1974.

Pen Santo Lucia #

OBSERVAÇÕES / ANOTAÇÕES
